D. JAYME

OU

A DOMINAÇÃO DE CASTELLA.

POEMA

POR

THOMAZ RIBEIRO.

COM UMA

CONVERSAÇÃO PREAMBULAR

PELO SENHOR

A. F. DE CASTILHO.

D. JAYME

OU

A DOMINAÇÃO DE CASTELLA.

D. JAYME

OU

A DOMINAÇÃO DE CASTELLA.

POEMA

POR

THOMAZ RIBEIRO.

COM UMA

CONVERSAÇÃO PREAMBULAR

PELO SENHOR

A. F. de Castilho.

LISBOA
TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA.
6, Rua do Thesouro Velho, 6.
1862

COMO TRIBUTO DE SENTIDISSIMA SAUDADE

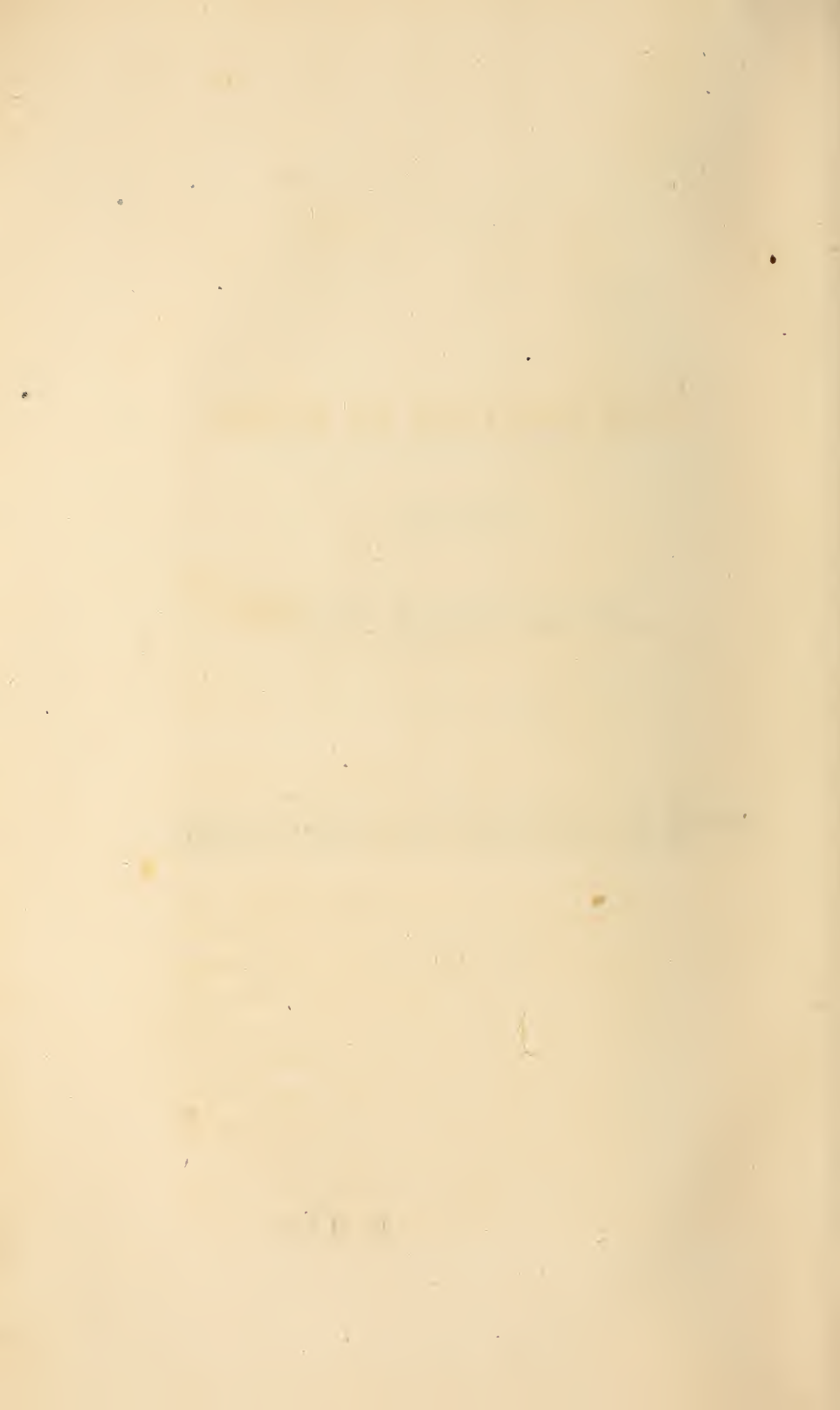
Á MEMORIA

DE SEU CHORADO AMIGO

O EXCELLENTISSIMO

ANTONIO DE ALBUQUERQUE DO AMARAL CARDOSO

O. D. C.

O Autor.

DUAS PALAVRAS DO AUTOR

No dia em que pela primeira vez tive a honra de ler o meu poema ao nosso primeiro poeta o Ex.[mo] Sr. Antonio Feliciano de Castilho, offereceu-me S. Ex.[a] espontaneamente uma introducção para elle.

Calcula-se com que alvoroço eu aceitei e agradeci ao meu autorisado mestre o seu generoso offerecimento; ficaram pagas as minhas fadigas: o meu poema estava nobilitado.

Quando porém li a *Conversação preambular* que S. Ex.[a] mandou para a imprensa, e vi as frases duplicadamente lisongeiras endereçadas ao autor e ao livro, que se dispunham a apparecer no mundo tão modestos como convinha á obscuridade da sua origem, senti que o pejo me afogueava o rosto! Julgava achar uma apreciação severa, com quanto amiga, porque como amigo e muito amigo tinhá eu o seu autor; mas achei uma memoria apologetica, toda a respirar affectos, cordialidades, amores!

Fui ainda procurar o mestre, o critico, para lhe lembrar que seria justo ser menos benevolente, alem dos mo

tivos que me eram pessoaes, para que não julgasse algum leitor mal prevenido, que eu tinha solicitado para o meu poema um cortejo de tão explendidos elogios. O mestre, o critico, tinha saido; encontrei sómente o amigo que se obstinou em o ser.

A todos os meus escrupulos respondeu: que se a modestia do autor podia padecer, o editor era livre para aceitar as considerações que elle julgava a proposito fazer.

Um editor!... era bom se o meu livro o tivesse.

Era facil improvisál-o, mas se a modestia podia esconder-se atraz d'esta sombra que lhe encobria o rubor, a consciencia ficaria gemendo e martirisando-me toda a minha vida. Nada préso tanto como a verdade, e só a verdade podia salvar-me.

Aqui a tem os meus leitores.

Não ha peccado na publicação d'essas bellas paginas, que são o ornamento do meu livro; e se o houvesse, qual dos nossos escriptores, consultando a sua consciencia, me atiraria a primeira pedra?...

Aos meus leitores fica dito o bastante para me não julgarem vaidoso.

Ao meu presado mestre e prestantissimo amigo o Ex.mo Sr. Antonio Feliciano de Castilho consagro um protesto de muito respeito, de muita gratidão, e de muita amizade.

CONVERSAÇÃO PREAMBULAR

O historiographo e propheta do progresso, Eugenio Pelletan, que é sem duvida alguma um dos mais insignes poetas da prosa, tem para si que a poesia formulada e medida, a poesia em verso, está por pouco. Allega suas razões para assim o crer, e vê-se que não ha de ser elle dos que deitem luto quando se der á terra com a derradeira lira a derradeira Musa.

Não o chamo a terreiro, que fôra desacordo pretender medir armas e provar forças com tão denodado e victorioso campeão. Não desejo parecer-me com alguns dos nossos frades, que, presentindo o convento ameaçado pelo seculo, levaram dos trabucos, e em vez de o salvarem, lhe apressaram a ruina.

Por minha parte sento-me pacifico á beira da corrente dos destinos; contemplo o que me passa por diante, e com o que ainda lá vem longe não me altero. Se eu fôr vivo quando já se não fizerem versos, deitar-me-hei no loireiral dos cisnes que foram, e consolar-me-hei facilmente ouvindo-lhes os cantares, milagrosos cantares, cujos

eccos, em logar de esmorecerem com o tempo e com a distancia, se reforçam e se eternisam.

¿Dar-se-ha porém que o prognostico de Pelletan não seja temerario? ¿estarão deveras a emigrar das selvas da alma e para sempre os rouxinoes? ¿o Apollo Homerico, o formoso da perenne mocidade, envelheceria emfim, e jazerá moribundo nalguma cova do Parnazo barbarisado? Quem o sabe! Que se está operando no mundo mais uma extraordinaria metamorphose, isso é innegavel; e que ella ha de redundar em bem, todas as transformações precedentes o certificam.

Fermentam filosofias; reformam-se crenças; innovam-se politicas; accelera-se o trabalho; augmenta-se a producção; amiuda-se a convivencia; derretem-se os exclusivismos nacionaes; tende a organisar-se a familia humana; as sciencias sugam á porfia substancia na propria natureza; as artes nutrem-se das sciencias, e vem descendo prodigas até ao infimo da plebe; o livro desfaz-se em jornaes; a architectura millionaria, pezada, babilonica, dispersa-se em edificações ligeiras, economicas, improvisaveis, ridentes, commodas, compativeis com o variar das modas, com o cambiar e progredir do gosto, com a adopção dos inventos e descobrimentos que possam vir; a filarmonica penetrou na aldeia e subiu ás serras; o sol fez-se retratista para todos; a prensa lythographica atavia de paineis a morada do pobre; o buxo gravado explica, desenvolve, e completa a palavra escripta, convida á leitura, e cunha na memoria; as machinas desoccupam os braços do trabalho servil, e promettem bandos novos de applicados a creações de mais subida natureza.........

....

Mas que emprehendo eu numerar ondas neste oceano

revolto e creador! Sente-se (consolemo-nos) que se andam aparelhando magnificos futuros; nossos netos os desfrutarão por nós, como nós estamos gosando do que nossos bisavós nunca pensaram.

Um progresso essencial falta comtudo entre tantos progressos; um progresso, que a todos os outros duplicaria alma e criaria azas: é o ensino elementar *gratuito e obrigatorio*; esse principio sacrosanto, hoje solemnemente prégado ao mundo pelo autor do evangelho social, intitulado *Os Miseraveis*, mas já antes d'elle annunciado e servido de alma e coração neste pobre canto de terra pelo obscuro autor das presentes linhas. E mais ainda pedia este e pede, supplicava e supplíca, propunha e propõe, para o alumiamento do povo, criança adulta de hoje, e da puericia, que ha de ser a nação de amanhã: queria, e quer, que a escola, além de *obrigatoria e gratuita*, seja tambem sympathica pela claridade das doutrinas, attractiva pelo natural e aprazivel dos methodos, maternal pela completa abstenção de rigores escusados e contraproducentes; que ali se desenvolvam a par as forças e a destreza do corpo, as faculdades do espirito, e as boas disposições moraes, até agora atrofiadas e pervertidas pela ignara brutalidade do pseudo-ensino, impia e descarada mentira de tantos seculos.

Qué homens e que mulheres se não devem esperar das crianças instruidas e educadas em taes ninhos! A elles e a ellas é que está reservada a gloria de serem a primeira colonia civilisadora e liberal d'este paiz. No meio de gente d'essa não se haja medo de que se recebam jámais com indifferença, com apupos, ou ás pedradas, os alvitradores de idéas praticas prestadias! Lá, quando alguem trouxer para a communidade um presente de bons fructos enfei-

tados de flores, não se lhe responderá que o lance para um canto a apodrecer; e muito menos que se não sabe se as flores são flores, e os fructos, fructos, quando uma e outra coisa vem patente, e para não as ver é forçoso fechar os olhos com obstinação! Bom tempo! bom tempo! Quando isso for, tambem eu hei de ter por monumento um canteirinho de saudades! e velhos de então, agora meninos, m'as hão de orvalhar com algumas lagrimas, lembrando-se do longo martirio de menoscabos que para lhes bemfazer a elles e a seus descendentes, curtira o seu amigo.

Ora: será verosimil que nessa povoação de amor, bellas almas com quem eu já convivo em esperança, a poesia chegue a despir as suas galas recamadas de oiro! ella, a divina filha de Orpheu! ella, a sempre adorada, até nas eras menos cultas, até nas mais silvestres regiões!

¿Não reconheceu o mesmo Pelletan que de grau para grau da civilisação nenhuma das conquistas anteriormente feitas se perdia? ¿Havia então de se perder esta, a mais formosa, e quasi que a mais natural de todas as artes, e tão antiga, que não faltou quem a reputasse irmã primogenita da eloquencia? Desejo que se engane o meu primoroso escriptor; e vaticina-me o coração, se já não é o discurso, que assim ha de succeder.

Verdade seja que a poesia por toda essa Europa se anda já de annos descurando notavelmente. Que é do successor de Byron, de Goethe, de Schiller, de Manzoni, de Espronceda, de Lamartine e Béranger? Existe na verdade um que os excede a todos, e não envelhece nem se exhaure: o autor das tragedias modernas, das *Odes e balladas*, das *Orientaes*, das *Folhas d'outomno*, das *Poesias politicas*, dos *Cantos do crepusculo*, das *Vozes intimas*, dos *Raios e som-*

bras, das *Contemplações*, da *Lenda dos seculos*, do *Fim do reinado de Satanaz*, de *Deus*, das *Canções das ruas e dos bosques*, e quem sabe do que mais! Esse não sai da liça; ha de morrer com a lira triumphal em punho. Não vê, ha já muito, rivaes em torno a si; e não achando competidores a quem vença, vence-se a si mesmo de anno para anno; e por um privilegio só a elle concedido, quando o julgam pelo tempo entrado no seu inverno, reapparece reflorido de primavera, resplandecente de estio, verdadeiro Esão do genio, que pode já presentir nos seus milagres a sua immortalidade.

Mas apagar-se-hia para todos os mais o fogo sagrado? Impossivel. É, certamente, que a actividade dos espiritos anda agora noutro rumo. Onde todos lidam na faina, minguam os ocios para cantar e para ouvir; e mesmo onde os ouvintes fallecem, mal poderia haver cantores.

O que vai pela grande Europa, dá-se tambem no pequeno Portugal. De sobejos annos a esta parte refervemos todos numa continuada revolução, ora tempestuosa e á superficie, ora surda e recondita, ora tenebrosa, ora resplandecente. É uma fermentação geral que não se interrompe; é um revolutear insofrido de todos e cada um ás portas cerradas do porvir.

Nestes momentos de absorpção, de preoccupações, de incerteza, ate os bardos se fazem obreiros, pelejadores, intrigantes, egoistas, covardes, ou scepticos; se algures se conserva a poesia, é nas criancinhas e nos passaros; é nas mulheres e nas flores; é na natureza insensitiva e formosa, que lá vai continuando o seu espectaculo sublime, em quanto os espectadores distraidos olhando para outra parte conversam noutros assumptos.

Dos nossos poetas, que tantos e tão viçosos pullullaram

sempre ao bafo benignissimo d'estes ares, quantos apontamos hoje em dia? Morreram uns; envelheceram outros, que é peior maneira de morrer; outros secularisaram-se para os negocios; outros desertaram para a politica; não poucos succumbiram á epidemia da inercia, e jazem, sobreviventes a si mesmos, sobre os seus proprios nomes, como estatuas sobre tumulos, armadas, mas inertes.

Foram-se: o Curvo Semedo, o Xavier Botelho, o Bingre, a Marqueza d'Alorna, o Nunes Cardoso, o D. Gastão, o Morgado d'Assentiz, o Conde de Sabugal, o Leitão de Gouvêa, o Pimentel Maldonado, a Pimentel Maldonado, a D. Josepha de Balsemão, o Vicente Pedro Nolasco, o Pinto Rebello de Carvalho, o Cyro Pinto Osorio, o Garrett, o Soares de Passos, o Pereira Marecos, o Freire Cardoso da Fonseca, o Silveira Malhão, o Costa e Silva, o Lima Leitão, a D. Emilia de Castilho, o José Maria Grande, o Duque de Palmella, o Correia Caldeira, o João de Aboim, o Passos Manoel, o Rebocho.

Estão mudos: .... Supprimo d'aqui, depois de já escripto, um catalogo de mais de oitenta nomes. Fôra temeridade converter tantas inercias numa actividade clamorosa contra mim, e depois, sem proveito para pessoa alguma. Deixar dormir quem dorme.

Tanti morir e nascere
Su questa piaggia amena
Di voi vid'io, ch'esistere
Voi mi sembrate appena.

No meio d'este silencio gelado só dois, que eu saiba, se obstinam em poetar: o primeiro, é Mendes Leal, o mais fecundo dos nossos escriptores, que nem com os summos

negocios do estado, que o desvelam, se julga dispensado da augusta religião litteraria em que professou; o outro (concedam-me não o dissimular) o outro... sou eu, que nunca desde todo o principio larguei o culto do bello senão pelo do mais bello: nunca desci do Parnazo senão para entrar na escola; nunca interrompi, nem interromperei, o canto, *perpetuum carmen*, senão para arrotear a alma do povo, afim de que sabios e bons possam nella esparzir ás mãos cheias sementes de proveito, que as influições do ceo não deixarão de prosperar.

A cada um a sua tarefa: ao Camões, solemnisar o que fizeram os portuguezes; a Mendes Leal, coadjuval-os nas suas emprezas hodiernas; a mim, preparar-lhes a estrada larga para eras novas, mais felizes que a actual e as preteritas. Tres *Lusiadas*, se desiguaes no vulto, iguaes de certo na manifestação d'amor á patria! O poema de Camões, merecedor, pela fama que nos grangeou, do monumento que lhe levantâmos; o poema de Mendes Leal, não de rimas senão de obras positivas e massiças; o meu, se me não atassem as mãos, que forcejam por executal-o, não de rimas nem de obras para já, mas de felicidade publica a medrar pelas eras alem. Todos tres estamos pagos do nosso patriotismo: todos achámos a ingratidão. Para o primeiro, já chegou a justiça; para os ultimos, ella chegará; se não fôr em vida, será depois; se não vier num seculo virá noutro; se não fôr nas folhas avulsas, que voam, será nas paginas da historia, que fica. Quando se gosa de taes convicções, pode-se esperar e cantar.

Por isso nós cantamos, quando tantos outros cantores estão calados.

Quanto a mim, a quem Mendes Leal de certo inveja o viver obscuro, que tão bem se lhe lograria, resolvi quasi,

com uma habilidade que ninguem para si cubiçára, o problema de não ser coisa alguma neste mundo: cá me vivo no meu suburbano com tudo que me é caro, sempre utopista, mas sem ambições pessoaes; reverdecendo todas as primaveras, e em todas ellas florindo e gorgeando o meu poucoxinho. Murmuram-me mais as folhas verdes, que as dos periodicos. Passo todo o anno em Tibur. Não me carteio com Augusto, nem me visita Mecenas: mas bons amigos poetas, esses acodem muito pontuaes ao convite do meu bosque de seis arvores, infructiferas como as de D. João de Castro. Não subo nem desço para passar, segundo a estação e a hora, da bibliotheca para o jardim, ou do jardim para a bibliotheca. Nella, oiço cantar todo o passado; nelle, respiro em fragrancias o presente; e ermando, e devaneando, cá vou colhendo, ora filosofia social, ora simples poesia, conforme dá o girar livre e fantasioso do espirito. Do meu Horacio tomei a lição:

Condo, et compono, quæ mox depromere possim.

Já me disse, não sei quem, ser frivolo, semi-pagão, e para pouco, este viver; havia de ser algum politico militante. Foi de certo (se não era algum invejoso, ou inimigo solapado). Varonil ou não, Deus m'o conserve por annos largos com esta mesma paz por dentro e por fóra, e lá se verá depois quem deixou na colmeia melhor favo. Cuidam elles que nada ha sério senão o coadjuvar ou impecer o bulicio governativo; pois eu sei na consciencia que ha neste mundo coisa muito mais séria e bemfadada. Uma cantiga de Horacio, improvisada ao pé da cascata do Annio, um simples verso de Virgílio, suspirado debaixo de qualquer murta napolitana, sobreviveram a quan-

tos altos negocios do mundo então conhecido se discutiram no senado romano, no triunvirato, ou na cabeça omnipotente de Octavio Cesar. As leis envelhecem, caem, e substituem-se por outras:

Ut silvæ foliis pronos mutantur in annos;

os versos não; nenhum poema revoga os poemas anteriores. A *Iliada*, a *Eneida*, os *Lusiadas*, estão mais vivos e mais vivazes hoje que nos dias em que nasceram.

Deixem-me portanto quieto na minha occupada ociosidade, como os eu deixo a elles nas suas cuido que ociosas occupações:

.... trahit sua quemque voluptas.
Florentem cytisum sequitur lasciva capella.

Corre como averiguado entre os entomologistas serem as abelhas animalculos tão absortos no seu melifico e harmonioso trabalho, que nem estampido de trovões lh'o interrompe, ou lhes põe medo; sou eu logo como as abelhas, que, por mais que estrondeassem lá pela cidade as revoluçõesinhas ephemeras, mal lhes perceberia uns ecos neste recanto:

.... sedet inscius alto
Accipiens sonitum saxi de vertice pastor.

Em tão bom remanso me estava eu pois uma tarde d'estas cuidando entre mim naquelle ruim prognostico de Pelletan, prognostico de que as rãs no meu tanque redondo, como se me estivessem lendo por dentro, pareciam rir ás

gargalhadas, quando, muito a ponto, veiu tomar assento no meu banco de cortiça, que o dá bem para tres, o meu bom e velho amigo Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.

Se vós o não conheceis senão pelas suas excellentes poesias: o *Tasso no hospital dos doidos*, a *Carreira veloz*, o *Outomno*, e as mais, conheceil-o pouco, e folgareis de que vol-o apresente.

É o nosso Cordeiro um prototypo do provinciano amavel; bemvindo e festejado em qualquer sala cortezã. Nos gostos singelos e faceis não desdiz do seu patricio, o autor da *Primavera* e do *Pastor peregrino*. Este *Lobo* e *Cordeiro* não são fabula; são uma gloria muito verdadeira da sua Leiria. O logarejo das Córtes, selvatica e pittoresca nascente do Liz, deu berço ao nosso Rodrigues Cordeiro, como provavelmente dera sombras estivas e inspirações ao Rodrigues Lobo, originaes de lindezas rusticas para os seus quadros, e talvez a idéa e o titulo da sua *Côrte na aldeia*.

Que donosos sitios! Tenho saudades dos tres dias que, ha já hoje oito annos, ali passei, patriarchal e *Gesnericamente* hospedado pelo meu poeta. Quanto não era eremitica, melancolica e voluptuosa ao mesmo tempo, a guarita desamparada, onde conversavamos, liamos, ou scismavamos, impendentes do alto da ribanceira ao estrepito da matriz do rio, aos murmurios da espessura tão verde que a insombra, e aos rouxinoes, que não querem outros escondrijos para os seus requebros! Foi por força d'ali que lhe surdiu a gentil musa pela primeira vez; e tenho que d'ali é que se lhe formaria desde todo o principio a amenidade da indole.

Eu quero-lhe como a irmão gemeo. Ha nelle uma coisa que eu ainda aprecio mais que o seu talento: é a bon-

dade inalteravel que, em tudo que diz e faz, lhe está de dentro saindo em resplendores de alegria. Depois: é um enthusiasta, como eu, das crianças, e um partidario activo da communhão universal do *A-B-C*. Não é d'estes liberaes que só bravateam: é dos pouquissimos que muito mais do que pregam, executam. Dois annos regeu elle uma escola nocturna de primeiras lettras a meninos e adultos, na cidade, a uma legua das suas Córtes, sem faltar nem pelos maiores desabrimentos do inverno, custando-lhe duas leguas cada lição; e isto sem recompensa, nem esperança, nem desejo d'ella, senão que dispendendo ainda do seu haver para a manutenção de tão pia obra.

É muito, não é?! Pois ainda não é tudo! Este homem de tempera tão antiga, ou tão futura (não sei como diga isto) sobredoira todos os seus outros merecimentos com o mais raro nestes ruins tempos que vão passando, em que a ociosidade dos talentos se desfaz em maledicencias invejosas, como a podridão em tortulhos de sapo: não só não abusa do seu engenho para matar com venenos as reputações, mas todo se ensoberbece quando vê aqui ou acolá fulgurar algum talento.

Imaginem agora como elle não viria radioso, tendo para me denunciar a existencia de um novo poema dos mais finos quilates, e de um poeta destinado ás mais soberbas coroas!

Desconfiei o meu tanto dos seus encarecimentos por saber de raiz que nelle a affeição facilmente se desata em borbotões de enthusiasmo, e não deixei de lhe oppôr, sorrindo, esta contradicta. Prometteu-me, para me convencer, voltar ao outro dia com o seu achado. Desempenho de palavra mais galhardo, nunca o houve. O meu retiro recebeu o novo poeta, já anciosamente esperado por uma

pequena sociedade quasi domestica, merecedora de o ouvir, e muito apta, por instrucção e gosto, para o apreciar. Contavamos com muito; saiu-nos muito mais.

Antes que fallemos do poema, razão será havermos alguma noticia do autor. Como a historia litteraria ha de algum dia tratar d'elle, bom será prevenir-lhe já aqui apontamentos.

É Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira um gentil moço de trinta e um annos *, e varão feito no juizo e madureza. Paes, torrão de nascimento, e creação, tudo conspirou para temperar a indole com que o prendára a natureza. Abriu os olhos na abastada mediania que Horacio chamou *aurea:*

........tutus caret obsoleti
Sordibus tecti, caret invidenda
Sobrius aula.

Achou-se ao nascer herdeiro d'honrada fama, accumulada de paes a filhos e mantida como thesoiro; geração limpa, sã, e para se pôrem nella os olhos, como diria o bom fallar da nossa terra; apontando-se já na parentella alguns talentos poeticos, de mais ou menos brilho. O pae, João Emilio Ribeiro Ferreira, proprietario lavrador, e a mãe, D. Maria Amalia de Albuquerque, apuraram nos dois unicos filhos que tiveram, os maiores desvelos, para que a tradição hereditaria de merecimentos se não viesse nelles a acabar, antes, se fosse possivel, se melhorasse em lustre; e favoneou-os o ceo na diligencia.

Na sua aldeia natal de Parada de Gonta nas frescas margens do Pavia, passaram a primeira puericia Thomaz e

* Nasceu a 1 de julho de 1831.

seu irmão Henrique Ribeiro Ferreira Coelho, hoje abbade de Santa Maria de Silgueiros, e tambem poeta.

Jazem os campos do Pavia entre o ameno Valle de Besteiros aos pés do Caramulo, e a magestosa Serra de Estrella, arredada apenas cinco leguas. Região mais deliciosamente campestre, não a alardeia Portugal; e se á formosura se lhe pretender ajuntar nobreza, como realce, nem esses accidentes lustrosos lhe fallecem.

Do Monte Herminio foi o Viriato, que á frente dos seus pastores escarmentou a omnipotencia romana O arraial d'esse Annibal rustico, ainda hoje em dia serve de brazão a Vizeu, mantendo o nome de *Cava de Viriato.*

De Vizeu, se não foi do Rio de Loba na visinhança, saíu o pintor Grão Vasco; e de Avô, nas ribas do Alva, o poeta Braz Garcia de Mascarenhas, cantor do mesmo Viriato.

Quero deixar a este poeta o celebrar-vos o pittoresco e fertil do paiz:

Entre estes frios tumulos de Marte
natureza, que aos altos foi avara,
fecunda os baixos com favor da Arte,
que nos uteis suores não repara;
a cada lado valles mil reparte,
bosques faz dividir, veigas separa,
campinas rega, prados, e hortas ata
com mil laçadas em grilhões de prata.

Censos, que sempre dão os caudalosos
Alva, Mondego, e Zezere agradaveis,
a Ceres por seus fructos abundosos,
a Baccho por licores admiraveis,

a Minerva por oleos numerosos,
por bosques a Diana innumeraveis,
que tudo são com gloria da inventora,
de Pomona doceis, sitiaes de Flora.

Dizem os naturaes que nós, os de Lisboa, só temos uma Cintra, e elles por lá as teem não somenos por toda a parte.

Agora pelo que toca ao proprio torrãosinho que algum dia se ha de jactar de ter procriado o nosso Thomaz Ribeiro, elle que vol-o pinte:

Que fresca aldeia formosa
nas margens do meu Pavia!
tão branca, tão buliçosa,
tão susurrante e donosa
no seu copado arvoredo,
como festiva *Fogaça*,
num dia de romaria
toda vestida de caça,
com lenço de seda verde
no airoso collo abraçado,
e um iris de mil matizes
na breve cinta apertado;
e no peito e no cabello
o mais completo jardim!
Não achaes o quadro bello?
pois bem, a aldeia era assim.

Quem por taes sitios brincou os dias da meninice, quem adolesceu pescando por aquellas aguas, caçando por aquelles montes e bosques, quem por inclinação tratou de perto

a boa gente serrana d'aquellas paragens, tão portugueza das boas eras ainda hoje na fé e probidade, no fallar e na singeleza, e quando for preciso mostral-o no aferro á patria, como lh'o deixou ensinado o seu Viriato, bem se pode gabar de lhe terem fadas amoraveis bemfadado a existencia para poeta.

Terminados em Vizeu, com grandes creditos para os seus mestres, os estudos das humanidades, passou-se o nosso guapo serraninho para Coimbra a cultivar a jurisprudencia.

Se não foram as saudades da familia e dos amigos, pouco o magoaria a mudança dos logares. O Mondego, filho da sua Serra de Estrella, lá tinha em Coimbra outro paraizo de poesia á sua espera.

Sempre se me figurou a mim que o Mondego bem sabia o que fazia em se enfeitar com tanto esmero para namorar a Coimbra e encantal-a. Via ali um viveiro de mancebos alados, captivos em nome das sciencias, que são anciãs e austeras, aos pés de uma fabulosa Minerva de marmore; digo de marmore por fallar poetico; talvez seja de lioz d'Ansan. Era razão confortar esses pobres saudosos com um espectaculo ao menos que na vastidão, verdor, e viço, lhes condissesse com a edade, os preservasse de morrerem nostalgicos, e aos d'entre elles que tivessem nascido rouxinoes, os educasse no cantar desafiados uns com os outros por debaixo de sombras florejantes. Sem um Mondego para consolo, que moço resistia ao seco, peco, e senil estudo da jurisprudencia por exemplo? Se o tomassem a valer, saíam decrepitos aos vinte e cinco annos; aos trinta estavam enterrados sem epitaphio.

Vindo nós, uns estudantes, uma vez rio abaixo de Santa Comba para Coimbra, passou-nos o barco por uma an-

gustiada garganta entre ribas aprumadas e altas, congerie de penedia como que arrumada por mão em idas sobrepostas umas ás outras, pautadas, direitas, como volumes em bibliotheca. — «Aqui é que chamam a livraria do Mondego» — nos disse um dos barqueiros. — «Agora está elle a estudar alto» — acudiu, rindo, um meu condiscipulo. Vinhamos de ferias do Natal; tinha chovido; a corrente ía grossa e tumultuaria. — «Apostaria que vai ideando, — lhe volvi eu — o poema da sua primavera; se assim é, já se viram livrarias mais mal empregadas. O nosso Mondego quer-se mostrar digno do seu bordado capello e florída borla de doutor em amenidades; foi elle quem deu o primeiro grau poetico ao Gil Vicente, ao Antonio Ferreira, ao Sá Miranda, ao Camões, e a trezentos outros de illustre nomeada até aos nossos dias, e promette continuar.» — Continuou com effeito, e ha de continuar sempre. Eu por mim tão devoto lhe sou, e creio tanto na milagrosa virtude de suas aguas hypocrenicas e remoçativas, que ainda no fim d'este abril lá me fui peregrino para lançar cãs fóra na *Lapa dos Poetas*, e com os que por lá houvesse, commemorar o qüadragesimo anniversario da festa de maio. Tinham-me dito que nenhum acharia ao presente; não quiz acredital-o, e tive razão. Se a Lapa se não viu d'esta feita alvoroçada outra vez de cantores, não foi por minguarem elles em Coimbra, pela qual se pode dizer, como Pompeu em Roma depois de transposto por Cesar o Rubicon: — «Em eu ferindo com o pé a terra, para logo de toda ella pullularão legiões.» — Só por culpa da mesma primavera é que eu a visitei sem mais companhia no seu alcaçar frondente. Outrem, que não fôra o seu antigo amante, não a iria saudar por debaixo de chuveiros no primeiro de maio. Por culpa d'ella

sim, que se disfarçou em inverno, é que eu me vi lá sósinho com as minhas saudades, e bom meio cento de rouxinoes, que mesmo encoberta a reconheceram.

Poetas na mocidade academica, repito, não escaceavam. Se lhes foi d'esta vez a Lapa inhospita, congregou-nos em sarao o theatro; e regalei-me de achar, contra o que me agoiravam, tantos e tão esperançosos talentos a conservarem sem quebra a antiga tradição de poesia, protestos vivos e eloquentes contra o vaticinio de Pelletan. Dez foram os que recitaram; cerca de dez os que por excessiva modestia se retraíram. Até, como que simbolisando a musa do Mondego, uma gentil poetisa veiu, nova Sapho, merecer neste certame corôa de loiro e murta. Ditosa filha de Coimbra! com os teus donosos vinte annos todos em flor! com a tua voz suave e timida, como aroma exalado da tua alma! Amelia Geni, perdoa se hoje, diante de maior publico, te renovo os meus applausos.

Não tem, não tem razão o Pelletan, por mais que diga.

Já quando oito annos atraz eu ali fôra, então não como romeiro do bello, mas como apostolo do bom, não para sonhar na Lapa, mas para lidar na escola, não para os passaros dos choupaes, mas para os filhinhos dos meus conterraneos, já então ao meu reclamo se levantára no mesmo sitio outro igual bando de trovadores, entre os quaes já começava a citar-se como distincto o nome de Thomaz Ribeiro; mas havia no corpo academico o João de Deus, o Soares de Passos, o Alexandre Braga, o Silva Gaio, o Ayres de Gouveia, o Filippe do Quental, o Silva Ferraz, o Soares Franco, o Marecos.

Se d'aqui a outros oito annos lá forem, se forem ao cabo de oitenta, e lançarem pregão para oiteiro, deixo apostada a minha urna, se a tiver, que m'a quebrem e

sumam, senão hão de ver acudir numerosos successores dos cisnes de hoje, e de sempre. Por força; todos os ares teem seu condão especial; o d'estes é criarem boninas e versos. O que dá lastima, é que, nascendo por si as boninas, que são o menos, e tão depressa se desfazem, os versos para rebentar careçam d'estas provocações de fóra, d'estes fortuitos incitamentos que podem tardar, que podem até não chegar nunca. Porque não farão os poetas á *Lapa dos poetas* a sua romaria annual? Bastará a esperança de um tal dia, para lhes fecundar o anno. Com fé lhes envio a lembrança; possam elles aproveitál-a com amor.

Bom acerto ou boa inspiração me parece que foi agora esta, de trazer para aqui um alvitre tão facil e fecundo. Como sai acostado a um poema que todos hão de ler e reler, pode ser que essa boa sombra lhe careie benevolencias, e que pegue a final. Lá sobre os fructos que elle ha de dar depois de pegado, não digo eu *talvez;* conto com elles, como quem os está vendo. É assim: — pois uns pausinhos seccos esfregados por um selvagem concebem calor e levantam chamma, e almas inflammaveis de mancebos, percutindo-se umas com as outras entre as mãos do milagroso genio da convivencia, não se haviam de desatar em fogo?! haviam e hão-de, que assim tem sempre acontecido.

Mas não é só para Coimbra que devemos invocar estes sociaes estimulos da poesia; toda a terra, todo o ar, todo o ceo de Portugal, foram temperados para ella; muita rocha parece arida, que em lhe tocando vara de propheta se desentranha em fontes caudalosas.

Tornára eu a apostar, que, se os moços que de todo o reino confluem a Coimbra e lá se formam em mais de um sentido, colhessem nessa feliz edade, com a frequen-

cia dos saraos poeticos e musicos, o gosto, o habito, a necessidade d'estes nobres prazeres, e os fossem depois disseminar por onde os levasse o seu destino, ou a Providencia, não haveria ponto no territorio em que se esperdiçasse o minimo engenho.

Prometteram-nos um dia (*em francez*) para desconto da nossa independencia, e pelo *modico* preço de alguns milhões, quantidade de Camões, para a Beira, para o Algarve, para todas as provincias! Sem tanto custo, e sem custo nenhum, os poderemos nós ter, logo que se aproveitem os que nascem; que isto emfim é chão hispanico, ar italiano, e sol de paraizo.

Talvez o interviu por sonhos o meditativo mancebo, ainda hontem Rei, quando previdente nos fundava uma Faculdade Superior de Lettras. Quem lavrava cupula tão soberba, claro está que já no animo antevia o edificio. O alicerce havia de ser a instrucção elementar; desejou-a devéras; não lhe tinha ainda acertado bem a mão, porém roçava-lhe já perto. Por cima d'esta solida e ampla base, facilmente se iria erigindo e compaginando o mais: as associações arcadicas e academicas; os premios ás composições de merito,

o favor com que mais se accende o engenho;

o arrasamento de todos os estorvos, que difficultam, ou prohibem, a impressão dos livros; o seguro para os talentos fieis á sua vocação contra as incertezas do futuro, ou antes, contra a certeza de um futuro desgraçado etc.

E morreu Principe que tanto sabia prever, e tanto ousaria diligenciar! esperemos que não morreu; mudou de nome, nada mais: era D. Pedro; é D. Luiz.

Ai! que vôo que eu ia agora levantar do fundo da minha floresta das seis arvores, para lançar de bem alto um grito sobre o vergonhoso desperdicio d'alma que vai por este reino! Torno a sentar-me, que para festas, não para queixumes, é o dia em que nos cai nas mãos inesperado o mais substancial e formoso fructo de poesia que de muitos annos para cá se tem criado por aqui.

Quanto ao poeta, dou que já o estais conhecendo, desde que ouvistes haver sido o seu nascimento e primeira criação no viçoso ninho da Beira, e a sua educação de homem, a tomada da toga viril do seu engenho, em Coimbra.

Mais um ou dois leves toques no retrato.

—«Dize-me com quem lidas, dir-te-hei quem és»—resa o proverbio; pois o mais constante companheiro de Thomaz, foi, já desde a escola de latim em Vizeu, o nosso Virgilio. Com Virgilio adormecia e amanhecia; com Virgilio rusticava; com Virgilio se ia á pesca pelo Pavia, ou á caça nos bosques:

Flumina amem, silvasque inglorius.......

A Horacio não o conheceu por muitos annos; e a Ovidio, só o enxergou depois de velho e triste, lá no Ponto a dormitar sobre as neves debaixo da Ursa.

Dois foram portanto os poetas, unicamente dois, que affeiçoaram á sua imagem o espirito do nosso, o seu coração e o seu gosto: Virgilio, e o Genio dos campos. Melhores, nem mais afinados um pelo outro, não lh'os podia deparar a sua estrella d'oiro.

Com o tempo outros vieram visitál-o e hospedar-se, mais ou menos assiduos, na sua ermidinha natural e vir-

giliana. O Camões, por duas prendas ou dotes lhe caía em graça: queria muito, queria tanto como elle, a Portugal; e fallava um portuguez de lei como ainda hoje se usa pelas aldeias e montes da Beira.

O fallar castelhano é meio portuguez, quando menos; Camões, e outros poetas do seu tempo, tanto o cultivaram a par com a lingua patria, que até para lá sairam classicos.

Na leitura do castelhano, se hoje em dia a frequentassemos, como cumpria, bem facil e bem agradavelmente poderamos nós retemperar ainda hoje o bom fallar vernaculo, que assim se nos vai desbaratando.

Acudiam a Vizeu companhias de comediantes hespanhoes. Frequentava o nosso poeta com particular gosto aquellas representações; sabiam-lhe a portuguez do mais selecto e refinado. Urdiu e apertou relações com os actotores mais instruidos; um d'elles, era poeta, D. José Maria Leon. Com esse chegou a tratar amizade. Por ali, o namorado, viçoso e opulento idioma dos nossos argutos visinhos se lhe veiu a tornar familiar; vantagem não pequena para quem bem sabe apreciál-a. Zorrilla entrou desde logo para o diminuto e escolhido numero dos contubernaes mais acceitos ao seu espirito. Victor Hugo, que é hoje para elle, e com razão, o predominante, só chegou muito depois, e foi bem assim. Primeiro, os clarões da alvorada para que os olhos despertem e aprendam a vêr; depois, o sol

Sob as influições das musas castelhanas, compoz o nosso poeta um drama por titulo *A mãe do engeitado*, que passado á lingua visinha, e ornado de musica por D. Ramon do Prado, foi do publico recebido com applausos.

Formado, com bons creditos, na faculdade de direito em

1855, deixou Coimbra cheia de saudades de tão bom hospede, levando-as elle tambem, e não poucas, no coração, para a sua aldeia e familia, que já podiam antever para si um preclarissimo brazão. Acabava de provar nos estudos chamados sérios a verdade do que outr'ora escrevêra o Antonio Ferreira:

> Não fazem damno as Musas aos doutores,
> antes ajuda a suas lettras dão;
> e com ellas merecem mais favores
> que em tudo cabem, para tudo são.

Seguia-se evidenciar tambem que os negocios da republica nem sempre matavam o estro, posto que a regra seja essa infelizmente. Haja vista ao Soares de Passos que enterrou a musa sob os autos forenses e morreu; haja vista ao Alexandre Braga, que está mudo, ao João de Lemos, ao Pereira da Cunha, ao Palmeirim... (lá tornava eu...) emfim a tantos e tantos que estão mudos. Thomaz Ribeiro foi administrador de concelho, foi advogado, é deputado hoje, e poeta sempre.

Eis aqui o homem que o meu Cordeiro vinha todo soberbo apresentar-me.

Ignorava eu ainda então as particularidades que deixo tocadas; e por isso não é muito que ao nome de *Serra de Estrella* (é esta uma das parvulezas dos infatuados com as cidades) se me representasse logo na fantasia uma especie do classico aldeão do Danubio. Pouco me daria a mim d'isso, como fosse verdadeiro o engenho que se me pregoára; mas, para realce da maravilha, o provinciano saiu-me um cortezão; o caçador montanhez, um cavalheiro. Antes assim; aquillo já não era mau, porém isto é melhor.

Breve, e para concluirmos o retrato: o poeta, que por suas maneiras cortezes e delicadas, ainda que nativas e desartificiosas, não descaberia na sociedade litteraria de um Luiz o Grande de França (Gósto de ver como afina bem este nome de *Grande* com o de Luiz; oxalá nos seja para as lettras bom auspicio) este poeta que a natureza e a sorte haviam prendado com todo o necessario para o ser, recebêra ainda por cima, como graça original sobre graça original, um condão de presença, e uma suavidade de voz tão insinuativa, que a boa poesia por elle recitada adquiriria novo lustre.

Acolhi-o como quem já esperava bastante, mas não sem minhas entreduvidas cá por dentro; porque emfim, o que o enthusiasmo do meu Cordeiro me preconisára, com aquella intimativa que lhe conheceis, trasbordava, e muito, do verosimil. A recitação do poema, em que para logo entrámos, provou com effeito que o annunciador não fôra exacto. O poema sobrelevava aos seus louvores, e á expectação que d'esses mesmos louvores se originára nos ouvintes, poucos, mas illustrados e judiciosos, que lhe eu havia prevenido.

Já acima toquei isto, mas não importa que o repita.

Era agora o lanço proprio de eu dar conta do poema, verdadeiro alvo a que vinha desde o principio ordenada esta *Conversação;* mas boas razões me aconselham de subito que o não faça. Para indicar, mas que fosse de corrida, as excellencias de que este livro se compõe massiçamente, era mister commetter mais de um flagicio. Fôra logo o primeiro: desfigurar em prosa deslavada o que saíra em tela viva de poema, tão animado de cores, como perfeito no desenho, original e arrojado na invenção, harmonico e perfeito no complexo; e era destruir ao mesmo

tempo a impressão da novidade, a maravilha do inesperado, que eu experimentei ser um dos mais certos encantos d'esta esplendida epopeia nacional.

Quando epopeia nacional lhe chamo, mais não faço que antecipar-lhe o nome com que a ha de saudar a posteridade.

Pelo interesse dos que teem de a ler, me privo portanto de relatar aqui a fabula tão historica, e tão poeticamente concertada. Deixo de parte por igual motivo a analyse, por outra, o summo elogio dos caracteres, tão diversos todos, tão verdadeiros, tão bem entrados na acção como elementos. Ommitto pelos mesmos motivos a apreciação de tantos lances dramaticos desde o simples tom do idilio, até aos ultimos negrumes e terrores do romanticismo.

As descripções e as comparações que scintillam semeadas em todos os nove cantos, e que tanto primam nos seus respectivos generos, arrancadas para aqui perderiam logo o melhor de sua força. Joias taes, extorquidas donde nasceram, são como os olhos de Argos passados para a cauda do pavão. Em Argos vivo, eram lumes; nas plumas ambiciosas, são nodoas ou pintas. Alem de que, todas estas lindezas accessorias, comparações, exemplos, descripções, sentenças, por maior que fosse a discreta sobriedade com que as observassemos aqui, nunca chegariam a ser comprehendidas sem levarem comsigo alguma referencia á narração. Seja porém como fôr, não sei, não posso, não quero fraudar-me da delicia de vos invidar uma simples amostra em que vai comparação, descripção, e sentença, tudo junto. É logo do canto primeiro:

> Um dia... quando, não sei;
> fui ver as gastas ruinas

d'um velhissimo castello
que ao desamparo encontrei,
mas que apesar de esquecido
na solidão, era bello.

Achei-o todo vestido
de tenaz hera viçosa;
e ornado do verde brilho,
lembrou-me um velho casquilho
que espera noiva formosa.

Vi-lhe os muros corcovados
sobre o abysmo pendurados,
porém suspensos no ar.
Barbacans, desamparadas;
as torres, desconjuntadas;
como folhas desligadas
da flor que se vai finar.
E perguntei:—«Que portento,
pedras que baloiça o vento
já sem prumo, e sem cimento,
vos tem suspensas no ar?»—

A hera, filha do muro,
foi-se encostando, e cresceu;
a cada cantinho escuro
cada raiz se prendeu;
entre cada fenda estreita
uma vergontea se ajeita;
do muro em toda a largura
contorce a activa espessura,
gira, enrosca-se e venceu!

E vai recebendo alento,
redobra em viço e vigor,
nem já rajadas do vento
lhe podem causar temor;
seus rebentões melindrosos
já são braços musculosos
que ensaiam força e valor;
e conhecendo seus brios,
aos largos muros adustos
metteram hombros robustos,
ergueram rochas ao ar.
Subiram as barbacans;
recurvaram as ameias,
ligaram rijo pilar,
com mil adustas cadeias.
E o castello hospitaleiro
já sem medo ao paroxismo,
viu, vê, verá sobranceiro
as profundezas do abysmo;
que a hera robustecida
de lembrada e generosa,
dá vida, a quem lhe deu vida;
força, a quem lhe deu vigor.
—São como a hera viçosa
os filhos do nosso amor.—

Vistes neste genero coisa melhor em outro algum poeta?

São como as heras viçosas
os filhos do nosso amor,

diz elle. Filhos do seu amor foram estes versos; bem filho

do seu amor é todo este poema, em que o autor póde já estar gosando a sua immortalidade.

Isto não são palavras de animação que lhe eu dirija; não deve precisar d'ellas; são vozes de um hymno de jubilo, que rebentam de uma alma sem inveja, que ha mais de quarenta annos ajoelha em adoração ao despontar de cada novo astro no ceo da patria.

Se este livro tivesse podido nascer nos tempos que lá vão, em que se pautava e almotaçava tudo, e em que o genio tinha de vasar por força os seus productos em certas e determinadas fôrmas, autorisadas e aferidas d'ante mão (como os pobres villões dos tempos feudaes que não podiam fazer o seu azeite, o seu vinho, moer a sua farinha, ou coser o seu pão, senão no lagar *banal*, no moinho *do senhor*, ou no forno *publico*, sob pena d'açoites ou corda) não sei como o haveriam de classificar. Eu por mim chamei-lhe ha pouco *epopeia;* mas os arrumadores haviam de clamar que o não era por lhe faltar a machina sobrenatural, e uma proposição, e uma invocação, e muitas coisas que lá sabem os eruditos, que são elles; se bem que á mingua de deuses para moverem por arames invisiveis os automaticos titres da comedia humana, aqui os personagens fallam, obram, e produzem os successos segundo os proprios impulsos interiores, e só adstrictos á logica da natureza. Paciencia; excluiram-n'o dos epicos. Talvez o acceitassem entre os historicos; tão pouco. Nenhuma historia fallou nunca d'este D. Jayme, ou d'esta familia dos Aguilares; portanto, ainda que o autor concentrasse aqui magistralmente o espirito de toda uma notavel epoca historica do nosso Portugal (o que é mais e melhor do que em geral praticam os historiadores) ainda que os homens, os costumes, os logares, os acontecimentos, as crenças,

as esperanças d'essa era memoravel, tudo aqui appareça vivo, activo, claro para o entendimento, vigorosamente avultado e colorido para a memoria, persuasivo e cheio d'altas lições moraes para a vontade, não é historico de certo.

Será logo um conto, uma novella, um romance? Talvez; mas em verso!... Para um classificador delicado, e consciencioso, aqui está um escrupulo, quando menos.

Tragedia ou drama poderá ser? verdade seja que o essencial do drama e da tragedia, o enredo, as paixões, a lucta violenta dos interesses oppostos, as peripecias inesperadas, o terror, e a compaixão, os grandes caracteres a braços com os grandes infortunios, tudo aqui abunda na mais sabia e artistica disposição; mas não ha actos, cinco actos, nem scenas, muitas scenas, marcadas e contadas, nem rol previo das pessoas que fallam, nem rubricas de entradas e saidas; sem contar que por entre os discursos das figuras se entretecem as narrativas e descripções do poeta.

Ergo: vivam e reinem Aristoteles, Horacio, Boileau, Vida, Quadrio, Candido Lusitano, Pedro da Fonseca, Soares Barbosa, e Freire de Carvalho; tambem não é drama nem tragedia.

Que será pois, visto que é necessario ser-se alguma coisa uma vez que se existe? Para esses senhores, não sei; para mim, é uma composição, que eu escutei inteira cinco vezes, que me está quasi toda decorada, e em que não posso pensar sem me sentir commovido e ufano de ser portuguez; isto é o que eu sei, e isto é o que me importa.

Ha na lira interior uma corda que a minima expressão do verdadeiro bello faz vibrar. As falsas bellezas artisticas debalde forcejam pela sacudir; para ellas é muda.

Em ella soando, o coração estremece involuntariamente, o espirito sente que tem azas, e os olhos que nem sempre desgraças reaes humedeceram, derramam lagrimas deliciosas. Em se dando estes phenomenos, baixou a inspiração; está presente a poesia, quer se manifeste num quadro da natureza, quer numa estrophe brilhante, quer num rasgo de generosidade, quer numa fugitiva melodia de Rossini.

Pois bem: — O presente livro, á falta de outro nome, contenta-se com o de poesia, que tal o baptisámos em muitas lagrimas de enternecimento, de admiração, e de patriotismo, todos quantos aqui o recebemos da melodiosa voz do nosso poeta, diante das nossas arvores, não mais attentas e mudas do que nós. Para nós é muito sufficiente esta qualificação vaga, e até a preferimos a qualquer outra. Somos como os viajantes não iniciados nos systemas de Linneu, Jussieu ou Cuvier quando penetram maravilhados numa floresta virgem do novo mundo; não curamos de arrumar em classes, generos, ou familias, as flores que nos cercam, nos embriagam com os seus halitos, nos enfeitiçam com as suas cores, nos maravilham com os seus feitios, nos enlevam o animo com a sua harmoniosa disposição na paizagem, com o seu parentesco tão claro com o ceo e o sol, que por entre a cerração das ramarias as espreitam. Chamâmos a tudo em commum flores e delicias, e não fartâmos olhos de as namorar.

—«É poesia, e magnifica poesia» — proclamámos nós; glorio-me eu de o repetir aqui, e ámanhã o confirmarão por todo o Portugal, com perfeito convencimento, sabios e ignorantes, homens e mulheres, meninos e velhos, sinceros e invejosos. É uma poesia mixta de todas as poesias para captivar a todos os gostos. Sem deixar de ser cons-

tantemente propria e original, resurte de si não sei que reflexos de todos os livros a que mais queremos: ora nos lembra a simpleza melancolica da *Menina e moça*, e as amenidades do *Lima* de Bernardes; ora os rasgos patrioticos do Camões; ora a altiveza e hombridade dos romanceiros castelhanos; ora a *Lenda dos seculos* do poeta enorme; ora o sombrio de Schiller; ora o cristalino e florído de Gessner; — já as *Aventuras do Palmeirim de Inglaterra;* já a *Cova dos ladrões* de Gil Blas, já contos que em meninos ouviramos ao serão, ou ainda mais meninos no berço; já cantigas rusticas de que apanháramos um fragmento de uma escamizada ao longe, e que nunca mais nos esqueceu.

Um pintor, um cento de pintores, achariam, e hão de achar, nestas paginas, com que encher a mais variada e opulenta galeria de paineis classicos de todos os generos. Ainda algum dia este *D. Jayme* (d'aqui a quantos annos ou seculos, não sei eu) quando a diuturnidade o tiver canonisado, ha de ter, qual a merece, edição fastosa, illustrada á porfia pelos mais inspirados buris, e com o retrato do autor, que todos apeteceriam desde já conhecer, mas cuja modestia poude mais por em quanto que os nossos rogos e instancias.

O que só para então lhe desejamos, é que a boa estrella que o influiu ao compor, o defenda e livre de commentadores fanaticos, praga de eunuchos servís que pullulam em roda de todos os maximos vultos poeticos, que os desfiguram com a fumarada dos seus incensos bastardos, que até dos defeitos lhes allambicam excellencias, que perturbam com a sanzalla do seu hymno temulento o juizo sizudo do admirador imparcial; e matariam, quando menos castrariam, se podessem, a quem ousasse dizer-lhes:

—«Desservis, como parvos que sois, a um grande homem que não podeis comprehender; á força de o proclamardes colosso, obrigaste-nos a reparar na sua verdadeira altura; a poder de nol-o impordes por impeccavel, constrangestes a critica a apontar-lhe os defeitos para instrucção caridosa dos inexpertos.»—De relé tal preserve Deus por sua infinita misericordia, e para todo sempre, o poema de *D. Jayme*. Seria dó ver-se uma paizagem assim de rosaes, loiros, e ciprestes, coberta, babada, e carcomida de similhantes lesmas litterarias.

A poesia é muito, mas não é ella o tudo num poema. A linguagem, o estilo e a metrificação, tem de se lhe moldar como os pannejamentos ás estatuas. Porei poucas palavras sobre cada um d'estes requesitos, em relação ao nosso objecto.

Boileau muito bem disse:

Se a lingua lhe faltar, o autor mais peregrino
será, por mais que faça, escrevedor mofino.

É a linguagem do nosso livro, portugueza de lei, oiro de vinte e quatro quilates, limpo de fezes, e sem sombra de liga. Todos os termos são rigorosamente vernaculos, as frases abonadas, e a contextura, que é o que mais val, e melhor caracterisa, toda, toda do trato e posse velha do nosso torrão. Como que se está em casa, entre parentes, á vontade, ouvindo este fallar. É uma virtude rara hoje, e duplice; compõe-se de duas promiscuamente: uma negativa, outra positiva: isenção de impurezas, que é o menos, e uso constante do são e saboroso, que é o mais, e que é o tudo.

Neste particular é o *D. Jayme* obra classica e mais clas-

sica do que outras muitas amentadas com louvor nos catalogos dos diccionaristas e grammaticos; é um espelho cristalino e moldurado d'oiro, do dizer, do ingenuo e nativo dizer da nossa Beira.

Pelo que toca ao estilo, sai elle ao nosso autor sempre discretamente apropriado aos diversissimos assumptos que sob a sua penna se variam: singelinho, onde o deve ser, como uma pratica mão por mão entre duas crianças ou duas moças da aldeia; remontado e altiloquo nos lances heroicos; pungente nos passos afflictivos e com a simplicidade tragica *(sermone pedestri)* recomendada pelo Horacio; ciceronico e demosthenico nas invectivas; facéto na satira; abatido nas tristezas; nas sentenças grave e magestoso.

Descriptas servare vices operumque colores,
Cur ego, si nequeo, ignoroque, poeta salutor.

No estilo, como na linguagem, segunda vez pomos por tanto este livro entre os dos nossos classicos mais seguros.

A metrificação estava-nos requerendo um tratado especial; mas tal é a do nosso autor, que os seus acertos e primores por si mesmos se descobrem, quando menos pelo gosto natural, até aos leitores mais estranhos a esta difficil arte de casar com o pensamento, com o affecto e com o estilo, a harmonia metrica da dicção. Quanto aos versos pois, materia em que mais largamente nos poderamos aqui deter, contentamo-nos com expressar: que em nenhuma outra coisa mostrou o nosso autor com maior evidencia o seu instincto de acerto, e a sua graça original de verdadeiro poeta.

A estancia, ou oitava rima, tinha posse velha e imme-

morial nos poemas narrativos, posse consagrada na Italia, pelo Ariosto, pelo Tasso, pelo Graciani, pelo Tassoni, pelo Marini, pelo Fortiguerra, pelo Tallassi, pelo Casti; e em Portugal, pelo Camões, pelo Franco Barreto, pelo Gabriel Pereira, Pelo Mousinho de Quebedo, pelo Garcia de Mascarenhas, pelo Rodrigues Lobo, pelo Santa Rita Durão, pelo José Agostinho de Macedo, e não havia ainda muito que um dos melhores talentos da poesia hespanhola, o meu amigo D. Ramon de Campoamor, tinha honrado esta forma antiga com o seu formoso poema do *Colombo.*

Thomaz Ribeiro, nascido para dever ousar, percebeu desde todo o principio, quão desnatural e desarrazoado era obrigar perennemente o pensamento a similhante contextura, ou mesmo a outra qualquer determinada e invariavel, como com os tercetos o fizeram o Dante e o Petrarca, e os poetas elegiacos romanos com os disticos de onze pés. Disse-se a si mesmo, e se o não disse, é claro que o sentiu no seu bom juizo e apurado gôsto:—«Um padrão de perfixas dimensões e feitio para todas quantas idéas, para todos quantos affectos possam vir, é, nem mais nem menos, a bestial tyrania do leito de ferro de Procustes: se o hospede for maior, que se encolha ou se mutile; se menor, que se estire e se desloque.» Depois, quando já não bastasse esta peremptoria consideração, estava a outra da desharmonia que muito a miudo se havia de dar entre a indole e movimento da frase propria ao pensamento ou ao sentimento, e a indole dos metros e da estrophe. Por derradeiro: a variedade, constante em todas as obras da natureza, e indispensavel por conseguinte em todas as da arte, era, por uma especie de fantasia pueril, immolada desde todo o principio, e irremissivelmente, á cerebrina obrigação de uniformar, e arre-

gimentar os periodos em batalhões. Era em litteratura um systema de simetria parvoa e insipida, como os jardins de Luiz XIV e os arruamentos do Marquez de Pombal na Lisboa nova.

Sacodiu pois o jugo da autoridade illegitima e tyranica, e em vez de oitavas, sextinas, quartetos, ou tercetos, admittiu, sem desdens nem preferencias, toda a especie de estrofes, de metros, e de rimas, curando unicamente de que todas e cada uma d'estas coisas, condissessem, betassem, e frisassem á justa, com as successivas e cambiantes fases do discurso.

Lavor é este que exige muito habito contraído, de bem analysar; muita attenção e tento, um gosto feito, e caudaes recursos de escriptor. Deus nos livre de que, sem todos estes dotes e preeminencias, qualquer principiante se atirasse de seu motu proprio e insciencia certa, a variar a seu talante, versos, rimas, e estrophes; em tal caso, antes mettêl-o sem homenagem nos calaboiços das oitavas rimas. Que o façam no dythyrambo, pouco importa; se estragarem um dythyrambo, ou mesmo todos, não estragam coisa alguma em poesia;—mas num poema serio doidejarem assim, *nem os homens, nem os deuses, nem as columnas* (para nos servirmos da expressão do mestre) o concederiam. Fôra uma coisa essa que faria lembrar o que Ovidio nos conta do Pegaso: Que apenas rebentou do pescoço da furia sem cabeça, se foi escoiceando terra e ceo, abalroou estrellas, recaiu no solo, e, se abriu uma fonte no Parnazo, foi com um dos seus coices, sem se sentir.

¿Andou Thomaz Ribeiro tão perfeito e feliz no systema de liberdade e variedade de metros e estrophes, como vimos que o fôra na linguagem e no estylo? Não me attrevo a affirmál-o; em geral, e quasi sempre, foi maravilhosa-

mente bem inspirado e bem succedido; mas possivel é que alguma rara vez tambem, numa ou noutra das suas tão numerosas mudanças, obedecesse antes ao seductor attractivo do variar, do que a um peculiar e bem averiguado motivo de conveniencia. Se tal se deu, o que todavia não affirmarei, são tenues senões em que não val a pena de exercer critica; em todo o caso, antes um desacerto por cem acertos neste liberal e philosophico systema de escrever, do que os desacertos continuos em que se mette o misero estofador das estancias por bitola.

O que é innegavel é que em todas as especies e variedades de metros, Thomaz Ribeiro apresenta a maior naturalidade e melodia, sendo difficil decidir qual seja o verso mais congenito á indole musical do seu ouvido. Depois, que cheio e recheio em todos elles! Como a idéa lhes entra voluntaria e facil! Como facil e rica, riquissima quasi sempre, lhes acode a rima! São todos estes uns primores de que em vão se procuraria o minimo vestigio em toda a nossa antiga poesia; e bem poucos se encontraram mesmo na moderna. Versos taes, bem razão teve o autor em fugir da hypocrita modestia de os marcar com a lettra maiuscula no principio. Todos os conhecem por versos, sem levarem a marca na testa, que para tantos e tantos é o unico salvo conducto atravez da prosa.

Tal é, em nosso conceito, o poema de que emprehendemos dar alguma noticia previa aos estudiosos, e ao publico em geral. Se a affeição que o autor nos merece nos não torceu, sem o querermos, o juizo em seu favor, eis aqui agora um conselho, ou requerimento, que a bem das lettras patrias diriginios aos que superintendem nos estudos nacionaes.

Ninguem haverá por coisa indifferente a escolha dos li-

vros de texto para uso das escolas, quer secundarias, quer mesmo elementares. São os cerebros pueris cêra molle, em que o bom e o mau se imprimem com igual facilidade, e deixam cunho que tarde ou nunca se desvanece. Importa logo que em mãos taes se não mettam livros ao acaso, mas se lhes deem, e só se lhes consintam, os bons, e d'entre os bons os optimos, isto é, os que reunirem em si um complexo de muitos dotes, bem raros todos, a saber: noticias de prestimo, persuasão moral, pureza de arminho no tocante aos costumes, variedade summa, agrado constante, clareza amavel, linguagem sã e correcta, estilo quanto possivel formoso; em summa, nada de mais, nada de menos, e nada diverso, do que podem apetecer, digerir, e assimilar, as pobres crianças para mantença e saude do espirito, do corpo, e do coração.

Ora, fallemos serio, que o assumpto merece-o. Estarão porventura neste caso os livros em que geralmente se fazem lêr e treslêr os meninos e meninas, mesmo nas melhores escolas d'este reino? É superfluo responder o que todos sabem. Pois muito bem, por não dizer muito mal.

Deixo de parte, como estranhas ao meu assumpto de hoje, as leituras de prosa, ou, como ingenuamente se tem dito e impresso em estilo official, os *autores prosaicos*, e fallo só da poesia.

Qual é o livro de poesia mais corrente e moente no uso das escolas?—os *Lusiadas*. Satisfarão os *Lusiadas* a todos os requesitos, que apontámos, ou á maioria, ou á melhoria d'elles, quando menos? Como ha infinita gente enthusiasmada e intolerante por este magnifico livro, sem o conhecer muito nem pouco, seja-me licito não me louvar na resposta alheia, mas dal-a eu mesmo com a chaneza e lisura que taes coisas nos requerem.

E antes de tudo, advirtam esses que suppõem defender assim uma gloria nacional que todos aliás acatâmos, advirtam e notem bem, que se ha homem insuspeito de parcialidade nescia contra o Camões, esse homem não está entre elles; esse homem sou eu. De largos annos e por mil modos, o tenho comprovado: Que o diga o meu poemeto *Sacrificio a Camões;* que o diga o meu *Estudo historico-poetico drama Camões;* que o digam as diligencias e esforços, constantes das notas d'esse mesmo livro, para que se levantasse uma estatua a Camões, para que se lhe desencantassem e enthesoirassem os restos mortaes, para que se inaugurasse com elles um Campo Elysio ou cemiterio privilegiado para os portuguezes benemeritos, devendo ser esse dia de festividade nacional; que o digam mil passos dos meus escriptos publicados em prosa e verso, e nomeadamente a epistola em que agradeci o meu retrato ao escultor que havia tambem executado o do poeta; que o diga a magoa com que vi o cantor dos mares, que invocava para se inspirar as suas Tagides, condemnado a ser posto de sequeiro no mais prosaico de todos os largos da Europa; que o diga o orgulho com que eu concorri a lançar a primeira pedra nos alicerces do seu tardio monumento; que o diga emfim a alacridade com que offereci a minha penna d'oiro para que El-Rei assignasse com ella o auto d'aquella reparação nacional, e a ufania com que hoje a guardo, por se lhe ter d'este modo centuplicado o valor.

Agora, que já não ha suspeição que me possa escalar, direi dos *Lusiadas* com liberdade, e só movido, como o proprio Camões, d'amor da patria.

Essa epopeia que eu não quero contrapezar com a *Iliada*, com a *Eneida*, ou com a *Jerusalem*, mas que forma com

as tres um dos quatro monumentos epicos mais sublimes, esse poema que o terrivel inimigo de poemas e de poetas Prudon, tanto levanta acima de todos pela grandeza do seu assumpto social e humanitario, esse deposito de tanta sciencia que Humboldt saudava com respeito, esse brilhante sacrario das inextinguiveis glorias portuguezas, essas *horas diurnas e nocturnas* de todos os devotos das musas, os *Lusiadas*, são intrusos na escola primaria. Na escola primaria são inuteis; são nocivos.

Como neste logar só fallo com os superintendentes dos estudos, apontarei razões sem as desenvolver.

As noticias historicas, estrangeiras e nacionaes, antigas e modernas, fabulosas, sagradas e profanas, accumuladas nos *Lusiadas*, são as mais das vezes tocadas ou alludidas de modo tal que só um erudito, e a poder de estudos e commentarios, é que as deslinda. Para uma criança apenas alphabeta, são portanto perdidas de todo em todo.

A inconciliavel mistura das fabulas pagãs com as crenças de que se compõe o christianismo, póde perverter á nascença os salutares instinctos logicos do bom senso e do bom gôsto.

A persuasão moral que se aspira dos *Lusiadas*, é o amor á terra do nascimento; bem está; mas é alem d'isso, e muito mais do que isso, o espirito aventureiro e bellicoso, virtude anachronica, serodia para o nosso estado actual, escusada, ridicula, perigosa; esta que no seu tempo bem podia ser uma das excellencias do poema, o progresso do tempo a degenerou em demerito e vaidade.

Os bons costumes, escusado é repetil-o, confessam-n'o todos, são gravemente lesados nos *Lusiadas*. A Ilha dos Amores só por si sobraria para os desterrar para bem longe de institutos da puericia.

A linguagem dos *Lusiadas* foi a melhor que se podia para o seu tempo; mas o seu tempo já lá ficou para traz ha tres seculos; e fallar hoje como fallou Camões, nem a um velho tonto e pirrhonico se desculparia, quanto mais a um viçosinho de sete ou oito annos; e isto é ainda no presupposto de que elle a podesse entender e tomar; mas não a entende, nem rastreia: adormece, atordoado com ella, e vai-se a pouco e pouco afazendo á miseravel crença de que se póde ler só para matar o tempo e de que os livros, em ultima analyse, pouco mais são que meros sons.

...... *inopes rerum, nugœque canorœ.*

A grammatica mesma, este senso commum da linguagem, que os primeiros instituidores tanto deviam zelar promover, e dirigir por uma logica pratica e séria para a boa entrada em estudos superiores, a grammatica mesma (sem custo se demonstraria, se necessario fosse) é frequentes vezes offendida nos *Lusiadas*, por mais que lhe queiramos acudir com o valhacoito das figuras e das nimio elasticas licenças poeticas.

A versificação dos *Lusiadas*, está no caso da sua linguagem: foi a melhor para o seu tempo; mas a arte de metrificar e rimar é hoje totalmente outra e melhorada, e nenhum bom poeta dos nossos dias, ainda que inferior a Camões, se resignaria, cuido eu, a assignar como sua uma unica estancia inteira de todos os dez cantos; se ha um que diga que ousava, que me aponte qual é essa estancia phenix que ao fim de quasi tres seculos está ainda tão lustrosa e juvenil.

Se tudo isto é exactissimo, como cuido, se nem tudo o é, mas o é metade, mas o é a terça parte, que vão fazer

os *Lusiadas* psalmiados numa escola primaria por um mestre que os não percebe e discipulos que os não podem perceber? Se entre elles houver por acaso poeta implume, predestinado para aguia, viciaram-lhe com um poema aliás maravilhoso, mas não feito para elle naquella edade, a verdadeira educação poetica. A todos os mais rapazinhos, plebe de espiritos e semi-espiritos para a prosa, de que serviu esta comedia de falsa homenagem a um genio, que tem tantos outros muito melhores e mais authenticos titulos que lhe abonam a immortalidade?

Nenhuma d'estas desconveniencias se póde reprehender na epopeia de Thomaz Ribeiro. Todos assim o proclamarão quando a tiverem concluido; é um d'estes bons livros que se deixam ler, se fazem reler, se não largam senão depois de decorados, e nos deixam com o que quer que seja de melhor no interior. Não é já uma exhortação aos brios marciaes para se irem tomar com infieis, *devastarem as terras viciosas d'Africa e d'Asia* e exterminarem o

> .... gentio
> que inda bebe o licor do santo rio;

é, sim, uma proclamação aos filhos generosos do torrão portuguez para que lhe mantenham a independencia, e quando alguem lh'a dispute, morram na contenda, se tanto fôr preciso. Os *Lusiadas* eram o poema do soldado. O soldado recordava com desvanecimento e com inveja os seus antigos camaradas navegadores:

> .... que foram dilatando
> com a fé o imperio,....................

por *obras valorosas se libertaram das leis da morte*,

> e entre gente remota edificaram
> novo reino que tanto sublimaram.

Era a voz de um marinheiro armado e inquebrantavel que tomava a peito cheio os ventos da conquista futura, e os exhalava em sons de *tuba canora e bellicosa*,

> que o peito accende e a cor ao gesto muda.

O *D. Jayme* tem mais legitimas ambições; não quer que a sua patria ponha jugo a ninguem, mas não soffre que lh'o ponham a ella.

Concluir-se-ha d'isto haver mais virtude civica no Ribeiro que no Camões, ou no Camões que no Ribeiro? De nenhuma sorte: a virtude de Camões era de mil quinhentos e setenta e tantos; a de Ribeiro é de 1862. Não ha mais nada; mas é esta virtude da nossa era, e não aquell'outra de uma era morta a que devemos incutir pela lição dos bons versos no coração dos nossos filhos.

Depois, quantos outros amores, além do da patria, e quão melhores e mais fecundos que os da ilha de Venus se não insinuam nas vontades com o estudo d'esta epopeia contemporanea!: o amor paterno: tão expansivo e jovial em D. Martinho; tão triste e previdente no pae de Anninhas; tão fogoso, tão apaixonado em D. Jayme; o amor materno: tão angelico em Estella; o amor propriamente dito: em D. Jayme, em D. Germano, em Estella, em Anninhas; o amor que sobrevive ao objecto amado: em D. Martinho, em D. Jayme; o amor filial: em D. Germano, e D. Jayme, em Anninhas e em Guiomar; o amor

fraterno: nos dois irmãos Aguilares; o amor aos pobres e aos infelizes: no fidalgo castellão, e no pae da flor das lavadeiras; o amor aos bemfeitores: na flor das lavadeiras, e em Mem Rodrigo; o amor á virtude, á heroicidade, ao dever, á natureza e á poesia: no filho mais novo do solar; e para fundo negro em que mais claros sobresaiam tantos amores, e tão gentís: por detraz do Pinto Ribeiro, e seus socios, o Miguel de Vasconcellos, o Arcebispo de Braga, os renegados traidores; por detraz de Estella, os d'Aragão fratricidas; por detraz de D. Martinho, o *digno* pae dos dois monstros; por detraz do pagem agradecido, e d'Anninhas a santa, as moças da taberna da Guarda, os salteadores; por detraz da heroicidade paciente, a rapacidade brutal, e as justiças ferozes dos oppressores; por detraz da choupana indigente, mas serena, onde Anninhas chora, cantando para confortar a seu pae adoptivo, louco, e moribundo, e coze, chorando, para dar uma camiza nova ao mendigo que os sustenta, o salão do crapuloso festim dos aragonezes; por detraz do carrasco, o padre; no meio das desgraças, a esperança; no remate do terror, para justificação da providencia, resurreição da patria:

Horas depois, raiava a liberdade
e passavam dos dobres funerarios
a repiques de festa, os campanarios,
sobre todos os templos da cidade.

Era o mez de dezembro. Emfim disperto
depois de sessenta annos de lethargo,
olhava Portugal ao ceo e ao largo!
chovia-lhe o maná no seu deserto!

Como espolio das bodas sanguinarias
um cadaver ficava exposto ao vento;
tinha os postes da forca, por moimento,
e por brandões de enterro... as luminarias!

Que mais querem de nós? apoz tamanha
galhardia d'algoz, ébrios de gloria,
apagaram acaso a luz da historia?
não leem seus feitos?... Que nos quer a Hespanha?...

Quer insultar a lapide funerea
que peza sobre vós, heroes de *Ourique!...*
Estremecei de horror, filhos de Henrique!...
Repercuti meu canto, eccos da Iberia!

Todas estas contraposições tão artisticas e tão philosophicas, levantam de repente o poema á altura de um dos bons livros de moral. A leitura corre toda mesmo atravez de algum fogaz sorriso, e de frequentes amenidades, regada com as lagrimas do leitor; e a ultima impressão que deixa, é, posto que melancolica, suavissima, por ser de amores que principalmente se compõe.

Aqui está o livro que deve ser imposto ás escolas ámanhã e já hoje; até para que se encontre nellas alguma coisa de amoravel e sympathico.

Bem vêdes que vos dou por um portuguez outro portuguez; se maior, se menor, não o podemos julgar nós que o temos vivo e presente. Lá noutros seculos o decidirão. O que eu sei que lhe falta para que lhe liberaliseis summa veneração, e não lh'o desejo todavia, é que as exhalações do tumulo o tenham idealisado. Se o Camões andasse por ahi hoje entre nós, se o encontrasseis quoti-

dianamente no Gremio e no Passeio Publico, no Martinho e em S. Carlos, um raio escache as minhas seis arvores dentro de um quarto de hora, se, fallando-vos alguem de lhe levantar monumento, vos não desfazieis a rir como uns perdidos. Ora pois: se isto é assim, comecemos a aprender um poucoxinho tambem de justiça para com os vivos; não addiemos toda a gratidão para depois de trezentos annos.

São as honras tardias como as drogas que envelheceram na botica: já não curam. Venham frescas e farão milagres; façam do *D. Jayme* um poema familiar á mocidade, e reconhecido como bom por quem tem essa obrigação, e vêr-se-ha o que esse exemplo não ha de produzir como fomento a engenhos. Então é que ha de ser gaudio commentar as prophecias do Pelletan.

Aqui para entre nós (que isto de escrever em portuguez é estarmos conversando á porta fechada cá no nosso cantinho do mundo velho) parece-me que o Pelletan quereria alguma vez, e não poderia, fazer versos, ou não lhe sairiam como os elle desejava, e só por isso lhes tomaria entojo. Aliás, quem tão admiravelmente vê no passado e no futuro, na natureza e na alma, reconheceria, que este luxo da linguagem chamado versos, provém, não de um principio inventado pelo homem, senão da sua tendencia natural para o rythmo. Quando tudo no universo obedece ao rythmo, como nos haviamos de subtrair nós aos seus encantos? É o verso uma consociação da musica e da palavra, um feitio particular e elegante dado á dicção. Por qualquer vaso tosco se póde beber; mas Falerno, e agua pura que seja, sabe melhor por uma bella amphora etrusca, ou por um vaso esmerado da Saxonia, ou da Vista-Alegre; assim, o pensamento e o affecto por qual-

quer prosa se tomam e aproveitam: mas com delicias, com voluptuosidade, mastigando o sabor, só pela taça das Musas:

Pocula castalia plena ministrat aqua.

Estas considerações são obvias; é impossivel que o autor da *Profissão de fé do XIX seculo*, que tão sabia apologia fez do luxo, não tenha já caído em si e reconhecido esta e as outras razões que abonam o uso universal, antiquissimo, constante, e immorredoiro, das fórmas metricas.

Eu por mim passo ainda muito adiante nas minhas persuasões a este respeito: quero crer que um pouco mais de adiantamento no alvorecer da philosophia utilitaria, em vez de acabar com os versos, os ha de reconsagrar e favorecer como de grande prestimo.

Os versos, com a graça do rythmo, com o enfeite das rimas, e depois revestidos com a aurea chlamide da musica, hão de ser empregados por gente mais discreta que nós como auxiliares da memoria, e conciliadores da vontade, para muitos estudos, que por secos e dessaborosos, ainda que substanciaes, carecem de toda a sorte de condimentos.

Muita arte, e muita sciencia, tem já ganho em nossos dias incremento por terem achegado para si a eloquencia; que não será quando, onde couber, á eloquencia acrescer o metro, artificiosamente rimado e modulado! Serão recamos d'oiro e matiz na capa de seda lisa do saber.

¿Não era em verso que se formulavam os oraculos e os dictames da moral? era;

................dictæ per carmina sortes,
Et vitæ monstrata via est................

Não foi em verso que os poetas primitivos ensinaram a cantar os deuses, e legislaram ás sociedades nascentes? foi; que o digam os milagres não fabulosos das liras de Orpheu e de Amphião. Não foi aos versos que Homero entregou, como depositarios fidelissimos, a historia, o culto, e a philosophia do seu tempo? Sem duvida:

Res gestœ regumque ducumque, et tristia bella,
Quo scribi possent numero, monstravit Homerus.

Não foi com os versos que os tragicos da Grecia immortalisaram para o povo a lembrança das solemnes catastrophes de Thebas, de Troya, d'Argos, e de Mycenas? Virgilio, as glorias romanas? Ovidio, os *Fastos?* Hesiodo, Marão e Columella, os preceitos da agricultura? Lucrecio e Horacio, as philosophias? Juvenal e Persio, os costumes da sua edade? Gracio Falisco, a *Arte da Caça?* o Venusino e Boileau, os axiomas da poetica? Não foi com versos, ainda que maus, que os jesuitas e a escola de Port-Royal, facilitaram o estudo das humanidades? As canções de Beranger não popularisaram melhor que as estrophes de Harmodio e Tyrteu, o amor da patria e da liberdade?

Que parte não puderiam para si reivindicar: os cantos da *Iliada,* nas victorias de Alexandre? as odes de Pindaro, nas dos jogos ísthmicos? os *bardítos,* nas da Germania? e já quasi em nossos dias o

Allons enfants de la patrie,

nas da républica franceza?

¿Quem póde logo duvidar de que a fórma metrica, que

tantos e tamanhos serviços tem já feito, não esteja predestinada para os prestar ainda maiores?

Sobre este assumpto, pelo suppor de entidade, já eu martelei com a ancia de convicto no prologo das minhas *Estreia poeticas* para o anno de 53, no meu *Ajuste de contas com os adversarios do methodo portuguez* em 1854, e em varios outros escriptos. Portanto, pouco mais poderia agora fazer do que repetir. Mas não largarei por mão o assumpto, sem ponderar isto: quantos portuguezes, que nunca leram historia portugueza, não possuem, posto que vagas, copiosas noticias d'ella, só por que lhes vieram para a memoria como em carros de ovação reclinadas nas estancias da maravilhosa epopeia do Camões?!

E o *Bosquejo metrico* do nosso amigo Viale! ¿Negará alguem que estes segundos *Lusiadas* abreviados, concepção menos remontada que os primeiros, porém mais térsa, mais esplendida, mais esmerada, mais na linguagem e gosto litterario do nosso tempo, adoptada, como o está, e o devia estar, nas escolas, ha de contribuir mais que todas as historias em prosa para que a seguinte geração de portugezes se glorie dos seus antepassados, e se inflamme em brios de os igualar?

Eu mesmo, na minha propria experiencia tenho provas do que digo; levei o metro e o canto de envolta com outras mnemonisações e alguma philosophia, até dentro da escola elementar. Pasmaram uns da ousadia; riram outros e deram vaias; outros, mais homens e mais sabios, apedrejarem em honra e louvor do passado:

Ils sont l'horrible hier qui veut tuer demain;

mas os meninos dentro na classe folgaram, sentindo-se ama-

dos; vendo luz, estiveram attentos; achando-se livres, aprenderam; começaram, com espanto seu, a affeiçoar-se ao mestre, a gostar do estudo, a propender para os livros. O principio da regeneração está na escola. Nada mais proprio que abençoar-se e inflorar-se este berço dos seculos, e nada mais preciso e urgente que repetir aos que são maus por indifferentistas, e são indifferentistas por ignorantes, este verso admiravel do meu grande poeta, outro obreiro contumaz da civilisação:

L'aube vient en chantant et non pas en grondant.

D'outra vez, compuz o *Hymno do trabalho*, do trabalho, anjo custodio da virtude e do contentamento, do trabalho, creador, felicitador e glorificador abaixo de Deus. A musica popularisou esses versos, foram cantados nas escolas, nas ruas, nas officinas de todo o reino; em muitas, confessado por seus proprios directores, só com este facil estimulo cresceu a actividade, com a actividade a producção.

Não hajamos pois vergonha de ter juiso. Aproveitar as lições da experiencia. Favoreça-se, promova-se, por todos os modos, e a todo o custo, a cultura da poesia.

Se eu fosse rei, sabeis o que havia de fazer a minha Real Magestade? Em apparecendo um poema d'estes, havia de chamar logo o seu autor, escolher a menos malbaratada das condecorações, e pendural-a por minha mão sobre aquelle peito patriotico para incentivo a outros.

Se eu fosse superintendente da instrucção publica, havia de forcejar para que versos taes se decorassem em todas as escolas.

Se fosse parocho havia de os ler e explicar nos serões de

inverno aos meus visinhos apinhados á roda da fogueira na cosinha da minha residencia.

Se fosse academia havia de convidar o poeta para o meu gremio, e propor poemas uteis para assumptos de premios annuaes.

E se fosse obscurante por systema e por fadario, assim como se nasce mocho ou lobishomem, havia de ralhar muito de todas estas lembranças, e teimar que era muito melhor continuar com o *ramerrão* e deixarmos ficar as crianças vivas amarradas á agigantada epopeia do passado, que ellas não podem apreciar nem entender.

Finalmente se fosse invejoso, havia de morder-me, mordel-o e estoirar.

Agora que me levanto para me despedir, um conselho ao meu poeta; é o primeiro e o derradeiro; oxalá m'o tome:

Disse elle num dos seus cantos:

Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena;
mãe de sabios, de heroes, crime e virtude;
golfão de riso e dor que ora serena,
ora referve e escuma em sanha rude.

Rainha do occidente envolta em sedas,
vaidosa do seu throno de verdura,
de bosques, de jardins e de allamedas,
rica de joias, oiro e formosura.

Hospitaleira mãe do navegante,
attenuado, errante em mar profundo;
dominadora altiva d'esse Atlante
que vai do mundo velho ao novo mundo.

Arvore a cuja sombra augusta e santa,
ao gelo foje, e ao sol, a flor nascida;
onde o cinzel co'a a lyra afina e canta
hymnos de fé e amor, trabalho e vida;

onde o presente se protrae de rastos,
e o germen do futuro altivo medra
por entre os restos carcomidos, gastos,
da historia do passado escripta em pedra.

Dizem que em ti o amor é como a rosa
na floricida mão da mocidade,
que a perde, qual a encontra, descuidosa,
sem nem sequer a esmola da saudade!

Chamam-te em alta voz nações inteiras,
e proclamam-n'o em ti praças e ruas,
protectora de glorias estrangeiras,
despresadora só das que são tuas.

Chamam-te, em vez de mãe, madrasta ingloria
do genio que te pede amparo e vida;
em quanto lês com pasmo a alheia historia
sem te lembrares... ai! de que és suicida.

Agora esta cidade que o autor lá na sua *Aldeia das flores* tanta pena tinha de não ter visto, já a conhece, e já deve saber o que val em realidade. Tratou todos os seus homens mais distinctos; foi bemvindo e festejado nas assembléas; escutado com satisfação no parlamento; contemplou por dentro nas rodas veleiras e nas rodas perras o machinismo dos negocios publicos. Deve estar saciado,

e com o melhor das suas illusões politicas esmorecido, senão sêco. Vai reintegrar-se com alvoroço nos contentamentos domesticos entre pae, mãe, irmão, esposa, amigos da infancia, arvores que o viram nascer, rio em que nadava menino, oiteiros por onde caçava, valleiras onde se escondia para ler Virgilio. Da primeira vez era desculpavel a curiosidade de ver a capital

.... *Romam tibi causa videndi.*

D'aqui ávante já sabe por experiencia não ser ella a que lhe convem; a politica não val à poesia; e depois, os poetas são raros, e os estadistas innumeraveis; os estadistas morrem mesmo antes de morrer, e os poetas, quando são como elle, não morrem nunca; quando os estadistas lhes tardam com o devido monumento, já elles o teem sem estrondo fabricado para si, como o bichinho manso que vai tirando do interior o fio argenteo ou aureo para o casulo, donde ha de sair borboleta para os espaços sem limite.

Volte nas boas horas alguma vez a rever e abraçar os amigos e admiradores que deixa na margem do Tejo; mas seja de passagem, e para se restituir logo ao seu Pavia. Como deputado, não; que seria secularisar-se da litteratura. Para muito tempo, tambem não; que o podia matar o contagio da preguiça. Como a Galathéa do seu Virgilio, sim:

...... *fugit ad salices, et se cupit ante videri.*

Lá, lá, é que está o seu destino; lá é que póde tambem com o seu Virgilio repetir:

.... *Deus nobis hæc otia fecit,*

Prepare-nos epopeias novas. Ninguem tem historia patria mais abundante em heroicidades para isso do que nós outros; prepare-nos dramas; o *D. Jayme* cá nos disse em quão subido grão o seu autor possuia esse talento; escreva o que lhe aprouver, mas conserve e zele a chamma sagrada que o ceo lhe accendeu na alma, não tanto para si como para a patria.

Furte-se, e se tanto for preciso, roube-se, ás homenagens com que os seus comprovincianos eleitores poderiam querer recompensal-o, reenviando-o ao parlamento. Se algum insistir, dizendo que é necessario ser util á *coisa publica*, não lhe responda que os rouxinoes os fez Deus para cantarem e não para serem cosinhados em plangana e comidos, dizendo ainda por cima os commensaes, a palitar os dentes, uns, que estavam bons,—outros, que não prestavam. (Essa resposta verdadeira mal a entenderia quem teimasse em o fazer politico) mas fuja, e suma-se, até que passe a trovoada eleitoral; e, se tanto não bastar... molhe a penna noutro tinteiro, e escreva artigos para os periodicos a desacreditar-se. Tudo, menos renunciar já agora a poesia quem assim se estreou nella.

Lisboa 11 de julho de 1862, ao meio dia, ao cantar a primeira cigarra d'Anacreonte na copa da minha olaia.

A. F. de Castilho.

A PORTUGAL.

Meu Portugal, meu berço de innocente,
lisa estrada que andei debil infante,
variado jardim do adolescente,
meu laranjal em flor sempre odorante,
minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite de estrellas rutilante,
meu vergado pomar d'um rico outomno
sê meu berço final no ultimo somno!

Costumei-me a saber os teus segredos
desde que soube amar; e amei-os tanto!...
Sonhava as noites de teus dias ledos
affogado de enlevo, em riso e em pranto.
Quiz dar-te hymnos d'amor, debeis os dedos
não sabiam soltar da lyra o canto,
mas amar-te o esplendor de immenso brilho...
eu tinha um coração, e era teu filho!

Jardim da Europa á beira-mar plantado
de loiros e de acacias olorosas;
de fontes e de arroios serpeado,
rasgado por torrentes alterosas,
onde num cerro erguido e requeimado
se casam em festões jasmins e rosas,
balsa virente de eternal magía
onde as aves gorgeiam noite e dia.

Quem desdenha de ti, mente sem brio,
ou nunca viu teus prados e teus montes,
ou nunca ao pôr do sol de ameno estio
viu franjas de oiro e rosa os horisontes,
ondas de azul e prata em cada rio,
as per'las e os rubis de tuas fontes,
nem de teus anjos, terreo paraizo,
sentiu o magnetismo num sorriso.

Patria! filha do sol das primaveras,
rica dona de messes e pomares,
recorda ao mundo ingrato as priscas éras
em que tu lhe ensinaste a erguer altares.
Mostra-lhe os esqueletos das galéras
que foram descubrir mundos e mares;
e se um povo não vir teu manto pobre,
ri-te do fatuo que se julga nobre.

Porque te miras triste sobre as aguas,
pobre... d'aquem e d'alem-mar senhora?
e te consomes nas candentes fragoas
das saudades crueis que tens d'outr'ora?
Por tantos loiros que te deram? magoas?
Foste mal paga e mal julgada? embora!
has de cingir o teu diadema augusto;
has de ser grande!... ou Deus não será justo!

Tres testemunhas tens que ao mundo inteiro,
grandes, hão de levar-te a ingente gloria:
Camões, o sol, e o oceano; que o primeiro,
ergueu-te em alto canto a nobre historia.
Com prantos e com sangue audaz guerreiro,
o seu livro escreveu d'alta memoria!
Lêde os cantos divinos do poéta,
entoados em harpa de propheta!

O mar, na eterna lida porfiosa,
cançado de correr largos desvios,
vem afogar a sêde angustiosa
no saboroso nectar de teus rios.
E quando noutra edade mais ditosa,
tu mandaste alongar teus senhorios,
conhecendo o roçar de tuas sondas,
cavou as penhas, e aplanou as ondas.

Bramir ouviste o genio das tormentas,
algôz de tanto nauta aventureiro,
vestido de neblinas pardacentas,
assoprando golfadas de aguaceiro;
mas quando viu, nas quilhas tão attentas,
içado o teu pendão tão altaneiro,
accendendo o Sant'Élmo resplendente
illuminou-te as portas do oriente!

Fiel, sempre fiel á tua gloria
conduziu-te o Evangelho a longes terras;
acompanhou-te os cantos da victoria,
saudou-te os brios nas longinquas guerras!
Rasguem embora ó patria a tua historia;
emquanto o mar bramir quebrando serras,
ou brincar nas areias em bonança,
ha de fallar de ti patria, descança.

Qual no deserto o lasso viandante
vai no oásis sentar-se ao fim do dia,
achando atenuado e arquejante,
verdor, fontes, aromas, e harmonia,
e naquella atmosféra inebriante,
se alimenta, se farta, e se extasia,
tal és do sol oásis reservado,
jardim da Europa á beira-mar plantado.

Aqui apura os raios de luz viva
nos bosques, nos rosaes, e nas campinas;
d'um iris c'rôa a nuvem mais esquiva,
nem tem c'rôa real pedras mais finas;
faz prisma cada fonte que deriva
por encosta suave entre boninas;
dá luz e brilho á selva que verdeja,
e o sol de Portugal, o mundo o inveja.

Mas não é d'hoje só que o passageiro
te vê lêdo banhar em cada fonte,
ou entre a branda relva do valeiro,
ou sobre as neves do jaspeado monte;
já não é d'hoje só que o mundo inteiro
falla do brilho teu neste horisonte,
já Celtiberos, Mouros e Romanos,
choraram pelo sol dos Lusitanos.

Lua do meu paiz, não me esqueceste,
que eu sempre soube amar tua lindeza;
bem sei que é este o solio que escolheste,
bem sei que tens aqui maior pureza;
mas tanto os meus segredos entendeste,
era tão minha só, tua tristeza,
que se não te invoquei, saudosa lua,
foi por zêlos da patria, minha... e tua!...

Por ti canto meu berço de innocente,
lisa estrada que andei debil infante;
meu viçoso jardim de adolescente,
meu laranjal em flor sempre odorante,
minha tarde d'amor, meu dia ardente,
minha noite de estrellas rutilante.
Tu... dá-me ao cerrar noite o meu inverno,
um leito funeral ao somno eterno.

CANTO I.

FLORES D'ALDEIA.

As flores d'aldeia são puras e bellas,
suaves arômas, vivissimas cores,
os *cravos* altivos, as *rosas* singelas,
suspiros sentidos, leaes os *amores*.
Quereis um raminho colhido por mim?...
pois vinde commigo buscal-o ao jardim.

Que fresca aldeia formosa
nas margens do meu Pavia!
tão branca, tão buliçosa,
tão susurrante e donosa
no seu copado arvoredo,
como festiva *Fogaça*,
num dia de romaria

toda vestida de caça;
com lenço de seda verde
no airoso collo abraçado,
e um iris de mil matizes
na breve cinta apertado;
e no peito, e no cabello
o mais completo jardim!
Não achaes o quadro bello?
pois bem, a aldeia era assim.

No centro, grave e campeiro,
se ergue o palacio da aldeia,
num liso largo terreiro
de annozos freixos moldado.
Era o éden frequentado
da aldeana rapazia,
d'esse rancho descuidado,
pae, filho, irmão da alegria.
E a casa que entre arvoredos
ali sósinha vivia,
tinha já musgosos muros,
em que estreitas brancas listas
se embutem na cantaria.
Tem no centro sobre a porta,
um brazão de fidalguia,
e tem do lado oriental,
uma formosa capella
tão vistosa e festival,

que não se encontra mais bella
noutra aldeia em Portugal.

D. Martinho de Aguilar
velho fidalgo d'então,
d'aquelle antigo solar
era o velho castellão.
Reinava o sceptro da Hespanha,
tornado por negra sanha
cutello de portuguezes;
e elle, — o D. Capitão
das hostes do D. Priôr,
chorando as armas perdidas
do seu perdido Senhor,
contava os dias e os mezes
no pulsar do coração;
e ali sellava os revezes
d'esta aviltada nação.

Guardava, como encantada,
dentro de trancado armario,
a sua vencida espada;
como custodia em sacrario,
como imagem sobre altar;
e nunca passava um dia
que a não fosse visitar.
Polia o aço polido,
mirava-a doido de amor,

e alisando-a pela face,
e anediando-a co'os dedos,
como se houvera dois peitos,
lá segredavam segredos,
de seus esquecidos feitos,
de seu quebrado valor.

E ao dizer-lhe o — adeus — extremo
escondendo-a na bainha,
sempre uma gôta caía
no seu cuidado primor,
que a mente não adivinha,
se era pranto que vertia,
se era baga de suor.

Mas seja pranto de dor,
seja suor de agonia,
sempre uma nodoa bem negra
naquelle espelho nascia.
No dia seguinte o velho
teimosa mancha polia,
mas o — adeus — lhe acompanhava
a baga emfim d'agua viva,
d'ella, a nodoa rediviva,
e o polir de cada dia.

Que nunca mancha infamante
teve de Martinho a espada;

nas suas lides sangrentas
não se embotou, foi vencida;
e se ali vive escondida,
não é por envergonhada.

E meneando a cabeça
entre sorrir e chorar,
dizia assim D. Martinho
pousando-a no seu altar:

—«Duque d'Alba, Duque d'Alba...
o ceo te guarde valente!
Despovoaste Castella
contra a inerme sentinella
d'um monarcha aventureiro!
Chamáras o mundo inteiro
para tal feito excellente!
Mais de ti fallara a historia
nos fastos da immensa gloria,
que tu ganhaste valente!
nessa covarde victoria...
Duque d'Alba... Duque d'Alba...»—

Dois filhos tinha o bom velho,
orphãos do materno amor
desde innocentes. Espelho
de saudade e viva dor

era o valente soldado;
que a linda espôsa fiel
no seu trance amargurado,
numa saudade cruel
deixou tão santo legado.

Que prantos que não regaram
as faces de D. Martinho!
como ao pé do seu penar
todo o penar é mesquinho!
Á dor que te cruciáva
melhor te fôra morrer!...
Mas a dor cede á virtude,
e surgiste a esse brado
que saía do attaúde
para alargar teus destinos!
eras pae, nobre e soldado,
tinhas orphãos pequeninos
e a patria em dor a gemer...

Tu não podias morrer.

Jayme, — o mais velho dos dois,
de rosto vivo, queimado,
olho ardente, peito arcado,
fallar, decidido e são.
Prompto a servir arrastado

ou a dominar d'alta frente,
genio vivo, a mão valente,
generoso o coração.

Sempre correndo e clamando
pagava idolatra o culto,
mas trocava cada insulto
por outro insulto mais cru.
Se via rôto mendigo
que a opulencia escandalisa,
dava-lhe a propria camisa
ficando risonho e nú.

Germano, — candida pomba,
rosto d'anjo, olhar sereno,
fallar pudibundo e ameno,
todo amor no coração,
vivaz, e debil, e candido,
era como a sensitiva,
que se recolhe de esquiva
mal sonha atrevida mão.

Se o velho pae via triste,
brincava com seus cabellos;
se era surdo aos seus disvelos,
em pranto affogava um ai!
Á debil voz da pobreza
lá ia correndo o anjinho:

«'Stá lá fóra um pobresinho,
dou-lhe uma esmola meu pae?»

Taes os dois filhos formosos
que D. Martinho educou;
os dois rebentões mimosos
da rosa que se esfolhou.

Quantas horas de agonia
D. Martinho se embebia
numa e noutra face bella
dos seus filhos, seus amores!
neste, vendo os seus ardores,
no outro, a candura d'ella!

—«Meus filhos, o dia é lindo
e os prados vicejam galas;
vamos ao campo, fugindo
de muros e tectos, tapetes e salas.

Quem póde no dia primeiro de Maio,
de Maio vestido de giéstas em flor,
c'roado de rosas, — ficar indollente
sem ver os dons novos que manda o Senhor?

Eu, velho, mal vejo com olhos avaros

matizes que os prados endoidam de amor,
irei pois seguro por vós, meus amparos,
ver Maio o magano
taful primoroso,
vestido e toucado de mato cheiroso
de roxo rosmano,
de giéstas em flor.

Quem me dera a vossa edade
e as vossas pernas valentes,
que eu vos dissera o caminho
que seguia D. Martinho
no verdor da mocidade.
Meu Jayme, não gostas de entrar pelos bosques,
salvar precipicios, vencer alcantis?
E tu, meu Germano, não gostas das flores
dos prados, dos cantos das aves gentis?
Hoje o campo, meus amores,
além de bosques tem flores;
e adormeceis nas janellas
como timidas donzellas?
que vergonha caçadores!
Ir um velho mostrar-vos o caminho,
colher flores de giésta e rosmaninho
e vestir-vos de Maio o usado enfeite
de verdura, de aromas, de matiz,
ouvindo pobre mãe dizer aos filhos:
Ali vai D. Martinho, o pae feliz....»—

....

....

Assim sairam folgando
os tres senhores d'aldeia;
os filhos rindo e brincando,
e o pae que nelles se enleia
mais, quanto mais os contempla,
com seus amigos motêjos
lhes instiga seus ardores,
mas sempre sorrindo amores
em seus paternos gracejos.
Ora parando dizia:
—«Vêde que espero por vós;
caminhae mais se podeis,
aliás se acaba o dia,
se aqui vos encontraes sós
ambos de medo morreis.
Ou deitae-vos entre as flores,
e até logo caçadores.» —

E mais ligeiros que o vento
corriam Jayme e Germano,
e o pae mirava-os ufano
até perdel-os de vista.
Quando na moita escondidos
lhe espreitavam a passagem,
cifrando toda a linguagem
no tocar dos cotovellos,

o pae fingindo não vel-os
ia dizendo comsigo:

—«Martinho, meu velho amigo,
tudo no mundo assim vai;
o mancebo sem conselho,
em vez de ajudar o velho
a subir a alta ladeira,
desafia na carreira
o velho tolhido pae.
Estas moitas no meu tempo
sempre acoitavam coelho;
vejamos se sai ou não
ao toque do meu bordão.»—

Mas antes que o bordão nas moitas désse
o par mimoso sai, reapparece,
e gritam como loucos de alegria
em quanto D. Martinho assim dizia:

—«Oh! valentes corredores,
que sob a moita emboscados
dormiam já de cançados!
Que vergonha caçadores!»—

Era já o fim da tarde,
mas não era o fim do dia;
que em corações tão viçosos

clara luz crepita e arde,
ondeia e cresce e irradia;
que importa que atraz do monte
vele o sol a altiva fronte?
lá fica o sol da alegria.

Foram sentar-se na encosta
ao pé do atalho do monte,
o pae num banco de musgo
junto das guardas da fonte;
aos lados Jayme e Germano
sobre a relva recostados,
mas de braços enlaçados
na cinta do vet'rano,
e as cabeças recostadas
nos seus cançados joelhos.
Oh! nada ameiga os rapazes
como as caricias dos velhos.

Quem de longe visse attento,
perfis, contornos e assento,
d'esse grupo divinal,
nos mancebos ver cuidara
dois primorosos relevos,
que no marmore avultara
cinzel de genio immortal;
juvenescentes raizes,

da velha estatua d'Anchises
reforçando o pedestal.

Ah! quem me fôra pintor!
As cores do meu pincel
me dariam hoje o quadro
do santo paterno amor.

Como eu fôra delicado
a avivar dois rostos bellos!...
E enrugando as mãos d'um velho
a alizar finos cabellos!...

Como eu fôra vigoroso
no rosto de D. Martinho!
Nas barbas longas nevadas;
e nas faces enrugadas
como eu pintára o carinho!...
Deixae que eu ame este encanto
que a minha mente seduz,
deixae-me vel-o! é tão santo!...
Não sou pintor, e o meu canto
que val se o não reproduz?

Um dia... quando, não sei;
fui ver as gastas ruinas
d'um velhissimo castello

que ao desamparo encontrei,
mas que apesar de esquecido
na solidão, era bello.

Achei-o todo vestido
de tenaz hera viçosa;
e ornado do verde brilho,
lembrou-me um velho casquilho
que espera noiva formosa.

Vi-lhe os muros corcovados
sobre o abysmo pendurados,
porém suspensos no ar.
Barbacans, desamparadas;
as torres, desconjuntadas;
como folhas desligadas
da flor que se vai finar.
E perguntei: —«Que portento,
pedras que baloiça o vento,
já sem prumo e sem cimento,
vos tem suspensas no ar?...»—

A hera, filha do muro,
foi-se encostando, e cresceu;
a cada cantinho escuro
cada raiz se prendeu;
entre cada fenda estreita

uma vergontea se ageita;
do muro em toda a largura
contorce a activa espessura,
gira, enrosca-se, e venceu!
E vai recebendo alento,
redobra em viço e vigor,
nem já rajadas do vento
lhe podem causar temor;
seus rebentões melindrosos
já são braços musculosos
que ensaiam força e valor;
e conhecendo seus brios,
aos largos muros adustos
metteram hombros robustos,
ergueram rochas ao ar.
Subiram as barbacans;
recurvaram as ameias;
ligaram rijo pilar
com mil adustas cadeias.
E o castello hospitaleiro
já sem medo ao paroxismo,
viu, vê, verá sobranceiro
as profundezas do abysmo;
que a hera robustecida,
de lembrada e generosa,
dá vida, a quem lhe deu vida,
força, a quem lhe deu vigor.

— São como a hera viçosa
os filhos do nosso amor. —

—«Boas tardes, linda Anninhas
bella flor das lavadeiras,
que trazes novas roupinhas
cor de rosa e tão festeiras.

Não vês altiva morena,
que o teu cantaro invejoso,
desfaz da negra melena
teu rôlo ondado e formoso?

Trazes agoirento goivo
preso em negros passadores?
Disse-te acaso o teu noivo
que tinha novos amores?»—

—«Nobre senhor D. Martinho,
que me importa o meu cabello
se o coitado em desalinho
nem tem, nem quer meu desvelo?

Se na flor da mocidade
trago ao peito um triste goivo,
é que o lucto da orphandade
vai ser... Jesus! o meu noivo!

Meu velho pae que ha dois mezes
succumbe a um mal surdo e lento,
já nem me conhece ás vezes
na hora do crescimento,

e falla só de baldios,
horta, gado e sementeiras!...»—
E nisto chorava em rios
a rosa das lavadeiras.

—«Não chores tu boa filha!
Deus que foi sempre qual é,
com agua de tua bilha
pode cural-o, tem fé!

Mas haver dois mezes plenos,
que o pobre velho soffria,
sem eu visital-o ao menos,
sem eu saber que morria!!

Ai triste velho mesquinho
ninguem já de ti depende!...
A casa de D. Martinho
já nada val!... Isto offende!

Vem Anninhas, meu encanto,
vou ver o meu velho amigo...
Ai! se não fosse o teu pranto,
ralhava muito comtigo.

Tu, Jayme, corre á cidade
no meu cavallo melhor;
reboca a rotundidade
do nosso velho doutor.

Não deixes que o pachorrento
te explane em caudal perenne,
virtudes de novo unguento
defeitos da velha hygiene.

Oppõe por dique á torrente
da quina, e dos chas de tilia,
sim doutor mas o doente
pertence á nossa familia.

Tu, Germano, de enfermeiro
servirás co'a bella Anninhas;
corre a casa; aqui dinheiro,
e o capellão, e gallinhas

e pão e roupa. O velhinho
que o seu mal tanto occultou
saberá que D. Martinho
é velho, mas não mudou.

E o pobre pae recobrado
tu verás, flor das trigueiras,
como ha de guiar o arado
nas futuras sementeiras.» —

Quasi cerrada a noite, aldeia a dentro
seguia D. Martinho, e a pobre ao lado,
mas ia ufana já, porque levava
a providencia ao pae desventurado;
nos olhos, que fulgor lhe não brilhava,
e nas faces que ha pouco descoravam,
que rosas de esperança não brotavam! —

Ia chegando o rancho campesino
cançado do lidar do dia inteiro;
ao hombro os provimentos do outro dia
rosto negro, suado e prazenteiro,
descuidada, leal, pura alegria.
Quem quer prazer suave e amor divino,
feche na mansa aldeia o seu destino!

E novos e velhos ao ver D. Martinho,
como se topassem um Rei ou um Deus,
paravam de prompto, abriam caminho,
curvavam as frontes tirando os chapeos!

— «Boas noites! — Santas noites.
Meu compadre. — Meu padrinho.
Meu bemfeitor. — Pae dos pobres.
Santo modêlo dos nobres.» —
Assim se exclamava em côro!
E não vendo outro caminho

nem já lembrando seus feixes
o rancho lasso, faminto,
vai seguindo por instincto
os passos de D. Martinho!

Que Rei teve côrte igual
mais espontanea e leal?

E taes palavras trocaram
até á choça sombria,
em que o doente jazia:

—«Com que então, vão aqui tres afilhadas
que nem a benção pedem ao padrinho?»—

—«Sua benção Senhor....»—

—«Que Deus vos abençôe. D. Martinho
quando vê suas bençãos despresadas
com tanto desamor,
já não quer mais saber das afilhadas.»—

—«Vinha longe padrinho, ora sómente....»—

—«Não mintas Josephina!
repara bem que um anjo nunca mente!...
Esconderem-se as minhas afilhadas!...
Oh! que brancas e crespas como neve
trazeis vossas meadas!
tão lavadas!
tão coradas!

ai que lindas que vão! — e vosso pae
como ha de achal-as bem!...
Elle não vem?» —

— «Aqui vou, meu compadre, envergonhado
por inda não ter dado
de mim boa razão como devia.
Mas... compadre e senhor, a gente ás vezes
soffre por seus peccados taes revezes....
Eu vi os meus renovos abrazados,
e as duas trovoadas
foram... sei lá senhor!... os meus peccados!» —

— «Quem te pergunta, velho impertinente,
por ninharias que são puros nadas?
Se me deves uns grãos que se perderam,
eu devo-te o folar das afilhadas.
Ella por ella, velho, se és contente;
que até as innocentes me fugiram
na festejada Paschoa,
deslembradas de usanças tão antigas
as pobres raparigas!

Mas vamos ao que importa. Esta menina
tem seu noivo escolhido,
sem me pedir licença nem conselho!
dou-me por offendido,
e perrices fataes são as d'um velho!

Ordeno pois: que o noivo, que me escuta,
não tenha o gosto de lhe dar vestidos.
Mais ordeno: que a bôda do noivado,
não seja em casa da menina astuta
nem do noivo sagaz, ambos fingidos,
que tanto me occultavam seu cuidado;
e porque chorem sorte tão mofina,
intime-se a Ricardo e a Josephina,
sentença que profere D. Martinho,
condemnando nas custas... o padrinho.»—

E á choça do pobre que enfermo penava,
o grato cortejo chegava no emtanto;
e senta-se o povo que á porta esperava
dizendo baixinho: Que santo! que santo!

Que longos dias! — como passam lentos
sobre os tormentos do ralado enfermo,
que baloiçando-se entre vida e morte,
só pede á sorte linitivo, ou termo!

Que valem ais do consternado amigo?!...
Que val o abrigo que se dá chorando?!...
Que val a meiga filial ternura
se a sepultura se lhe está cavando!?

Eram dois anjos a velar-lhe o leito;
ambos no peito a suffocar os prantos;
ambos, qual mais? a bafejar-lhe vida,
ancia perdida de cuidados tantos!...

Da prostração, do quebranto,
o velho volveu á vida,
para mais breve a perder.
Olhou em torno, e sem pranto
encara a filha querida,
de susto e pena tranzida,
a soluçar, a tremer....
Vê junto d'ella, Germano,
dando-lhe os ternos cuidados
de generoso enfermeiro.
Defronte d'elles sentado
vê D. Martinho, encostado
ao seu alvo travesseiro;
cotovêlos no joelho,
nas mãos escondida a fronte.

E deu-lhe a mão o bom velho
dizendo: —«Como isto é nobre
mas é já tarde Senhor!»—
E D. Martinho doído
tal lhe redarguiu: —«Ai pobre,
que te esqueceste de mim,
como d'um grão escondido

que não vê o semeador!
Mas tu não foste esquecido,
foi pejo, não é assim?
Ai! salva-me d'esta dor.»—

—«Não esqueci, não, senhor,
que o atteste este papel
que para vós fôra escripto....
e só para vós.... no fim
do meu delirio cruel....
que me vi menos afflicto....
tomei papel... e tinteiro,
gastei o papel... e o alento;
e d'este meu testamento...
sois vós... o testamenteiro.
Vai aberto... podeis ler...
se a lettra tanto quizer.
Ao amigo moribundo...
acceitae o que vos deixa...
deixando a pobreza... e o mundo.»—

Olhou Germano, e sorriu-se;
olhou a filha, e tremeu!
e nella os olhos pregados,
absortos, d'agua arrazados,
por largo espaço prendeu;
e acompanhou a leitura
com taes prantos de amargura
quaes ninguem nunca os verteu!

Solemne, em pé, D. Martinho
quasi a voz a emmudecer,
ao lado do pobresinho
oiçamos o que vai ler:

—«Em nome de Deus! Vivi
na fé santa de meus paes,
e nella morro. Aprendi
a amar ao meu Deus, e aos mais
que são, como eu, peccadores.
Deus que por mim soffreu dôres,
que me leve para si.

Deixo a horta do rio á virtuosa
viuva que ficou do justiçado
Heitor Pedro; de vida tormentosa!
pobre, qual sou, e como fui, soldado,
em lembrança fiel e amargurada,
do meu brioso, pobre camarada.

Deixo a casa em que vivo, a Mem Rodrigo,
que só possue de seu, rua ou caminho,
a quem de pobre, a sorte fez mendigo;
a ave, o peixe, a fera, tem seu ninho,
só o não tem o pobre vagabundo,
repellido estrangeiro em todo o mundo.

Deixo o meu santo christo ao senhor cura
de quem espero as preces dos finados;
uma oração com dó, dess'alma pura,
talvez valha o perdão dos meus peccados!
Deixo alvião e enxada, ao meu visinho....
e deixo a minha filha... a D. Martinho.»—

Do velho a muda anciedade
findou na filha querida;
vivia só de saudade,
chorou, e perdeu a vida!

Da orphã julgae as dores
vós todos que tendes paes,
que eu não quero entre estas flores
tantos goivos funeraes.

CANTO II.

A BENÇÃO DA DESPEDIDA.

Que edade florida e bella
a dos vinte annos! — Não é?!
ornada, embora singela,
de crenças, de esp'rança e fé;
em que dorme a austera e fria
luz da prosaica razão;
em que ostenta sob'rania
infinita o coração!
em que o mancebo tem sonhos
de fabulosa extensão,
altivos, nobres, risonhos...
Que bem fadada illusão!...

Dos vinte annos a magia
quem poude roubar-m'a assim?
Que é dos olhos com que eu via
em cada cêrro, um jardim?

em cada gruta encantada,
linda moira namorada
com thesoiros para mim?
em cada fonte uma fada,
em cada casa um festim?
em cada peito um abrigo,
um ceo em todo o viver,
um irmão em cada amigo,
um anjo em cada mulher,
alta sina em cada estrella,
e em tudo nobreza e fé?!...

Que edade florida e bella
a dos vinte annos! — Não é?!

A dos dezoito, é da vida,
fresca, plena primavera,
rosea grinalda, embebida
de aroma que não se altera;
mansa fonte cristalina,
em que se mira constante
uma imagem peregrina,
que em si mesma vive e mora,
que a si mesma tem diante,
que se festeja e sorri,
que basta só para si,
e que a si propria namora.

Mimo tal da natureza
não tem maldoza dobrez,
tem força na singeleza,
orgulho na timidez.

Inda os tristes desenganos
lhe escondem seu negro arcano.

D. Jayme tem já vinte annos,
dezoito, o loiro Germano.

Dois annos tem decorrido
desde que o bom D. Martinho
viu esse drama sentido
da morte do pobresinho.

Era um vasto salão; cupula altiva;
espaldares de sola almofadados;
tres janellas inundam de luz viva
negros, nobres bofêtes torneados;
serpentinas de prata em cada mesa...
casava-se co'o luxo a singeleza.

Era nova manhã: o firmamento
se doirava dos fogos do oriente;
o ar, puro e subtil; dormido o vento;
já não sabe de aromas o ambiente.
Dezembro é pobre de verdura, flores,
coros d'aves, e musicas de amores.

Que póde no salão conservar presos
os que tão cedo os leitos seus deixaram?
que á luz de candelabros inda accesos
borzeguins e gibões inda ajustaram?
que já dez vezes *vamòs* proferiram,
e do salão as portas não sairam?...

Germano, encostado á mesa,
debruçado na cadeira,
co'a mão esquerda sumida
nas ondas d'oiro brilhante
da formosa cabelleira,
tinha a attenção toda presa
nas folhas d'uma carteira
que elle escrevia, radiante
de inspiração. E que leve
nas folhas, alvas de neve,
voava a penna ligeira!

A passos largos, pesados,
inconsequentes, incertos,
seccos labios entr'abertos,
negros olhos desvairados,
D. Jayme passeia ancioso
curtindo negros cuidados,
e cruzando pressuroso
em giro vertiginoso
o vasto, fundo salão.

Nas feições anuviadas
bem transparece o desgosto,
pois lançam veos pelo rosto
as magoas do coração.

Sobre nova fina esteira,
sentada ao pé da janella,
oh! que linda costureira
tão nova, tão pura e bella!
Quem não reconhece ao vel-a
Anninhas, a morenita,
a lavadeira singela,
tão triste, mas tão bonita!

Vais errar o teu bordado
para os teus dias festivos,
se espreitas com tal cuidado
teus dois irmãos adoptivos!

Ai! guarda-os, pobre donzella,
protege-os, virgem singela,
salva-os de seus desatinos!
Véla, véla os seus destinos
fulgente, calada estrella!

Outro *vamos* distraído
de Jayme aos labios voltou;
e o *vamos* foi repetido

por Germano, meio erguido,
que sorriu, e se assentou.

E tudo em poucos momentos
recaiu no antigo estado,
volveu á ordem primeira:
D. Jayme, aos seus pensamentos;
Anninhas, ao seu bordado;
Germano, á sua carteira.

Emfim D. Jayme, cançado,
quiz repoisar da fadiga
e junto á mesa parou;
tomando na mão amiga
a fraterna amiga mão,
a Germano perguntou:
—«Que escreves tu meu irmão?»—
—«Singelas trovas sentidas,
um ramo de muita flor,
cultivadas e colhidas
pela mão do trovador.»—
—«A quem eram destinadas?»—
—«A quem? meu irmão... a ti.»—
—«Que flores mal empregadas!»—
—«Acceita-as, pois as colhi;»—
—«Acceito as flores, coitadas!
mas mostra-me o teu jardim.»—
—«É d'est'alma sem cultura

o pobre humilde canteiro.» —
— «Flores d'origem tão pura
não podem trazer senão;
e quem foi o jardineiro?» —
— «Bem sabes: — o coração.» —

— «Oh! dá-me, dá-me o teu ramo,
antes que o desfolhe o vento;
mal sabes tu quanto eu amo
os hymnos do sentimento!
Não dás flores com espinhos,
nem veneno, nos carinhos
de hypocrisia villã.
Mostra, mostra-me o teu hymno;
quem sabe se o meu destino
m'o não desmente ámanhã!...

Nem só tem valor um solio;
neste ignoto capitolio
c'roaremos um poeta
eu e Anninhas nossa irmã.
Não vês? olha: a preguiçosa,
tão descuidada e tão bella,
a pensar nas lindas flores
d'uma vistosa capella
com que ha de pagar-te o encanto!
Pois eu, dar-te-hei uma palma.» —

—«Bem: escutae o meu canto
que se chama:

Flores d'alma.

As flores d'alma que se alteiam bellas,
puras, singelas, orvalhadas, vivas,
tem mais aromas, e são mais formosas
que as pobres rosas, num jardim captivas.

Sol bemfazejo lhes aquece a rama
lucida chamma, sem ardor que mata;
banham-lhe as hastes, retratando as frontes,
limpidas fontes em ramaes de prata.

Que amenidade! nos vergeis suaves,
cantam as aves, sem cessar, amores.
Se ha ceo na terra, se ventura ha nella,
d'alma singela se achará nas flores.

Filhas das crenças, como as crenças puras,
de mil venturas mensageiras bellas,
se o vento um dia lhes soprar e as córte,
Deus! — dá-me a sorte de morrer com ellas.

Ao ermo embora, a divagar sósinho,
corra o mesquinho por amor traído,
quando o remorso lhe não turbe a calma,
nas flores d'alma encontrará olvido.

Naufrago lasso a sossobrar nas vagas,
sem ver as plagas em que almeja um porto,
embora o matem cruciantes dores,
d'alma nas flores achará conforto.

O pobre monge, que, de pé descalço,
d'um mundo falso os areaes percorre,
quando lhe entregam do martyrio a palma,
ás flores d'alma se encomenda, e morre.

As flores d'alma são bellas,
mesmo sem terem cultura;
não ha silveiras entre ellas,
nem goivos de sepultura.

Tem uma só primavera
estes amenos rozaes,
uma só; — ninguem podéra
reverdecêl-os jámais,
ou quando os congele o frio,
ou quando os queime o tufão,
nas chammas d'um desvario,
na campa d'uma paixão.

Quando ás tormentas da vida,
em que alma e corpo abismára,
refoge o gasto suicida,
o tiro que elle dispara

com fria gelada calma,
tem por bucha as folhas seccas
das mirradas flores d'alma.

E tão completo silencio
reinou em todo o salão,
que se ouviu batter oppresso
d'Anninhas o coração.

—«São bellas as flores d'alma
—Disse D. Jayme por fim —
mas acho-as mal empregadas
sendo offertadas a mim.

Um canto sentido e puro
em ti, Germano, diz bem;
mas tem um sentido escuro,
e conta agoiros tambem!
Pois na vida venturosa
que nós vivemos, Germano,
não vejo senda espinhosa,
nem sombras de escuro arcano.»—

—«Ah! Jayme, Jayme! é baldado
o intento de me illudir;
pensa que eu tenho ficado
no mesmo quarto a dormir...
Pois vou contar-te em segredo

o que inda esta noite vi:

Deu meia noite;
manso e manso e muito a medo,
julgando-me adormecido,
mas já vês que não dormi,
te levantaste, vestido
como te havias deitado.
Entr'abriste com cuidado
a mais rasteira janella,
e te escoaste por ella
té poisares no terreiro.
Sellaste o cavallo negro
por mais valente e ligeiro,
e mais ligeiro que o vento
o vulto negro partiu,
e mais negro do que as sombras
nas sombras se confundiu.
Não te lembraram as penas
do meu cavallo alazão,
que choraria em relinchos
saudades de seu irmão;
e que o bom velho Martinho
podia ser despertado
por mais proximo visinho.
....

Era quasi manhã quando voltaste,
cheio de angustia e dor o coração.

Sómente quando aqui te desmontaste,
maravilhado notaste
que em vez do cavallo negro
montavas meu alazão...
Por entre as sombras da noite
errára o teu espião.»—

—«Seguiste-me, Germano?
luz de risonha estrella,
eras-me sentinella
na escura solidão?
Tu foste, como a sombra,
do perdido sem guia
extrema companhia!...
Bem hajas meu irmão!»—

—«Attende-me, escuta-me:
pensei que podias
cair e morrer,
julguei-te somnambulo;
quiz vêr para onde ias
dormindo a correr.
A noite era gélida,
a neve caía,
o vento zunia,
e o rio mugia
no fundo do val.
A scena era lugubre,

e á hora em que os medos
vem entre os rochedos
ouvir os segredos
do anjo do mal.
    Eras tu.

E eu era o pagem da lança,
que á hora em que se descança
surge do reino das brazas
no seu cavallo com azas
seguindo D. Belzebut.
O que passou no congresso
não sei, não posso contar;
Oh! mas a feiticeirinha...
que lindos olhos que tinha!

Quando saltaste a janella,
já eu dormia a fartar!

Tiveste um somno agitado:
Fallavas d'uma mulher...
d'um amor muito extremoso...
fallavas do teu cavallo,
que um ladrão tinha trocado;
e nas ancias do soffrer
teu sonho cruel, teimoso,
pintou-te o destino irado
contra o teu anjo... sonhado!

Mataste (mas tudo em sonho)
os malvados que a mataram;
choraste depois por ella,
de martyr pediste a palma...
Jayme! a que vem esses ais?»—

—«É seiva d'uma flor d'alma
que esta noite me cortaram.
Dize mais.»—

—«Acordaste em sobresalto,
convidaste-me a gosar
a viração da manhã;
encontrámos a bordar
a nossa formosa irmã.
Vejo-te agitado e mudo...
Nada mais sei, nem pergunto
mas bem vês...»—
—«Que sabes muito,
mas inda não sabes tudo.
Não saias minha irmã, senta-te ahi;
Eu não tenho segredos para ti.

Fui a Vizeu... em maio fez dois annos,
um medico chamar para teu pae;
deveis lembrar-vos d'isso. Quando entrei
na casa do doutor, tambem entravam
uns nobres de Castella;
e logo ali se disse, ou eu sonhei,

que d'esse altivo Duque de Olivares
e d'Altamira e d'Alba eram parentes,
e que eram, em razão do conde Duque,
        da privança d'El-Rei.

Chamava-se D. Cezar d'Aragão
o velho nobre, militar antigo;
altivo, pertinaz e fanfarrão,
ninguem sabia comparar comsigo,
porque elle no valor, era um leão!!
Fidalgo, mais que os Reis do mundo inteiro!
Rico, mais do que os Cresus, e os Lucullos!
Mestre dos sabios todos! O primeiro
        dos santos da christandade!
E já, por de seus paes costume antigo,
só de Deus familiar e intimo amigo!!
Fez-me rir este vulto de epopeia...
lembrava-me Tuboso, e a Dulcineia.

Tinha dois filhos já condecorados:
        D. Diogo e D. João;
morenos, de semblantes carregados,
olhavam para mim os meus senhores
de revez sempre, á guisa dos traidores.

Resta esboçar aqui um rosto meigo,
uns olhos scintillantes como estrellas;
requebros mais gentis, faces mais bellas,
nem Phidias as sonhou, nem Raphael.

Tinha os cabellos negros como a noite,
levemente morena a face pura;
para pintar do collo a formosura
não ha cores na terra, nem pincel.

Finas as sobrancelhas arqueadas;
o braço torneado; a mão de neve;
o pé, que mal se vê, inquieto e leve;
uns olhos que irradiam fogo e luz;

labios que pedem beijos calorosos;
metal de voz suave e namorado...
Julgae um anjo assim, tereis achado
o typo mais simpathico, o andaluz.

A casta flor de Granada,
que ao pé do Darro nasceu,
floria ali, transplantada
tão longe do patrio ceo.

Dos jardins d'Andaluzia
fallava com tanto ardor!
e os olhos que me volvia,
volvia-os com tanto amor!

Pintou-me a Alhambra encantada
com seus jardins orientaes,
e ao longe a serra nevada,
soberba de seus cristaes.

Enlevado em seu sorriso,
louco, fascinado ali,
vi na Alhambra um paraizo,
no paraizo uma Houri!

E fiz-me crente por ella,
e como crente a adorei;
suppliquei á minha Estella
me desse o amor que eu lhe dei.

E comprehendeu que eu sentia
amor violento, fatal,
porque o sol d'Andaluzia
é tambem de Portugal.

Eu só extremos conheço
e só extremos sonhei;
eu amo como aborreço:
tudo, ou nada. — E todo amei!...

....
....
....
....

Que tempo se passou em quanto sós
fallavamos d'amor, não no sei eu;
pois se nos figurou

seculos nas saudades que deixou,
instantes na ventura que nos deu.

Veiu depois a nós
D. Cesar d'Aragão;
talvez que receoso
que eu lhe aspirasse em goso
todo o celeste aroma
do lirio seu formoso!
Tinha razão!

Perguntou quem eu era, e d'onde vinha;
quiz responder por mim o bom doutor,
e teve a paciencia, que eu não tinha,
de explicar quanto sabia
da nossa genealogia,
não sei se com verdade, ou com favor.

Redarguiu-lhe o valentão:
que assistira ao desbarate
das hostes do D. Prior;
que o nosso pae conhecia,
e que o tinha desarmado,
guardando como prova a sua espada!

Eu, co'a face incendiada,
respondi-lhe que mentia;
que desarmar D. Martinho

não era tarefa tão pouco arriscada
que alguem a tentasse,
ficando com vida!

E nisto, no intimo
tremia-me o peito
d'ouvir sem respeito
fallar de meu pae.

Aquella face aborrida
nem córou nem descórou,
e simplesmente me honrou
com a ironia d'um—Ai!
então achaes que menti?
e a prova d'isso onde está?—

—A prova é que estaes aqui,
e que a espada existe lá.—

—E vós, creança importuna,
quereis mostrar-m'a talvez?...—

—Para vós, cançado velho,
será sobeja fortuna
se a virdes só na bainha,
por que não cegueis de todo
aos raios d'aquelle espelho.
Mas tendes ali dois filhos

com provas de valentia;
a esses posso mostral-a
sem receio á luz do dia. —

O repto foi logo acceito,
marcada hora e logar...
Vêde que ensaio d'amores,
que donoso auspiciar!

Tinha-me esquecido Estella;
olhei-a: tremia tanto...
tão mudo corria o pranto
pelas faces da donzella...
Ai! quasi me fez covarde
aquella mulher tão bella!

Matál-os... era matar-me!
Morrer eu... era perdêl-a!
Fugir... era deshonrar-me!
Fosse qual fosse a estocada,
a sorte estava lançada:
tinha de morrer por ella.

Cheguei-me a urto, e baixinho
pedi-lhe humilde perdão.
Ella em choro convulsivo
segurava o coração,
que não lhe estalasse o peito.

Com angelical aspeito
me disse a triste por fim:
—Vele a Virgem por nós todos...
Jayme! que será de mim?—

Chegou o dia aprazado
d'esse duello fatal:
aguardo o instante ajustado
na *Cava de Viriato;*
eu só; ninguem mais havia
nesse deserto arraial,
que a chuva grossa fazia
cada regato, caudal.

Soára a hora tremenda!
Orei a Deus por Estella;
mandei aos ceos a offerenda
da minha prece singela,
e o meu ser... a minha vida...
a minh'alma... foram nella.

Olhei de roda: chovia;
deserta era ainda a *Cava.*
Era a chuva que tolhia
o passo aos meus campiões.

Mas a chuva alliviava...
o ceo já tinha clarões...

esperei mais... inda mais...
sempre a mesma solidão!
O caminho... era deserto!
Se faltariam? Jámais!
Do trance fatal, incerto,
teriam medo? isso não!

Voava o tempo ligeiro,
desanuviado era o ceo,
e ninguem vinha; por fim,
ao longe passando a ponte,
um vulto me appareceu;
percorre o largo terreiro,
vê-me, e vem direito a mim.
Era um pagem tão bordado,
que entre bordados se perde;
gorra preta, pluma verde,
borzeguins de velludilho
doirado, negro o justilho
com golpes de carmesim.

—Boas tardes, senhoria.—
—Deus vol-as dê. Quem buscaes?—
—A D. Jayme d'Aguilar.—
—Presente está; que lhe daes?—
—Ides ver—
disse. E com vagar e geito
curvou-se, e tirou do peito
este papel que vou ler:

—Saude e venturas mil
a D. Jayme d'Aguilar.
Não vamos senhor; se é vil
o prometter e faltar,
mais vil é ter emboscados
seis assassinos comprados
para á traição nos matar.
Pagae aos vossos bandidos
a negra sanha impotente;
empregae mais nobremente
a espada de D. Martinho;
reparae que esse caminho
ao cadafalso vai dar.

Se para lavar a affronta
meditaes vingança atroz,
em novo seguro bote
chamae ao campo da liça
á vossa escolha um dos servos
da nossa cavalhariça;
jogae com elle o chicote
para saldar essa conta;
vereis que é digno de vós.
Com que, muito boas tardes
senhor D. Jayme.—
Covardes!
A mesma altiva Castella,
que entre muitos mil traidores

produz muitos mil valentes,
terá de certo vergonha
d'estes fracos insolentes!

—Pagem! ouviste a leitura
d'esta carta?—
— Ouvi, senhor. —
— Olha, caminha, procura
vestigios d'algum traidor.
....
Achaste alguem?—
— Nada vi. —
—Toma este oiro; é para ti.
Entrega esta carta a Estella,
mas olha bem, só a ella,
que só ella me faz dó;
dize-lhe que eu 'stava aqui,
mas, firme, sereno e só.
Promettes?—
— Juro. —
Parti.

Já vistes contorcer-se uma serpente,
lançada viva d'um incendio á chamma,
empinar-se na cauda,
enroscar-se, voar,
ao sentir estalar
escama por escama?

silvar buscando victimas
co'os olhos chammejantes?
ir enroscar-se impavida
ás chammas coruscantes,
e na indomavel furia
morder rubro carvão?

Tal se me erguia indomito
no peito o coração!

Chegou a noite; a febre da vingança
a casa me levou d'esses traidores
que tanto me insultaram,
e vi-a debruçada na janella,
a meiga flor d'est'alma, a minha Estella.

Ao portal, encostado,
o pagem só achei.

—Os teus senhores?—
—Não sei.—
—Cumpriste o que te ordenei?—
—Mais baixo senhor! cumpri.—
Dei-lhe mais oiro, e subi.

Em logar dos tres demonios
o meu anjo achei sómente;
era justo apoz a affronta
ver um sorriso clemente.

Ai! tu não sabes de certo
as ancias do coração
que sente de si tão perto
da amante a timida mão!
que treme, e chora, e sorri!
que o aperta para si,
e que o leva manso e mudo,
suspensa a respiração,
aerio o pé, que não gema
sobre as taboas do salão!...
e em torno calado tudo,
só a ouvir-se o coração
dentro do peito a estalar...
ai! não sabes meu irmão!

Entre os seus braços mimosos
mirál-a ao pé da janella,
á baça luz do luar,
e beber nos olhos d'ella
amor a tragos sequiosos!...
Ai! tu não pódes julgar
o poder de uma mulher
que em beijos pede perdão,
em vez d'essa maldição
que está no peito a ferver!
mulher que paga em delicias,
em celestiaes caricias,
affrontas que só a morte

no mundo faz esquecer...
Pois tudo póde a mulher!
se alguem te disser que não,
ai! não creias meu irmão.

Não sei o que dissemos
nessa linguagem mistica;
mais que o gozo da vida
sentimos nós ali.
Não juro que vivemos;
só juro que senti.

Se os beijos são d'amor, se amor é vida,
eu quero esse prazer celeste, ameno,
pois desejo viver.
Se os beijos tem veneno,
se ha beijos homicidas,
quizera ter cem vidas,
e vezes cem morrer.

Sahi, dava meia noite.
Quantas estranhas mudanças
senti eu no coração!
Entrei, raivando vinganças;
sahi, jurando perdão!

Desde essa noite de tão mago enleio
poucos dias ou noites tem passado

sem eu ver e beijar a minha Estella.
No templo, no sarau, ou no passeio,
amo-a, sigo-a tão louco e namorado
como ama o nauta a salvadora estrella
em noite de tormenta
entre as nuvens do ceo, só vendo a ella.

Disse a meu pae um dia o meu segredo;
mostrei-lhe o meu desejo.
Ensinou-me o caminho mais honroso
que eu devia seguir.
Bem o sabia eu; mas tinha medo...
ou pejo...
de deixar o meu trono de orgulhoso
e descer... e pedir...
Tudo póde a mulher! Pedi, rojei-me
ante esses deshonrados sem pudor;
inda me escalda o peito essa vergonha!
inda me cresta a face este rubor!
Olhae as bagas do suor que ainda
me faz manar a dor!... Vergonha infinda!

Na carta que escrevi, o que eu dizia
não sei;
sei que tentei queimal-a
quando a lacrei;

mas num resto de fé
salvou-a o coração!...

....

Mandaram-me em resposta
um desdenhoso — *Não!*

....

Choraes? triste de mim! por Deus vos peço
que não choreis assim, que me mataes;
são mimos d'esta Hespanha, e de tal preço,
que um se compra na vida; um só; não mais.

Estranhos, fingem pena dos revezes
d'este pequeno povo de leões;
senhores, que lhe importam portuguezes?
repellem-se com o pé, que são villões!

Ao ler a resposta ingrata
o nobre pae D. Martinho
das hirtas mãos a largou;
e ao ver-me as faces córadas,
retintas de angustia e pejo,
disse-me, dando-me um beijo:
— Espera ainda. — E marchou.

Veiu já noite, e abraçou-me
sem coisa alguma dizer;
mas disse-me o seu silencio
o que eu temia entender.

Bem viste que á meia noite
parti, victima da sorte,
para ouvir dos labios d'ella
sentença de vida ou morte...
Minha voz, não tremas tanto!
socega, meu coração!...»—

Todos se ergueram reverentes, mudos.
Entrava D. Martinho no salão.

Depois da benção paterna,
—«Sentae-vos — disse — mais perto,
aqui bem junto de mim,
que tenho que vos contar.»—
E com voz trémula e meiga,
depois de breves instantes
de amargurado esperar,
grave e triste disse assim:

—«Nas hostes do infeliz Prior do Crato
sabeis que pelejei contra Castella;
a muitos pobres homens d'esta aldeia
mostrou-lhes o caminho a mesma estrella;
entre outros, foi o pae d'esta menina,
agora minha filha idolatrada;
esse aparou no peito uma estocada
que me vinha direita ao coração.
Heitor Pedro, foi nosso camarada,

destemido, valente, era um leão!
foi feito prisioneiro,
e morreu pendurado num pinheiro.

Não nos matou a força de Castella,
foi a nossa fatal desunião;
sempre fomos bastantes para ella,
a historia o diz;
muitos creram pequeno o seu paiz,
e ficámos escravos da ambição.

Quem espera venturas d'essa Hespanha,
é louco!
Quem d'um reino maior deseja a sanha
só por mostrar ao mundo informe vulto,
embora venda a patria pelo insulto
de ser um desleal, um mercenario,
deseja mal, e pouco!
Mas ai! é de verdades um sacrario
o livro de Camões:
é força que *entre os mesmos portuguezes*
alguns traidores haja algumas vezes.

É nossa lei firmada por Castella,
que os nobres portuguezes,
não tenham de ir além de seus dominios
presentar seus arnezes;

que a rasguem os mandões;
mas por emquanto é lei;
até quando, não sei.

Crendo sincera pois esta alliança,
julga que é nobre aos nobres
para ter seus tropheos em segurança,
cingir uma espada,
brandir uma lança,
e guardal-os até contra Castella,
se algum dia traição vier por ella.

Até porque, meu Jayme,
a guerra amortalha as dores
de inexequiveis amores;
e ou morre o homem na lida
feliz, coberto de gloria,
ou surge o homem com vida,
mostrando em cada ferida
o hymno d'uma victoria!

Se ao despresado consomem
saudades de muito amor,
com brios se vinga o homem,
que é a vingança melhor.

E prova-se aos insolentes,
que é miseravel, que é louco,
avaliar em tão pouco
o que se não conheceu;
e que num povo abatido,
e miseravel, e pobre,
fica muito vulto nobre
que nunca a honra perdeu!...

....

....

Dizer: filho querido,
deixa o teu patrio lar,
vai procurar o olvido
na gloria, ou na mortalha,
no ensanguentado azar
das furias da batalha!...

No lucto e na tristeza
deixa teu pae, um velho,
que Deus e a natureza
te mandam amparar;
deixa-nos todos!... Ai!
sei o aconselha a honra,
mas custa a quem é pae!
E com tudo, meu filho,
bem vês, trago-te aqui a minha espada,
certo que has de guardar-lhe o antigo brilho
de que nunca por mim foi deslustrada!...» —

— «Primeiro — disse D. Jayme —
um só momento, escutae-me;
ides ouvir a leitura
d'esta carta amargurada,
triste como a sepultura,
meiga como a desgraçada,
que o meu amor abismou!...
E vêde o que ella chorou,
que vem de prantos regada:

— Foge, meu Jayme, ao destino
que te persegue, infeliz!
d'um sentimento divino
o tredo mundo maldiz.
Antes Deus me fulminára
na hora amaldiçoada
em que eu pedi a deshonra
que não querias! Fui eu!
juro-o á face do ceo!
para ver se deshonrada
me davam ao teu amor,
ou me deixavam na rua;
que antes queria morrer,
do que deixar de ser tua.

Peccámos, Jayme, pequei
contra a honra, e contra Deus;
manchei-me, e manchei os meus!

É um peccado tão negro,
tão feio, que brada aos ceos!

Conhecida a deshonrada,
toda a esp'rança nos deixou;
e és tu, meu Jayme, o perdido!...
Ai, foge, desventurado,
que ámanhã és perseguido!
Nada receies por mim,
receia tudo por ti!...
Vê como eu sou desgraçada,
que fui eu que te perdi!

Meu Jayme, adeus! Nas entreabertas portas
que nos passam da vida á eternidade,
ficam nossas esp'ranças murchas, mortas!
reverdece a cruel, feral saudade!

Morrer na flor da vida! e sendo amada!...
Quando a mente, d'amor arde e delira!
Ai! tanta aspiração tão mal lograda,
tantos sonhos d'amor, tudo mentira!... —

....

Por Deus vos juro, meu pae,
que fôra sorte invejada
acceitar a vossa espada,
ennobrecer-me por ella;

mas meu norte, perdoae!
já o marcou outra estrella
talvez de negro condão;
bem sabeis que o coração
me prende á sorte de Estella.
E vós não sabieis nada!
a pobre está deshonrada
dentro em pouco ha de ser mãe!
seus irmãos, querem matal-a,
e eu... eu ou hei de salval-a,
ou hei de morrer tambem!»—

Deixára a sua cadeira
Germano, a candida flor;
e beijando a mão paterna,
acceza a face em rubor,
disse ajoelhado:
—«Senhor!
concedei-me a vossa espada;
serei guerreiro por ella;
e á força de heroicidade,
se não mente o coração,
ganho para meu irmão
a posse da sua Estella.

Favor em Deus acharemos
abençoados por vós!»—

—«Deus vos dê propicia estrella...

....

Ai! despiedada Castella,

por que has de ser nosso algoz?!

....

Deus! entrego-te meus filhos!...

Anninhas! ficamos sós!»—

CANTO III.

SOMBRAS.

Soberbos grandes do mundo,
este quadro é para vós!
Tenha remorso profundo
quem mancha as sombras de avós!

Fazeis o mal sobre a terra;
em nome d'elles! mentis!
Grandes na paz ou na guerra,
não podiam ser tão vis!

No poderio e riqueza
cevaes a negra ambição;
julgaes bem mal a grandeza!
sois bem pequenos! perdão!

Negociantes de escravos
desnaturados, villões!
que, em troca de falsos brilhos,
ides vender vossos filhos
nos mais infames leilões!

Fazeis-lhes do amor um crime!
que paes malditos sois vós?!
Depravaes-lhe o sentimento:
eis o requinte sublime
de um pensamento de algoz!!

Nas ancias que vos consomem
de só comprar ou vender,
compraes por soberba um homem,
ou vendeis uma mulher!

A quantas almas singelas
suffocam vossos arminhos!
a quantas, quantas donzellas
são mortalha uns pergaminhos!
Nem só punhaes ou venenos
laceram peitos serenos,
ou toldam em meigos rostos
os traços angelicaes;
vós bem sabeis que ha desgostos
que valem muitos punhaes!

Quantos de vós olhareis
com despreso a deshonrada
que por amor se perdeu?!
Crueis!...
Não chores humanidade,
nem córes de envergonhada;
ha mais justiça no ceo!

Miserandos cegos de alma,
que em sua brutal fereza
vegetam em podre calma,
sem ver a sua torpeza,
podem de sangue sedentos
á pobre Samaritana
atirar pedras aos centos,
e em seus orgulhos ferozes
crer-se instrumentos dos ceos!!
Que importa? são só algozes,
porque juiz é só Deus!

Julgaes que a paternidade
vos dá feudal senhorio?!
Renegae do desvario
que insultaes a Divindade.
Quereis dar tratos a um filho,
negociar seus amores,
forçál-o a escabroso trilho?...
com que direito, senhores?

O homem que ao filho ensina
os bons caminhos da vida,
que o anima, que o convida
a seguir senda segura
que o leve até á ventura;
que lhe mostra, reverente,
essa estrella peregrina,
da santa fé viva imagem,
estrella que ao innocente
e que ao adulto illumina
pela espinhosa romagem
d'este mundo, e que lhe ensina
essa escondida passagem
d'aqui á patria divina;
é homem de coração
que presta aos erros perdão:
um homem tal encontrae,
e descobri-vos, que é pae.

Mas o que, de olhar severo,
em seus orgulhos famintos,
quer, contra o que Deus quizera,
conculcar nobres instinctos,
annular alta razão,
e mais tyrano que Nero,
esmagar um coração
nas suas garras de féra;
que pelas praças e ruas

faz lançar este pregão:
«Quem mais der chamará suas
as rezes que eu trago ao jugo,»
não é amigo, é verdugo;
não é pae, é vendilhão!

Ergue um brado, ó sociedade,
bem d'alma... de coração,
em honra da humanidade
contra este infame leilão!

Entre arômas, entre flores,
ergui meu canto de amor;
mais luz quizera e verdores
encontrar o trovador;
mas a amena primavera
que do nascente se erguêra,
sorriu instantes... morreu.
Tristes sombras carregadas,
extensas, agglomeradas,
toldaram-me o sol e o ceo!

O poeta é navegante
que nos baloiços do mar
pede á estrella rutilante
as praias que vai buscar;
mas quando a tormenta geme,
perde agulha e mastro e leme,

estrella e ceo e arrebol.
Quem te dirá, ó mesquinho,
se jámais no teu caminho
verás ceo, estrella, ou sol?!

Em quarto cerrado, estreito, e sem dia,
de casa sosinha num bosque sumida,
ao pé de uma antiga tristissima ermida,
Estella chorava, e a medo escrevia
á luz de uma vela
de cera amarella,
ao pé de uma imagem da Virgem Maria.

Que triste! que pallida! Os soltos cabellos
são crepe funereo que o rosto sombreia;
que mancha retinta lhe cérca e roxeia
seus olhos chorosos, seus olhos tão bellos!
E á luz d'essa vela
de cera amarella,
expressa co'o lapis seus ternos desvelos.

De pinho singelo num leito indigente,
de roupas mui velhas apenas coberto,
soára um gemido tão debil e incerto,
que só mães o ouviam; Estella o presente;
e a luz amarella
que ondeia na vela
battia no rosto de um anjo dormente.

Estella voára ao leito,
e num delirio amoroso
apertava contra o peito
aquelle penhor mimoso
do seu desditoso amor!
Que prantos que ella não chora!
que amparos que não implora
ao seu anjo guardador!
e tão triste chora, e tanto,
que, bem no diz seu aspeito!
quizera esconder em pranto
seu recemnascido encanto...
encanto que antes de um'hora
a triste verá desfeito!

Escondeu com mil cuidados
nas pregas da camisinha
esse papel que escreveu!...
Ouviu passos apressados,
apertou mais a filhinha,
e ajoelhou, e tremeu.

E os passos eram mais perto...
e Estella mais a tremer
disse á sua flor d'um'hora
que a não podia entender: —
—«Reza... reza a Deus ó filha!
que vais... que vamos morrer!»—

A porta rodára nos gonzos veleiros!
Entraram dois vultos de negro vestidos,
Jesus!! eram elles!! irmãos convertidos
em tigres famintos, fataes, carniceiros!
que á luz d'essa vela
de cera amarella,
luziram nas trevas punhaes traiçoeiros!!
....
....

Quem acode á pobresinha
que morre indefeza e só?!
ó Virgem Santa! rainha
de ceos e terra, tem dó!

Tem dó! salva a desgraçada,
que peccou sim, mas que é mãe!
junto á cruz ajoelhada
ai! tu pedias tambem!

Mostra-lhe a face divina,
accende mais essa luz!
por todo o que desatina
morreu teu filho na cruz!

Tem dó! salva a desgraçada
que pena tanto, que é mãe;
co'o pé da cruz abraçada
ai! tu choravas tambem.

Corre, D. Jayme, não pares;
se amas, se és nobre, vem já;
se um momento só tardares,
tua Estella morrerá.

Em cada beijo materno
vai um suspiro por ti...
oh! tu transpunhas o inferno
e vinhas salval-a aqui!

Não ha um anjo bemdito,
salvador, celestial,
que mostre ao pobre proscripto
esta tragedia infernal?!

Se um rosto viras tão terno
chorando tanto por ti...
oh! tu transpunhas o inferno
e vinhas salval-a aqui!

Viuva rôla que no ermo choras
e sem abrigo, e só, já nada esperas!
o relogio fatal parou nas horas
das tuas dezanove primaveras.

Viste os rostos sinistros, carregados,
incapazes de affectos carinhosos

d'esses teus dois irmãos desnaturados
que nem viram teus prantos dolorosos!

—«Já! meus irmãos! — diz ella — já tão cedo?!
olhae: não acordeis esta innocente
tão formosa, tão pura, e tão sem medo,
tão visinha da morte, e tão dormente!

Eu, sim, devo morrer, pequei; mas ella
tambem ha de morrer! pobre, coitada!
oh! se poupaes a vida á flor singela,
Deus vos perdôe a vós, e á deshonrada!

Mas se tem de a lançar no mesmo abysmo
essa tremenda lei que nos condemna,
oh! lavae-a nas aguas do baptismo;
Deus que m'a leve, e morrerei sem pena.

Tão amigos que fomos noutra edade!
tantos sonhos communs, tanta alegria!
Neste momento extremo, ai! que saudade
tenho dos meus jardins d'Andaluzia!

Em nome d'esses dias de folguedo
vos imploro esta graça — e pôz as mãos! —
Não é, não é por mim que eu tenho medo!
Se vós tivesseis filhos, meus irmãos!...»—

A estas vozes tão ternas
que peito se não rendêra?!
Não; não ha fera tão fera,
que não tenha um coração!
Só se não rende a soberba,
que tem entranhas de pedra,
que em prantos se farta e medra...
sómente a soberba, não.

—«Dá-nos tua filha e reza,
e pede perdão a Deus;
bem vês que sobre essa mesa
tens a Rainha dos ceos!
se não tens vergonha d'ella,
se a' salvação te desvela,
ajoelha; esperta a vela;
reza por ti; pelos teus.»—

Sairam. Outros dois vultos
esperam junto da ermida,
tão sumidos, tão occultos
pela neblina gelada
do frio mez de Janeiro,
como a serpente escondida
no leve pó d'uma estrada,
espiando o passageiro.
Só pelo cerrado escuro
cruzou o tenue susurro

d'este segredo agoireiro:
—«Alerta»—
—«Promptos.»—
—«Tomae!
coragem, por S. Thiago!
Se não acordar, deixae-a
na *Cava*, junto do lago,
debaixo do velho olmeiro;
se acorda e chora, matae-a!

Mal que a ordem for cumprida,
nossos cavallos sellados
ao pé da pequena ermida,
onde se invoca o bondoso
Senhor da boa passagem.
Quando formos procurados,
sabeis a vossa linguagem;
(nem ha taxál-a de estranha):
—Lá vão em terras de Hespanha
bem tristes e amargurados
em companhia de Estella,
que a debil saude d'ella
já dava grandes cuidados!—
Adeus!»—
—«Adeus!»—
E partiram
dois a dois aos seus destinos,

e haveis de ouvir se cumpriram
o seu mister de assassinos.

Que faz D. Jayme? onde o prendem,
que neste instante não vem?
ha quasi um mez que se esconde,
que o não descobre ninguem;
e nem seu pae sabe aonde,
nem a consternada Estella,
nem o finissimo olfato
da justiça de Castella
que o peza a oiro! nem ella!

Anninhas, e D. Martinho,
ha quasi semana e meia
trocaram pela cidade
as singelezas d'aldeia;
e tristes, como a saudade,
não lhe ensina outro caminho
o lidar de cada dia,
que não seja o do mendigo,
pedindo de porta em porta
á casa de cada amigo.
Um dia a outro seguia,
sem lhes apontar aos labios
da esp'rança a meiga alegria.

Pedia a todos o indulto
para o filho tão querido,

perguntando qual o insulto,
que assim o tinha perdido.

Toda a cidade chorava
as penas do nobre velho,
e cada qual procurava
d'aquelle rosto no espelho
vestigios reveladores
de seus guerreiros ardores,
e os seus nobres sentimentos,
generosos, varonis.

Ai velho! que de tormentos
não padeceste, infeliz!
Emquanto de instante a instante
tu pedias incessante
aos amigos, aos parentes,
conhecidos e indifferentes,
ao alcaide, aos aguasis!

Alta noite, em casa entrava,
beijava os olhos pisados
d'Anninhas que o espreitava:
—«Teu irmão, nossos cuidados...»—
—«Não sabeis d'elle?»—
—«Bem vês...
mas tenho esp'rança nos ceos!»—

—«Talvez ámanhã...»—
—«Talvez!...
reza filha, pede a Deus.»—

E nada mais,
que o resto eram só ais.

Na manhã do mesmo dia
d'este successo fatal,
toda a cidade vestia
neve, jaspes e cristal,
e os raios do sol brincavam
neste quadro festival.
Se folgava a natureza,
não folgava D. Martinho,
e neste dia a tristeza
ensinou-lhe outro caminho.
Entrou na casa ostentosa
de D. Cesar de Aragão,
altiva a fronte rugosa,
socegado o coração.

Ninguem sabe o que disseram;
guardou segredo o salão,
testemunha cego e mudo;
só o pagem lhe ouviu tudo,
que os escutou do portão.

Como o nauta amargurado,
que em vez da luz da bonança
tem ceo negro, e mar cavado,
triste como a desesp'rança,
e, como a morte, gelado,
saíu d'ali D. Martinho;
caminhou o dia inteiro,
mas nem fallava nem via;
era um cadaver mesquinho
que entre as vagas d'esse povo
boiava sem companheiro,
e se abismava, e surgia;
queria andar, e parava;
ia a parar, e seguia;
queria fallar, calava;
fallavam-lhe, e não ouvia.
Assim morre, e sem conforto;
mas faz andar este morto
a febre de uma agonia.

Alta noite, em casa entrou:
vinha molhado e tremia,
e nem á filha sorria,
nem os seus olhos beijou;
para junto da lareira
arrastou uma cadeira,
e á fogueira se assentou.
—«Não sabeis de meu irmão?»—

—«Cala-te; bem vês que não!
Não cancemos mais os ceos....
dá-me agua que tenho sede;
ou Deus não ouve quem pede,
ou tu não pedes a Deus.»—

A porta ficára aberta:
dá meia noite na Sé...
tremeram... de ouvido á lerta;
distinctamente se ouvia
que apressado alguem subia.
Á meia noite! — quem é!
E um vulto negro, embuçado,
branco de gêlo, e cançado,
tremendo e livido entrou.
—«Quem sois?»— lhe pergunta o velho.
—«Não queiraes saber quem sou;
um homem pobre e sem nome,
mas amigo de D. Jayme,
pobre qual sou; perdoae-me:
Quereis salvar vosso filho?
sabeis a quinta do bosque?
—«Sei.»—
—«E não erraes o trilho?»—
—«Não.»—
—«Haverá meia hora,
que entre as sombras o encontrei;
occulto de certo ouviu

o que eu com outro dizia;
reconheceu-me e partiu...
antes voou como um raio
áquella casa maldita
onde os punhaes não evita.
Agora, em nome do ceo,
correi, senhor, e salvae-o!»—

Calou-se e despareceu;
mas foi dizendo comsigo:
—«Fiz bem, era meu amigo;
se me calo... que tormento!
Vamos: cavallos sellados,
ao pé da *Bôa passagem*.
Outra vida, outros cuidados;
torno-me agora a ser pagem,
mas fui homem um momento.»—

Na patria de D. Duarte,
que circumdou de muro o heroe do Herminio,
para deixar padrão do seu valor,
Diogo de Macedo e de Albuquerque
era Corregedor.
Mau portuguez vendido;
que só então mandava em toda a parte
neste reino opprimido,
castelhano ou traidor.

Facil foi aos de Aragão
achar no Corregedor
a seu querer protecção;
denunciaram D. Jayme
de tramar contra Castella;
crime de conspirador,
que é crime d'alta traição!
e Jayme estava perdido,
se não fosse precavido
na carta da pobre Estella.

Debalde se correm montes,
debalde se invadem casas;
parece que o criminoso
tem negros antros, ou azas
que tanto foge, e se esconde!
nem a tal zelo responde
suspeita, signal, indicio,
que prometta ao sacrificio
a tão desejada rez;
e tinham perdido um mez.

E D. Jayme andava perto,
que o prendia o coração;
e no seu lidar incerto
medonha fascinação
lhe dava a negra saudade;
era o leão do deserto

rugindo em tôrno á cidade
onde mora o caçador
que as entranhas lhe feriu.
Sonhava na sua Estella
a chorar em soledade
as culpas de tanto amor,
que ella lhe deu por seu mal!
Pobre rôla meiga e bella
na viuvez e na orphandade!
Para Jayme era piedade
se lhe acudisse um punhal!...
não podia soffrer tanto!
Altivo por condição,
mas curvo ao pezo do mal,
lá entra pela cidade,
e escuta de porta em porta,
e comprime o coração,
e uma vez se ergue imprudente
para marchar á prisão,
outra vez, como a serpente,
se enrosca na escuridão;
a vida... a vida que importa
a quem só vive penando!...
Jayme queria morrer,
morrer, sim; porém matando.

E na cidade constava
que tinham levado Estella

para terras de Castella,
e que em Castella casava.
Jayme ouviu... mas num momento
lhe disse um presentimento
    que não;
e D. Jayme, o foragido,
ganhára na solidão
a raiva feroz do tigre,
os instinctos do falcão,
e aquelle olfato certeiro
que tem o corvo agoireiro
quando aventa a podridão.

Esta noite, a horas mortas,
junto da *Balsa*, emboscado,
viu passar dois vultos negros,
e espiou-os com cuidado.
O resto já vós ouvistes
ao pagem tão seu amigo;
não augmentemos o horror.
Mal sabia o desgraçado,
que lhe levavam comsigo
o fructo do seu amor!

Dentro do quarto fechado
(ia a noite negra em meio)
ouviu-se angustioso brado,

e nas taboas do sobrado
um corpo battendo em cheio;
e debil voz moribunda
da vida no extremo anceio
dizer só: —«Jesus! salvae-me!»—
Nisto a porta do aposento
voou em mil estilhaços
a impulso de fortes braços,
e viu-se de pé D. Jayme.

Mostra no vivo rubor
febre lenta que o consome;
erriçados os cabellos,
espanto nos olhos bellos;
era a imagem da agonia,
era a estatua do terror,
faces cavadas com fome,
labios crestados com sede.
E os dois irmãos fratricidas
ao vel-o, tremeram tanto,
que recuaram de espanto
até á extrema parede!
E trovejou:
—«Miseraveis!
eis-nos emfim rosto a rosto!
nunca provastes o gosto
d'uma alegria infernal?
Já paguei aos meus bandidos;

respirae, foram-se embora,
não ha que temer agora!
eia, villões, a punhal!»—

E, como o genio da morte,
contra os algozes corria...
mas tropeçou num cadaver,
que no sobrado jazia!
Os pés nadaram no sangue...
olhou... tremeu! Era ella!
E caiu livido exangue
nos braços mortos de Estella!

Beijou-lhe a face já fria,
quiz aquecel-a em seus braços,
quanto amor! quanta agonia
nestes extremos abraços!

Os dois monstros traiçoeiros,
ao vel-o inerme no chão,
como abutres carniceiros,
cairam sobre elle. Então
sequiosos, esfaimados,
no seu delirio infernal,
gritavam os condemnados:
—«Eia, villão, a punhal!»—

D. Jayme, que os não ouvia,
nem quasi os golpes sentia,

só lhes dizia:

—«Obrigado!
Tinheis a obra incompleta,
vêde que bello mercado:
compraveis o que vos dão!!
Ficaes sem p'rigo no mundo,
e mataes-me esta saudade.
Por piedade! por piedade!
cravae mais fundo, mais fundo,
que me chegue ao coração!»—

....

....

....

....

Poucos momentos passados
na mudez, na escuridão,
rompe nos ares gelados
d'um vasto incendio o clarão.

Tu, que provaste commigo
calix de tanta amargura,
anda ver, leitor amigo,
o quadro da desventura.

Á porta da antiga ermida,
repara naquelle velho,
das chammas tão maltratado,
cavando uma sepultura.

Olha o desvelo, o cuidado,
que um anjo de formosura
põe no curar cada f'rida
d'um homem ensanguentado,
que assim lhe diz:
—«Pobre Anninhas!
minha irmã, que choras tanto!
ai! só eu não tenho pranto
que me suavise o tormento!
Dize a meu pae, por piedade,
que me atire áquellas chammas,
que este morrer é mui lento,
e as chammas breve devoram
os restos de um coração!...
Anninhas... já me não amas?»—

Olha como todos choram!
Olha um cadaver no chão!

Agora, meu companheiro,
descobre-te e reza a Deus,
que vão plantar no canteiro
a flor destinada aos ceos;
reza e chora, se tens prantos,
que lá cobre a sepultura
amor, mocidade, encantos,
riso, pranto, e desventura.

Olha o que faz a desgraça!
Quem tanto chorou no mundo,
só teve os prantos de um anjo,
de um velho, e de um moribundo.

Um ermo por cemiterio!
por marmore, o tremedal!
e as labaredas do incendio
por cirios de funeral!

CANTO IV.

DOZE ANNOS DE AGONIA.

Muito custa a agonia de uma noite
velada em contorsões de ancias mortaes,
no rescaldo de febre que devora
        como um leito de chammas!
Quando se ouve a tormenta lá por fóra
        battendo como açoite
nas ventanas das torres, e entre as ramas
dos ralhadores rotos matagaes!
Quando os pios de passaros noctivagos
lembram coros de bruxas infernaes!

Muito custa a agonia de uma noite
        longa, pesada, eterna,
tendo por só vigia uma luzerna

de semi-morta lùz que bruxoleia,
e a phantasia a produzir só monstros,
e o sangue a referver de veia em veia!

O silencio da estancia abre-se em vozes
cavas, longinquas, de saimento funebre,
e de estridentes, scepticas risadas.
A solidão povôa-se de sombras,
que se cruzam subtís sobre as alfombras,
o traje negro, a fronte e as mãos mirradas.

E o relogio pregado na parede,
das horas se esqueceu, seculos mede.

Meio erguido no leito o agonisante
        olha, escuta, espantado,
        o cortejo funereo.
Estende a mão, acha vàsio o espaço!
Falla como a congresso conhecido,
responde-lhe o murmurio d'um zunido
como de rio turgido distante;
sons da febre, vigilias, e cançaço.
Suor frio lhe escorre do cabello;
rega-lhe o peito dorido, arquejante
        com fios de gelo.

Esconde-se á visão fascinadora;
sob a roupa se furta, os olhos cerra,

mas não se furta á febre que o devora;
olhos de alma penada não tem palpebras
quando o somno lhes foge.

Transfigura-se o quadro. As trevas densas
esmaltam-se de luzes
desiguaes, fatuas, moveis, cambiantes;
são dez, e uma, e cento, e mais, e innumeras,
aqui, além, mais perto, mais distantes,
congregam-se, dispersam-se, enfileiram-se
fogueiras, raios, cirios, soes, estrellas;
e o pensamento mau que ali domina,
passa, recresce, avulta e se illumina
implacavel, tenaz, no meio d'ellas.
É anjo para a fuga abrindo as azas,
mulher a quem perdeu, e que se chora;
é virgem que traíu, que a Deus implora
perdão para o algoz.
Ou cruz que elle arrojou dos hombros fóra,
ou monstro de vingança a rir feroz,
ou remorso de crime ensanguentado,
ou miseria andrajosa do peccado,
ou saudade chorosa sobre a urna
de um amor que morreu.
Todas as fórmas traja e tudo imita;
implacavel lhe brada voz em grita
o pensamento negro que o perdeu.

E o relogio pregado na parede,
das horas se esqueceu, seculos mede.

Passada a noite longa da agonia,
o sol com toda a luz d'um claro abril
vem achar os signaes d'esse tormento
nas mil rugas de um rosto macilento,
e pratear as cãs de uma cabeça
inda hontem juvenil.

E que serão doze annos de agonia?!
doze annos de uma febre sem repouso,
doze annos de uma noite erma de estrellas,
doze! doze!! sem ar, sem luz, sem dia?!
sem um iris no ceo da tempestade,
sem um riso de esperança na saudade,
sem uma rosa só entre os abrolhos,
sem um pranto nos olhos resequidos,
sem um pharol na praia dos escolhos!
sem uma nota de harpa entre os zunidos,
sem uma briza amena entre os ardores,
sem uma gota d'agua entre os fraguedos,
sem uma voz amiga entre os horrores,
sem uma ave do ceo nos olivedos!
Ai que serão doze annos de agonia?
Doze! doze!! sem ar, sem luz, sem dia?!

Inda ao longe a luz do incendio
de tão sinistros clarões
do bosque as nevoas espanca,
quando ao pé da ermida branca
onde vigia o piedoso
Senhor da Boa passagem,
os dois irmãos Aragões
cavalgam sobre os arções,
e caminho de Castella,
picam de redea abatida.
No ceo não fulge uma estrella,
e do vento uma bafagem
apagou a luz que vela
no lampadario da ermida.

Já sobre a crista do *Vizo*
mudam a frente aos cavallos,
e param. Por intervallos
se enrolavam no horisonte
espiraes de fumo e lume
que mais e mais se amortece;
emfim, rebenta, apparece,
qual das fauces de um volcão,
do edificio que desaba,
medonho, extremo clarão,
salpicado de centelhas;
orvalha-o cinza nevada,
de fumo lhe ondeia o manto,

doira-se a nevoa gelada,
as trevas fogem de espanto.
E na cimeira do *Vizo*
os labios dos cavalleiros
nas convulsões de um sorriso,
para a chamma o braço erguido,
taes sons murmurando estão:
—«Amanhã, ruinas só;
entre as pedras derrocadas
não ha sangue, nem ossadas:
ha cinzas, e cinza é pó.»—

Voltam as redeas com sanha,
e vão caminho de Hespanha.

Seis mezes são já volvidos;
e lá na aldeia das flores
são tudo penas e dores,
murmurações e gemidos.
Morreu D. Jaime? É misterio;
ou talvez mirrado esteja
nalgum profano vallado;
que não dobrou a finado
na torre da sua egreja,
nem jaz no seu cemiterio!
Mas a justiça de Hespanha
resfriou d'aquelle ardor,
d'aquella furia tamanha

de achar o conspirador!
Os bons visinhos d'aldeia
fallam de crimes horrendos,
e na fonte, e no serão,
fallam baixo as raparigas,
pondo os cantaros no chão,
carpindo as suas estrigas.
E as velhas dos arredores
rezam com mais devoção
á luz da sua candeia!
O bom velho D. Martinho
tem crepe no seu brazão,
e a formosa moreninha
nunca se vê d'olho enxuto;
traz sempre vestes de luto,
e o cabello em desalinho.
Mas permanece o misterio,
que, se D. Jayme é finado,
ficou por algum vallado,
não jaz no seu cemiterio.

Já lá vai quasi um anno... e que folguedos,
que vida, que ventura, que harmonia,
d'essa aldeana, alegre rapazia
no largo festival dos arvoredos!
Hoje tudo acabou.
Sentado junto á porta, D. Martinho
corteja, sem olhar,

os paisanos que vão pelo caminho,
e semelha tão só a suspirar
um guarda melancholico dos tumulos,
e tumulo parece o seu solar.

Os meninos d'aldeia tão formosos;
vem de manso mostrar por entre a rama
seus rostos anciosos,
e volvem, quaes vieram, silenciosos,
um dia e outro dia;
já do largo fugiu sua alegria;
nenhuma voz amiga ali os chama;
e com elles das balsas contristadas
fugia o rouxinol das alvoradas.

Um dia, numerosa cavalgada
apeia-se ao portão,
limpa-se da poeira, sobe a escada,
entra pelo salão.
—«O Senhor D. Martinho d'Aguilar?»—
—«Eu sou — lhe diz o ancião;
levanta-se e corteja.—
A quem me cabe a honra de fallar?»—
—«Justiça de Castella.»—
—«Bem vinda seja ella;
e a justiça de mim o que deseja?
assentae-vos senhores; nós, os velhos,
temos o triste jus da nossa edade;

dão-nos a lei os tremulos joelhos.
Sentae-vos e dizei.»—
Acercara-se o alcaide, e em voz pausada
disse:
—«Em nome d'El-Rei!
como pae de D. Jayme d'Aguilar,
que é reu d'alta traição,
tendes vossa fortuna confiscada.
Podei-la resgatar,
se, vassalo fiel e obediente,
o entregardes á justa punição.»—

Como chamma de um raio, de repente
se apruma o velho trémulo, cançado;
faisca-lhe nos olhos fogo irado,
no resto se lhe accende a indignação.
—«Mentis — lhe bradou convulso; —
mentis senhor D. villão;
ou não tendes coração,
ou não lhe pedis conselho;
El-Rei de Castella é nobre,
não manda insultar um velho;
póde mandal-o ser pobre,
matál-o á mingoa de pão;
mas mandar que um pae lhe entregue
seu proprio filho?!... isso não.
Em nome d'El-Rei?... mentiste,
senhor alcaide villão.»—

—«Mais conta em vós D. Martinho,
que estaes na casa d'El-Rei!»—
—«Na vossa, lobos famintos,
bandidos sem fé, nem lei;
farte-se a Hespanha inclemente
do povo no sangue quente,
na carne da morta grei.
Portugal é lauta boda
onde come a Hespanha toda;
lobos famintos, comei;
Nesse guarda-roupa além
pende uma farda rasgada
de muito golpe cruzada;
essa, sim, mandae-a ao Rei;
valor para vós não tem;
rirá d'ella a côrte nescia,
como da insignia d'um louco;
porém se a encarar um pouco,
o Duque d'Alba, conhece-a.
Tive uma espada tambem...
ai! mas essa, ha quasi um anno,
dei-a a meu filho Germano,
que, ajoelhado a meus pés,
pela derradeira vez
a mão paterna beijou;
nem já sei onde elle pára,
que a Hespanha, de tudo avara,
de Portugal o roubou.

Ao moribundo leão
porque lançar mais amarras,
se perdeu dentes e garras,
os filhos, o tecto, e o pão?
Eu já saio; antes porém,
minha filha, o meu abrigo,
deixae que a leve commigo...
se a não confiscaes tambem.
Vem, Anninhas, minha filha.
Daes licença aos meus criados?
são meus amigos provados;
entrae rapazes, entrae...
Que é isso! prantos aqui?...
de pranto as faces banhadas...
não envergonheis assim
as minhas barbas honradas!
Cuidado, filhos! valor!
por tão pouco os ais e o luto!
Mostrae sempre o rosto enxuto
e a fronte lisa; valor!
Eis-me pobre; tenho apenas
nesta bolsa alguns cruzados,
que nem supprem meus desejos,
nem pagam vossos cuidados.»—
—«Nada nos deveis senhor;»—
—bradam em côro os coitados.—
—«Não vos quero envergonhar,
nem já isto é meu agora;

mas á fé que ha de raiar
depois da noite, uma aurora
de tremenda punição.
Logar á magra cubiça,
que se vestiu de justiça,
e traz a vara na mão;
tome esta esmola a avareza,
pois quem leva as vitualhas
limpe tambem as migalhas
de cima da nossa mesa.»—
E arremeçou-lh'a ao chão.

Desceu solemne ás escadas.
hirto, sereno, altaneiro;
sob as arvores copadas
sentou-se o velho guerreiro.
Escondeu nas mãos a fronte
e tempo largo scismou...
na sua casa defronte,
ferreo portão se trancou.
Tudo era silencio; emfim
aos criados lacrimosos
volve o rosto macilento:
—«Meus filhos: tão velho e pobre
nada posso, e nada intento;
vossa affeição é mui nobre...
não na quero para mim
que me opprime o coração:

se eu podesse trabalhar,
matára o dia a lidar,
robusto, alegre, feliz;
se eu podesse caminhar,
bem longe do meu paiz
iria peregrinar...
Faltam-me as pernas e os braços!
Como é cruel esta edade
dos gelos e dos cançaços!
Esperar a caridade,
a avareza, e os desenganos
á beira d'algum caminho...
Eu não posso nos meus annos
ter por tecto o firmamento,
ter por leito a terra fria,
por gasalho e companhia
o sol, as neves e o vento;
fazei-me o extremo serviço:
ide pedir a um visinho
para o pobre D. Martinho
a esmola de um aposento.

....
....
....

Ai, filha! dá-me os teus braços,
quero beijar os teus olhos...
vamos no mar dos escolhos
bem prestes a naufragar;

cairam da arca nas aguas
nossos fortes companheiros;
nós somos os derradeiros;
pomba, quem te ha de salvar!
Não posso mais do que amar-te.
Pedi a esmola primeira
para a minha companheira,
que eu... morria em qualquer parte.»—

—«Pae: não vos lembraes de um dia
que lestes um testamento
no pobre escuro aposento
de um velho que se morria?
Não sois pobre, descançae,
que, pois não foi confiscado,
tendes ainda o legado
que vos deixára meu pae.»—
—«Cala-te, Anninhas, pela Virgem pura!
oh! nunca digas a ninguem que és minha!
olha que se a justiça o adivinha
rouba-me o teu amor, tua ternura!
e que ha de ser de mim tão só no mundo?
quem me ha de consolar no meu martyrio?
se te arrancam d'aqui, meu casto lyrio,
que me fica no mundo? a sepultura!
Cala-te, Anninhas, a ninguem o digas;
ai de mim se a justiça te escutou!
Que aura amenisará minhas fadigas,

se até meu coração já se mirrou...
ai! se eu podesse chorar!...
olha estas veias das fontes!
não m'as sentes latejar?
Neste recinto, Anninhas, falta o ar...
Filha, segura o sol que se esmorece...
molha-me o coração que se escandece...
Filha segura o sol, que pare ahi,
olha que ao derradeiro seu clarão
foge a minha razão,
e louco morro aqui.
A febre... a febre... o incendio que devora...
une o teu rosto ao meu, Anninhas, chora...
assim... assim... em fio, anjo formoso,
deixa cair teu pranto abençoado
neste rosto enrugado,
neste peito calmoso;
lava-me em pranto a dor do meu tormento.
Ai filha, que me foge o pensamento,
a vista se me tolda em noite escura...
lá vem... não vês?... lá vem a passo lento
a morte... ou a loucura.»—

Veiu o desmaio sopitar-lhe a angustia,
almo conforto que durou tão pouco;
nos braços debeis da chorosa Anninhas
caíra um martyr, acordára um louco.

Filha chorosa, duas vezes orphã,
fonte perenne de eternal frescura,
sê mãe, conforto, providencia, filha,
ao velho martyr que não tem ventura.

Estende as azas, meiga rôla, estende,
sobre essa fronte que a desgraça enruga;
Anjo da guarda, suas ancias calma,
beija-lhe as faces, o suor lhe enxuga.

Meiga avezinha da fêchada selva,
canta-lhe os carmes que a saudade inspira;
Orpheu viuvo, condoendo o inferno,
David humilde, compulsando a lyra.

Abranda as maguas do Saúl, prostrado
da seda ás palhas, do fastigio ao nada;
estanque a fonte que nos olhos tinha,
a alma sem viço lhe pendeu mirrada.

Ha gente escrava de uma estrella infausta
fixa, immutavel que a domina e vela;
como sentar-se? se lhe conta os passos!
como fugir-lhe? se a vigia a estrella!

Estende as azas, meiga rôla, estende,
sobre essa fronte que a desgraça enruga;
caíu escravo de uma estrella infausta;
beija-lhe as faces, o suor lhe enxuga.

O sol era posto. As trevas da noite
surgiam dos antros, dos troncos, do chão.
Da aldeia das flores, ao largo dos freixos,
chegava um mendigo de sacco e bordão.

—«Seja Deus aqui, senhores.»—
—«Boas noites, Mem Rodrigo.»—
—«Quem é?» — perguntava o louco
á meiga filha que tinha
tão abraçada comsigo,—
é castelhano? ou traidor?»—
—«É Mem Rodrigo, senhor,
o desgraçado mendigo.»—
—«Ah! bem me lembro: na guerra
foste ferido a meu lado;
muito valente soldado
morreu nessa ponte, amigo!
Vens inda agora de lá?
Viste El-Rei? falla de manso;
foi perdido o meu trabalho,
debalde ás hostes avanço,
e ralho,
e canço,
que o reino vendido está.
Vens cançado,
roto, descalço, moído,
cheio de fome;
ai! pobre mutilado!

senta-te á mesa e come;
hoje é dia de boda:
ali come a justiça
da minha mesa em roda;
vae comer, Mem Rodrigo;
dize que te mandei, meu pobre amigo...
tens medo? vem commigo.»—
E marchou.

—«Segurae-o, Mem Rodrigo!
não vêdes como está louco?
Pae, demorae-vos um pouco,
pelo amor de Deus, meu pae!»—

O velho parou.
Tinha caído o mendigo
ante os seus pés ajoelhado,
e taes vozes magoadas
lhe diz em pranto banhado:
—«Quando eu entrava na aldeia,
chorava cada visinho
pelo nobre D. Martinho
que não tem casa nem pão;
todas as choças se abriam,
todos, todos o queriam,
e eu tive uma santa idéa,
inspirou-m'a o coração.
—Meus bemfeitores! — clamei, —

o pae de Anninhas um dia,
quando eu na rua dormia,
deu-me a casa em que vivia,
e foi-se a viver no ceo;
deixae que á filha, coitada!
pague a divida sagrada
entregando á desgraçada
a casa que o pae me deu;
d'entre vós seja o mais pobre
quem recolha o velho nobre;
e esse mais pobre... sou eu.
Será grato a D. Martinho
achar gasalhado e abrigo
na casa do seu amigo,
morrer onde elle morreu.—

Mal que o meu justo pedido
pela aldeia se derrama,
os visinhos e os criados
levaram lençoes lavados
para fazer-vos a cama.
Faz chorar e rir a um tempo
ver as ancias e as fadigas
dos velhos, das raparigas,
de todo esse povo afflicto;
a est'hora, boa Anninhas,
hão de estar vossas casinhas
lindas de fazer inveja,

florídas como um palmito,
vistosas como uma egreja.
Senhores, vinde commigo,
vêde-me aqui de joelhos;
ai, anjo d'estes dois velhos,
mais esta esmola ao mendigo!»—

....

....

Lá vão aldeia dentro; a noite escura
cobre dos olhos morbidos o pranto.
Noite, bem hajas tu, que aos sem ventura
envolveste nas dobras do teu manto.

Á porta do aposento chora a aldeia;
o martyrio não tem outro conforto
mais que choro profundo;
lá dentro vigiava uma candeia,
como pharol que denuncía um porto
aos naufragos do mundo.

Que triste vida na choça,
que funda melancholia,
que rostos tão macerados,
que suspiros abafados
cada noite e cada dia!

Noites de eterna vigilia,
dias curtos para a lida,

recordações da opulencia,
amarguras da indigencia...
que vida, Jesus! que vida!

Dorme o velho em cama... esplendida
para uma casa tão nua;
Anninhas numa cadeira;
Mem Rodrigo numa esteira,
faz tranca á porta da rua.

Sobre a mesa carcomida
um Santo Christo singelo;
aos pés, a Virgem das Dores,
que a pobre adorna de flores
com fervoroso desvelo.

Junto da mesa, a costura;
uma rozeira á janella;
loireiro na cantareira;
e na varrida lareira,
tres achas e uma panella!

Sacco e bordão de mendigo;
suspiros a toda a hora;
e este cheiro de limpeza,
que é o accio da pobreza
quando a virtude lá mora.

Tanto que a aurora se erguia,
ajoelhava a costureira,
bemdizia o Padre-nosso,
fazia o mingoado almoço,
regava a sua rozeira.

Almoçados os dois velhos,
um, sobraçando a saccola,
saúda os seus companheiros,
e lá vai, dias inteiros,
para os tres pedindo esmola.

D. Martinho vai sentar-se
bem chegado á costureira,
como roble fulminado,
em terra, secco, prostrado,
á sombra d'uma rozeira.

E ora attento ao seu trabalho
a filha abraça risonho,
ora lhe falla de gloria
co'a perturbada memoria
de quem desperta de um sonho.

Depois as sombras confusas
do seu pesado martyrio,
toldam a luz cambiante
d'essa razão vacillante,
e cresce, e cresce o delirio!

Sacode os membros moídos,
rouqueja-lhe a voz quebrada,
e só lhe acalma o tormento
o cantar saudoso e lento
da filha tão consternada.

Era uma trova que herdára
na sua materna herança;
era uma trova que amava,
porque sua mãe a cantava,
e era um hymno de esperança:

—Bem hajas ó luz do sol
dos orphãos gasalho e manto,
immenso, eterno pharol,
d'este mar largo de pranto.

Bem hajas agoa da fonte
que não despresas ninguem!
Bem haja a urze do monte
que é lenha de quem não tem!

Bem hajam rios e relvas
paraizo dos pastores!
Bem hajam aves das selvas
musica dos lavradores!

Bem haja o reino dos ceos
que aos pobres dá graça e luz!
Bem haja o templo de Deus
que tem Sacramento e cruz!

Bem haja o cheiro da flor,
que alegra o lidar campestre;
e o regalo do pastor
à negra amora silvestre.

Bem haja a briza ligeira
que faz visita ao casal,
a beijar a costureira,
e a refrescar-lhe o dedal.

Bem haja o repouso á sésta
do lavrador, e da enxada,
e a madre-silva modesta,
que espreita á beira da estrada.

Triste de quem der um ai,
sem achar ecco em ninguem!
Felizes os que tem pae,
mimosos os que tem mãe!—

Tal o canto singelo que soltava
a pobre sem ventura,
quando a razão do velho se nublava

de manhã, alto dia, ou noite escura.
E o louco extasiado,
para a filha pendido,
ouvia cada vez mais commovido
e cantava....
Não era canto, não; era um gemido
que soava nas cordas mais saudosas
de alaude partido,
escondido nas trevas d'um recanto,
que respondia em vibrações chorosas
ao poderoso encanto...

Que triste vida na choça,
que eterna melancholia,
que rostos tão macerados,
que suspiros abafados
cada noite e cada dia!

Lá vão as calmas do estio,
brizas do outomno lá vão;
vem do inverno o vento frio
varrer as folhas do chão.
Na choça, maior tristeza,
mais orações junto á mesa,
mais prantos, maior pobreza,
mais horrenda solidão.

D. Jayme será finado?
se é vivo porque não vem
ver seu pae tão desgraçado,
e a triste irmã que ali tem?
Ninguem descobre o misterio;
não se ouviu dobre funereo,
não jaz no seu cemiterio...
não falla d'elle ninguém!

É noite de Janeiro. O vento gelido
uiva nos tectos que a geada espelha;
responde o resonar fundo e pausado
do lasso lavrador em noite velha.

Té mesmo no dormir! a orchestra em tudo!
O vento, a chuva e o resonar, são hymno
do somno salutar.
Da primavera as aves namoradas
tem cantos para as noites perfumadas;
mas seu estro divino
foi prenda preciosa
da lua, das estrellas e das flores,
que em vez de adormecer a phantasia,
vem povoal-a mais que em pleno dia
de sonhos de ambição, glorias e amores.

Tudo na aldeia dorme; só na choça
visinha do *Carvalho da avoenga*
crepita uma candeia;
lá dentro ha vozes que a parede rota
não sabe resguardar.
Que vulto é esse rebuçado e attento
á porta a escutar?
É negro o manto que lhe ondeia o vento,
e a comprida gorra, e as anchas bragas,
e em quanto o gelo pelo chão se encrusta,
colhida a manga pela mão robusta
lhe enxuga a fronte que lhe sua em bagas.

—«Deixae o vosso trabalho,
que adoeceis de cançada;
as miudezas da agulha
fatigam mais do que a enxada.
Já tendes a mão gelada,
e as faces roxas de frio;
eu não trarei ámanhã
o meu bornal tão vasio.
Quasi apagada a candeia!...
podeis cegar linda Anninhas;
é tão fina a vossa teia,
são tão delgadas as linhas!...
Vossos olhos melindrosos
cança-os tarefa tão dura,

que eu bem os vejo chorosos,
molhando a vossa costura.»—

—«És ingrato Mem Rodrigo!
sempre a fallar-me em fadiga!
eu sempre tão tua amiga,
tu sempre a ralhar commigo!
Quando eu estava tão contente
por te dar uma camisa
da minha teia tão lisa,
ralhas tu, impertinente!
Andas ahi quasi nu....
Mas deixa estar que inda um dia...
Bem, agora choras tu,
que é para eu ter alegria...»—

—«Tenho frio! quem falla de alegria
neste dia de lucto!
vendeu-se um reino ingrato!
Somente nos algares, na braveza,
da heroica ilha Terceira,
se desfralda a bandeira
do D. Prior do Crato!
Que valor! que firmeza!
nesses montes de lavas, que parecem
ruinas colossaes da natureza!
Eia de pé!
o copo a trãsbordar!

No banquete das puras amizades,
brindo cheio de fé,
de amor, e de esperança,
a arca da alliança
das nossas liberdades!
Filha: para que sopras ao rescaldo?
não vês as lingoas de fogo
consumindo a casa inteira?
olha... do sangue a rasteira,
olha os despojos sangrentos
das garras do tigre hispano!
Ai meu filho, que tormentos!
Faz hoje... faz hoje um anno!
Pobres filhos, quero vel-os;
quem lhes disse que morri?
Dou as barbas e os cabellos
a quem m'os trouxer aqui.»—

Ouviu-se um ai afflictivo,
um tenue balbuciar
de brancos labios trementes,
e num riso convulsivo
contínuo ranger de dentes.
Começa brando e triste o meigo canto
da pobre costureira:

—«Bem hajas ó luz do sol
dos orphãos gasalho e manto...»—

E em fio os cristaes do pranto
a esmaltar-lhe os seus carinhos;
era sobre horto de espinhos
a orvalhar balsamo santo;
era uma brisa fagueira,
era o luzir de uma estrella,
era o ramo da oliveira
nos vagalhões da procella.
Era o remate saudoso
de uma paixão de matar,
era o porto bonançoso
nos confins do irado mar...

Quando a sincope findava,
findava a copla tambem:

—«Triste de quem der um ai
sem achar ecco em ninguem!
Felizes os que tem pae,
mimosos os que tem mãe!»—

Rijo tufão se desata,
abre-se a porta com o vento,
cai uma bolsa de prata
nas lages do pavimento.
E o vulto, que tudo ouviu
no limiar tão attento,
o rosto mais encubriu,
    e partiu.

Quem fosse á *Quinta do bosque*
nessa noite á meia noite,
lá o achára ajoelhado
sobre o sepulchro ignorado
da triste, misera Estella,
sem temer do vento o açoite
que lhe arrasta o manto ondado
como ao genio da procella.
E taes vozes lhe escutára
sair do peito dorido
mãos postas, rosto pendido:

—«Pomba da minha paz, porque morreste,
deixando-me tão só na arca sem rumo
sobre infinito mar?
Pomba, tantas esp'ranças que me deste,
queima-as o desespero; e o lume, e o fumo,
fazem-me suffocar!

Anjo meu guardador, porque fugiste,
deixando o desgraçado companheiro
em tanta solidão?
Fiquei perdido e só, cançado e triste,
ninguem sabe acolher pobre estrangeiro
sem lar, sem affeição!

Menina dos meus olhos, que é do fogo
que te cercou de chammas tão brilhantes
a fronte divinal?

Foi de instantes a luz, sumiu-se logo;
mudaram-se-me os quadros cambiantes,
em noite sem fanal!

Ando sem norte aqui, anjo formoso,
a cumprir o rigor do meu fadario
sem treguas e sem fim.
Fez-me um convite o coração luctuoso;
chamava-me hoje um triste anniversario...
e de bem longe vim....

Faz hoje um anno que as flores
alvas, da cor do jasmim,
d'esse teu seio de amores,
se cobriram de carmim.

Que ás tuas faces mimosas
combanidas do martyrio,
cobriram frescura e rosas
as roxas tintas do lyrio!...

Faz hoje um anno, contei-o
nos estos da minha dor,
que te escavaram teu seio
para arrancar tanto amor!

Emquanto me alente a vida
a febre do meu fadario,

serei junto d'esta ermida
ás horas do anniversario.

Embora o mundo me empeça,
tenha eu mares a vencer,
nada fará que me esqueça
do teu sepulcro, mulher.

Meu pae, acabo de vel-o
nas contorsões da demencia,
sentado sobre o escabello
da mais escura indigencia.

Meu irmão, em solo estranho;
eu, perseguido onde vá!
Não ha martyrio tamanho
em todo o mundo!... Não ha.

Mas vês tu? eu vivo Estella!
e vivo aqui sem vingança...
São influxos d'uma estrella
prodiga em raios de esp'rança.

A nossa filha, engeitada
por teus irmãos, não morreu!
bem sabes, alma adorada,
que a não achaste no ceo!

Por ti busquei a guarida
de teus irmãos tão ferozes;
por ella deixei a vida
aos teus covardes algozes.

Pobre filha! neste mundo!
sem ter o abrigo d'um pae!...
ao pé d'abismo profundo
em que ella resvala e cai!...

Vou de pousada em pousada,
estudando a rosto e rosto,
desde o sol posto á alvorada,
desde a alvorada ao sol posto!

Já sonhei que d'entre abrolhos
a tomei nos braços meus;
tinha os labios, tinha os olhos,
Estella, que foram teus!

De fome e frio chorava
a minha pobre menina!...
Vou ver se um ecco da *Cava*
o berço d'ella me ensina.

Tu, que és martyr, minha Estella,
tu, que estás ao pé de Deus,
pede, pede-lhe uma estrella,
que me illumine dos ceos.

Deixo-te, sombra querida,
que me impelle o meu fadario.
D'hoje a um anno, ao pé da ermida,
ás horas do anniversario.»—

Lá vai D. Jayme!... é elle! tão sósinho
assim por noite escura!
sem tropeçar nas pedras do caminho,
sem se perder na sombra da espessura!...

Vede-o junto do lago, ao pé do olmeiro,
na esboroada *Cava*...
Limpa o suor da fronte... e olha... e escuta...
e na alma se lhe trava horrenda lucta...
repete-lhe os suspiros cada oiteiro...
com suas mãos febris a terra escava!...
e qual fiel mastim, busca e fareja
uma pista adorada,
que deseja encontrar, e em vão deseja!

—«Foi aqui... — junto do olmeiro —
disse o pagem... Não mentia;
voltou apenas foi dia
e achou o sitio deserto!...
Quem sabe se um pegureiro
passando acaso aqui perto
ouviu gemer minha filha,

e a foi aquecer, chorosa,
sob as dobras da mantilha
de sua mãe carinhosa?...
Ai! mas se os lobos do monte
nestes oiteiros sumidos
lhe ouviram d'ali, defronte,
os seus infantis vagidos?!...
Minha filha!... minha filha!...
não ouves a minha voz?
não conheces os gemidos
da minha angústia feroz?!
Se morreste, onde os destroços
do teu cadaver exangue?...
Não acho, filha, os teus ossos,
nem sinto o cheiro do sangue!...»—

Murmurou frases confusas,
incertas, balbuciadas;
fuzilava olhar medonho
d'entre as pestanas cerradas.
Olhou *Vizeu* que dormia
immersa em somno profundo:
—«Ai! quanto eu te devo ó mundo!...
Da minha desgraça o berço,
ali está!...
engeitado da ventura,
tua ingloria sepultura
onde será?...

Que te deu a negra sorte
ao cabo de tantas legoas?...
Vae Jayme! guerra sem tregoas
até á morte.»—

O filho predilecto da desgraça,
firme o punhal, marchou.
Como por entre um povo um trigre passa,
assim elle passou.

O raio que da nuvem se dispara,
mais prompto não feriu.
Se um braço mais audaz se levantára,
esse braço, caíu.

Como o tufão que passa no arvoredo
e o prostra sobre o chão,
tal, castelhana turba cai ao medo
da sombra d'essa mão.

Vai caminho de Hespanha o foragido
sem esp'rança nem fé.
E a justiça na pista d'um bandido,
que não sabe quem é.

Á mão que o vai colher, sombra impalpavel
se esvae, se reproduz,
sempre fatal, e sempre inalgemavel
como o ar, como a luz.

E vai, e corre, e lucta, e não se cança
　　aquelle coração;
mas se escuta o vagir d'uma creança,
　　cai-lhe o punhal da mão!...

Qual se esvoaça a pomba junto ao ninho
　　de emplumes filhos seus,
é todo amor, meiguices e carinho,
　　sóbe do inferno aos ceos!

O cometa que os seios do infinito
　　mostram, nuncio do mal,
pouco a pouco se esconde ao povo afflicto,
　　na orbita fatal;

assim se ostenta e passa o foragido
　　por entre sustos e ais;
depois, conta-se a historia d'um bandido;
　　e emfim, não lembra mais..

　　Um anno lá passa inteiro,
　　e apoz um anno outros vem;
　　e em cada mez de Janeiro
　　os mesmos sustos tambem;
　　que o vulto que entra na aldeia
　　corre ao bosque á meia noite,
　　quer o inunde a lua cheia
　　da noite mais amorosa,
　　quer o vendaval o açoite.

Sombra que passa na terra
num giro sempre fatal,
não acha alcantís na serra,
nem precipicios no val'.
Depois, na *Cava* os lamentos
nos eccos chorando em vão
larga somma de tormentos
d'uma infinita afflicção.
Depois, a desesperança
levanta o braço do forte;
depois, o rir da vingança;
depois, o punhal e a morte.

Vão terminar doze annos de agonia;
do anniversario o dia vai findar.
O sol surgiu sem nuvens esse dia,
e D. Martinho ergueu-se a soluçar;
de repente assumiu tanta alegria,
que era d'acreditar
que teria sonhado com a ventura,
ou com a sepultura.

De cantaro á cabeça, sobe Anninhas
a ingreme ladeira
da *Fonte da figueira*.
Chega a meio da encosta, e num penedo,
que veste hera viçosa entrelaçada,
se encosta de cançada;

põe sobre a rocha o cantaro;
compõe a solta, descuidada trança,
deita a face na mão, e ali descança.
Faz-lhe docel a hera,
faz-lhe almofada o musgo;
era um altar da virgem da candura,
aquella rocha dura.

Anninhas, porque olhas tanto
as silvas d'esse caminho?
silvas que não tem o encanto
nem de flores, nem de amoras;
cadeia de tanto espinho,
Anninhas, porque a namoras?

Porque suspiras ao vel-as?
porque as vês com tal meiguice?
recordam-te horas singelas
de risos, cantos e flores,
d'essa feliz meninice
nuncia de ethereos amores?

Soluças? é pois verdade!
Choras? é tal pois o enleio
de tão profunda saudade?
Deixa esse montão de abrolhos;
olha que rasgas teu seio,
olha que feres teus olhos!...

Eu sei, Anninhas, a historia
d'esse olhar, d'essa tristeza;
guardas, virgem, na memoria
uma esp'rança promettida,
protestos mil de firmeza,
e um beijo de despedida.

Foi aqui, neste caminho,
longe de ouvido mundano,
mas que diga cada espinho
que protestos esp'rançosos
te jurava o teu Germano
por entre beijos saudosos.

Até deixar o silvado,
viste, Anninhas, teu encanto
a cada passo voltado
a espreitar-te entre os abrolhos?...
Ai, não! não vias! que o pranto
tinha nublado teus olhos.

Por isso todos os dias
vens encostar o teu rosto
do rochedo ás heras frias...
triste imagem da orphandade!
ás saudades do sol posto
casando a tua saudade!

E ha tantos annos, coitada,
contados dia por dia,
te vens assentar, cançada,
nas pedras d'esta ladeira,
enlevada na magia
d'uma idéa feiticeira!

E ha tantos annos, ai pobre!
que em vão procuras a palma
do teu martyrio tão nobre!
sempre desmentida a esp'rança!
sempre a nuvem dentro d'alma!
sempre o tufão sem bonança!

Olha Anninhas que te espera
teu pobre pae D. Martinho;
deixa a rocha, o musgo, a hera,
é quasi noite fechada...
Mas além... nesse caminho...
teniu e luz uma espada!...

Aqui insignias de guerra!...
Quem será que a taes deshoras
procura esta pobre terra?...
Eil-o percorre o silvedo...
lá chega... porque descoras
Anninhas? de que tens medo?

De novos p'rigos? louquinha!
pois ha maior desgraçada
do que tu és, moreninha?
Quem póde augmentar as dores
além das quaes não ha nada?
não tremas e não descores.

Que longo bigode loiro,
que talhe esbelto, esforçado,
em que ondas espessas d'oiro
se enquadra um rosto queimado!
Traje paisano de Hespanha,
largo chapeo desabado,
roto manto descomposto,
de esporas e desmontado,
e uma cicatriz no rosto,
que é o orgulho de um soldado
quando volta da campanha.

—«Boas noites, minha filha,»—
diz elle em voz rouca e dura;—
—«daes-me agua da vossa bilha,
que trago tanta seccura
de atravessar muitas serras;
de immensas legoas que andei,
daes-me agua?»—
—«Senhor, bebei.

Vindes pois de longes terras?» —
—«De muito longe... Obrigado;
mas vou encher-vos o cantaro,
que vos fica tão mingoado.» —
—«Senhor, não vos enfadeis,
nem vós sabieis a fonte.» —
—«Oh que sei! ali defronte,
no fundo d'esta ladeira,
fica a *Fonte da figueira*...
mas... que é isso? estremeceis?» —
—«Senhor, dizei por piedade,
vindes da guerra?» —
—«É verdade.» —
—«E neste povo mesquinho
tendes um pae?» —
—«D. Martinho.» —
—«Bem hajas Virgem das Dores,
que acceitaste as preces minhas!
meu Germano! meu irmão!» —
—«E tu, morena, és a Anninhas,
que eu trago no coração?
Minha pomba, meus amores!...» —
....
Essa vida, esse morrer,
esse chorar, esse rir,
que penna o sabe escrever?
que peito o sabe sentir?

Á meia noite no bosque
era D. Jayme ajoelhado
sobre o sepulcro d'Estella.
Doze annos ha que o seu fado
o manda áquelle sacrario,
ás horas do anniversario,
chorar saudades por ella.
Por entre os robles da selva
surge uma luz... que será?
Some as passadas a relva!...
A luz, caminha sem vozes...
Ai! se fossem os algozes!...
Firma o punhal:

—«Quem vem lá?»—

—«Jayme!»— bradou-lhe uma voz
que o triste bem reconhece!...
Suspira e contorce as mãos!
—«Jayme, Jayme, somos nós,
o teu pae, os teus irmãos.»—
Nisto as frias mãos do louco
tinham D. Jayme prendido.
—«Filho, tens frio? coitado!
tens fome? não tenho pão!
a que andas aqui perdido?
Ah! já sei; vens ao jazigo
que eu abri por minhas mãos;
ouves? vem cá Mem Rodrigo,
olha o sepulcro de Estella;

ajoelha tambem commigo,
era tão meiga e tão bella!...
Resemos por alma d'ella,
resemos com devoção.»—

D. Jayme estatico, immovel,
presa a voz, hirtos os braços,
recebia os mil abraços
de seus irmãos lagrimosos.
—«Meus irmãos»— disse por fim —
—«a que viestes aqui?»—
—«Foi por ordem d'esse velho,
que é nosso pae, meu irmão.»—
—«Anninhas, e quem vos disse
que me acharieis a mim?»—
—«Quando na aldeia passavas,
eu conhecia-te a mão
na esmola que nos deixavas.»—
—«Ai de mim!... Tu, meu Germano...
ha vinte dias na Hespanha
te vi, se me não engano!
Foi terminada a campanha?»—
—«Não.»—
—«Mandou-te acaso...»—.
—«Ninguem.»—
—«Como és aqui?»—
—«Por traição.
A Madrid ha quatro dias

chegava da Catalunha...
nem já sei a que lá vim;
veiu trazer-me um soldado
este papel bem lacrado,
sobrescripto para mim,
e este papel, diz assim:

— Meu Germano, emfim a sorte
foi adversa a teu irmão;
foi preso, vão dar-lhe a morte
no cadafalso infamante;
presa com elle estou eu.
Sê nobre, tem coração!
vem á *Torre de Vizeu*
ver a dor que nos consome;
não pares, Germano, vem,
que nosso pae morre á fome
sem abrigo de ninguem.
Germano, por teu affecto
acode a quem tanto te ama;
é tua irmã que te chama
do seu calaboiço infecto. —

....

....

Fui lançar-me aos pés d'El-Rei;
pedi-lhe o vosso perdão;
respondeu: — Não!...—
De vos dar o extremo adeus

pedi-lhe ao menos licença.
— Negada!...—
Tremeu-me o punho na espada!...
— Ousaes em nossa presença!...—
Oh! revogae a sentença!
deixae que inda veja os meus!...
— Prendèi-o! —
A espada já nua em meio
brilhou toda á luz do dia!
— Vou punir tanta ousadia. —
Veremos senhor! — Cuidado!
que ninguem arrisque a mão!
bem vedes que estou armado,
e não se prende um soldado,
como se prende um villão!

Doze annos de lealdade,
doze annos de espera em vão,
bem pagos vão na verdade,
Rei de Hespanha e de Aragão!

Meu sangue leal vertido
em guerra de irmãos!... Oh dor!
Matar um povo opprimido
ao capricho d'um senhor!
Foge-me o lume da vista
nesta dor que me consome...
Rei! dos rebeldes na lista

manda lançar o meu nome!
vê como está convertido
este escravo portuguez!...
Por um valente, um bandido;
por um soldado, um traidor!...

Agora, amigos, aos lados!
porta franca; vou saír;
guardae os peitos e as mãos;
vou ver meu pae, meus irmãos;
e uma vez que o disse, hei de ir!

Foi a briga encarniçada;
não caí, mas tropecei;
abri a ponta de espada
o meu caminho, e passei.
Eis-me perdido, bem vês!...»—

D. Jayme todo tremia;
em toda a sua agonia
foi esta a primeira vez.

Ninguem viu caír Anninhas
esmorecida no chão.

....

....

Alem na campa os dois velhos
rezavam com devoção.

Era quasi manhã, quando na aldeia
entram, sem ter achado outro conforto
mais que chôro profundo.
Na choça inda velava uma candeia,
como pharol que denuncía um porto
aos naufragos do mundo.

CANTO V.

LATET ANGUIS.

Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena;
mãe de sabios, de heroes, crime e virtude;
golfão de riso e dor que ora serena,
ora referve e escuma em sanha rude.

Rainha do occidente envolta em sedas,
vaidosa do seu throno de verdura,
de bosques, de jardins e de allamedas,
rica de joias, oiro, e formosura.

Hospitaleira mãe do navegante,
attenuado, errante em mar profundo;
dominadora altiva d'esse Atlante
que vai do mundo velho ao novo mundo.

Arvore a cuja sombra augusta e santa,
ao gelo foge, e ao sol a flor nascida;
onde o cinzel co'a lyra afina e canta
hymnos de fé e amor, trabalho e vida.

Onde o presente se protrae de rastos
e o germen do futuro altivo medra
por entre os restos carcomidos, gastos,
da historia do passado escripta em pedra.

Dizem que em ti o amor é como a rosa
na florescida mão da mocidade,
que a perde, qual a encontra, descuidosa,
sem nem sequer a esmola da saudade!

Chamam-te em alta voz nações inteiras,
e proclamam-no em ti praças e ruas,
protectora de glorias estrangeiras,
despresadora só das que são tuas.

Chamam-te em vez de mãe, madrasta ingloria
do genio que te pede amparo e vida;
em quanto lês com pasmo a alheia historia
sem te lembrares... ai! de que és suicida!

Dizem que te seduz traidora estrella
egoista, fatal, vergonha infinda!
a lançar-te nos braços de Castella,
que tanto quiz matar-te e espera ainda!

Seducção de ouropeis! soberba insana!
Patria, não posso crer por honra nossa!
Quem prefere a libré palaciana
á pobre independencia de uma choça?

Quem póde crer na Hespanha?! ó patria acorda;
não desdenhes o grito do alaude,
que estalará por ti corda por corda,
que é portuguez fiel, embora rude!

Já te chamou amiga, e foi mentira
a simples candidez com que te olhava;
a mascara caiu num'hora de ira!
falsa! chamou-te irmã, e quiz-te escrava!

Seus protestos de amor são algazarras
de motejos crueis, de zombaria!
Quando nos volve a mão, mostra-nos garras,
e nos saúda ao som d'artilheria!

Vae á ponte d'Alcantara; a tua gloria
ennodoada foi nesse recinto,
e com a sombra vã evoca a historia
do Duque de Alba, e saberás se minto.

Egoista perdido em teus anhelos
que as lições do passado em nada contas,
repara onde Miguel de Vasconcellos
por honras funerarias teve affrontas.

Arcos de Val-de-Vêz contae a ousada
tigrina sanha da feroz Castella:
quantas hostes de heroes ceifou a espada,
quanto sangue leal correu por ella.

Falla tambem *Val-verde, Aljubarrota,*
Ala dos namorados tão brilhante;
falla, mestre d'Aviz; conta a derrota
que pairava certeira em teu montante.

E dizem que é Lisboa a filha impura
que invoca essa madrasta detestavel!
Sobre o roto borel veste a armadura,
parte essa lousa e surge, ó Condestavel!

Acorda a patria e vê que é pesadello
o sonho de ignominia que ella sonha;
sopra-lhe n'álma o quasi extincto zelo;
salva o teu Portugal d'esta vergonha.

Egoista perdido em teus anhelos
que as lições do passado em nada contas,
repara onde Miguel de Vasconcellos
por honras funerarias teve affrontas.

De Lisboa os monumentos
quem vos podéra pintar!

as egrejas, os conventos,
o Tejo, as torres, o mar
bordado de naus aos centos
de mil diversas bandeiras!
Essas praças galhofeiras,
esses largos, esses caes,
o vozear da cidade,
e a solemne magestade
dos velhos paços reaes.

Mas eram tristes os paços
viuvos de nossos reis;
eram alcoices devassos,
escravos de estranhas leis.
Tecto e salões murmuravam,
e tremiam, na passagem
d'uma ignobil criadagem,
e lamentosos choravam
os eccos desafinados,
porque foram modulados
nas notas d'outra lingoagem

Ali mandavam, por vergonha nossa,
a Duqueza de Mantua, vão fantasma,
d'um poder que era d'outro, e que não tinha
mais que o frivolo nome de rainha;
Miguel de Vasconcellos, o valido
do Conde Duque; portuguez vendido
ao poder de Castella;

e para completar a nossa praga,
faz-se lobo o pastor, e nos devasta
o arcebispo de Braga.
Já todos podeis ver se era nefasta
de Portugal a estrella.

Ahi tendes os tres algozes;
sempre o cutélo na mão
ao mando das roucas vozes
d'aquelles tempos ferozes,
d'aquella feroz nação.
Viessem ferros da Hespanha,
que para que o povo os tema,
teria por força ou manha,
cada pulso a sua algema,
cada collo o seu grilhão.

Da fome o longo esqueleto
sobre trémula cadeira
junto á gelada lareira
ia-se á nòite assentar.
Pois a cada mando novo,
essa trindade execravel,
abismava o pão do povo
na garganta insaciavel.

E lá nos paços reaes
viuvos de seus monarchas,

fazem serão as tres Parcas
em seus decretos fataes;
e lá forjam nossos damnos,
a velha, pintando as faces,
ou passando as puídas contas
em louvor dos cherubins;
Miguel, azedando affrontas,
e o padre, a descontar annos,
e a errar os seus latins!

Ó pobre Portugal! quem não soubera
de vilipendios taes! faz dó, bem vês,
ver as rosas da tua primavera
a servirem de esteira a estranhos pés!...

Vamos, poeta, mais tarde
virão lamentos e dor;
limpa da fronte o suor
d'essa agonia, e caminha.
Tomaste a cruz com fé pura;
vê: a rua da amargura
como inda é longa! caminha!

De outubro era manhã ventosa e fria;
pelos rotos, delgados nevoeiros,
o sol, rico de luz, ao mundo ria
e prateava os raros agoaceiros.
No atrio do palacio entrava um grupo
de doze cavalleiros;

fallavam do passado de grandezas
de seus avós guerreiros
honrados pela patria e pela fé,
veteranos das glorias portuguezas...
Só falla do que foi, quem já não é.

—«Era em abril, meus senhores,
que nossos paes no *Seinal*
junto de *Alcacer Seguer*,
ouviam as santas preces
d'uma missa festival,
lançada a pedra primeira
d'uma altiva fortaleza,
em que ondulasse altaneira
a bandeira portugueza.»—

—«A oito de Abril, Noronha,
meu avô, lá era então;
inda foi bello esse tempo
dos bravos de *Mazagão*.
Mas essa cruz que elles viram
como um iris de bonança,
tinha legendas de morte
em vez de motes de esp'rança.
Guardada em tosco sacrario
das pedras d'esse *Seinal*,
só nos mostrava o calvario
das glorias de Portugal.»—

—«Tão moço, D. Ruy de Abranches,
tão quebrado o coração!
é vérme o homem, e morre,
mas não morre uma nação.
Sob as cinzas ha centelhas;
debaixo do monte immenso
onde o gelo é mais intenso,
é lá que dorme o volcão!»—

—«Cuidado, Pinto Ribeiro!
mais baixo, se vos apraz;
vêde essa porta: detraz
ha de haver por força olheiro...
Abriu-se mais... quem me desse
as orelhas do espião...»—

—«Que bello tempo foi esse
dos bravos de *Mazagão!*»—
lhe tornou Pinto Ribeiro
com rosto mais prazenteiro,
com mais elevada voz.
—«Mas no tempo em que vivemos
teremos-lhe inveja nós?
de que? do Xarife Hamet,
rei de Marrocos guerreiro,
a quem Luiz de Loureiro
susteve as iras de pé?...

Da *Maimona* monstruosa,
cujas ballas infernaes,
eram vanguarda dos moiros
em seus combates fataes?
isso que val, se no fim
de tão suados trabalhos,
as mulheres de *Çafim*
vestindo fardas reaes
foram servir de espantalhos?!

E haver quem falle do tempo
dos bravos de *Mazagão*,
que mutilados caíam
sem pedir honras, nem pão!

Perguntae aos pobres filhos
do bravo doutor Gentil
que ora pensava os doentes,
ora erguia a voz no fôro,
ora ao som d'um grito mouro
brandia a espada subtil.

Se quereis, ide aos herdeiros
d'esse Francisco Marreiros,
o destemido Adaíl.

Inda mais: ide tambem,
ide, ás cinzas perguntal-o

de Bartholomeu Cavallo,
o brioso Almocadem!
Almocadem e Adaíl
tinham a fortuna immensa
de quatro mil réis de tença!...
Já vedes como era vil!

E haver quem falle do tempo
dos bravos de *Mazagão*,
que mutilados caíam
sem pedir honras, nem pão!

Que fez Luiz de Loureiro,
que lhe rendeu seu valor
em ser o bravo primeiro
na tomada de *Azamor?*

Que fez Francisco Gonçalves
em trazer a *Mazagão*
atados, quatro *Cassizes*
prophetas da perdição
de Portugal!... infelizes
que viram de dia a dia
realisada a prophecia!

Que valeu ao capitão
ver seu filho mais querido
esquartejado, partido

pelo alfange de infieis,
e romper como um leão
pela phalange cerrada
da deshonrosa emboscada,
dar á morte o coração?...
De nada!
Viu a victoria perdida;
quiz pranto, era secca a dor;
quiz morrer, teimou-lhe a vida;
e por excesso de horror,
viu a cabeça adorada
do seu filho, pendurada
sobre os muros de *Azamor*.

Pobre Lazaro Martins!
salvaste o teu capitão,
mas a honra e a liberdade,
custou-lhe a tua isenção!
Cada golpe que o buscava
achava a tua armadura!...
É tua historia um poema
em que á honra e lealdade
foi rival a desventura.
Que te valeu, como Lazaro,
resurgir da sepultura
na terra da escravidão?
ficares honrado, obscuro,
enfermo, pobre, e peão!

Francisco e João Ribeiro,
lá mostraram seus ardores
de africanos lidadores;
de rotos elmos de cobre
fui eu, senhores, o herdeiro;
sou... João Pinto Ribeiro,
honrado, plebeu, e pobre.

E haver quem falle do tempo
dos bravos de *Mazagão,*
que mutilados caíam
sem pedir honras, nem pão!»—

E dos nobres o troço que escutava
e os dois sentidos do orador sabía,
c'os gestos applaudia;
d'ouvido sempre ancioso e d'olho álerta,
ao doutor indicava
inda a traidora porta mal aberta.
Tornou Pinto Ribeiro:

—«Hoje, a Hespanha bemfazeja
que nos dá honras e paz,
dá-nos a mão protectora,
desfaz as leis que lhe apraz,
e tomou, mao grado á inveja,
o seu logar de senhora.
Deu-nos por Vice-Rainha

a virtuosa Duqueza,
que dá tudo... casa e mesa
de Braga ao santo Primaz,
que Deus conserve bem annos
para exemplo a quem não crê
na sua virtude e fé.
Temos aqui por ministro
a Miguel de Vasconcellos
de cujo zelo tem zelos
Portugal, mas sem razão;
se hoje luz a sua estrella,
tudo elle deve a Castella,
e nada á sua nação.

Se o nosso sangue inda é quente,
e quer perigos da guerra,
Senhor Alvares da Cunha
lá temos a *Catalunha,*
onde o mancebo valente
se cá deixa a patria terra,
brazões maiores lá ganha
indo morrer pela Hespanha.

Se os descontentes murmuram
por verem desamparados
esses fortes arruinados
das conquistas de alem-mar,
por verem perdidos todos

os brazões da nossa gloria
com sangue escriptos na historia,
deixál-os lá murmurar.
Primeiro as questões da Hespanha,
que é nossa senhora e mãe,
e que nos tem sido em tudo
crédora de tanto bem.
Muito embora os estrangeiros
repartam á lei da sorte
nossos despojos guerreiros,
como á tunica de Christo
se fez em Jerusalem.

Que loiros terá ganhado,
senhor Jorge de Aguilar,
vosso sobrinho Germano...
que novas d'elle nos daes?
como elle ía confiado
na espada de D. Martinho,
com seus tão loiros cabellos,
com suas faces de donzella!
Vêdes que honrado caminho
lhe deu a nobre Castella?
d'elle que sabeis?»—

—«Eu, nada.»—

—«Nem eu.»—

—«Nem vós?»—

—«Tambem não.»—

—«Nem eu sei d'elle tambem!»—
—«Não sabe d'elle ninguem!?»—
—«Sei eu,»— disse um cavalleiro
que ninguem vira até'li;
— tem sido meu camarada
desde o primeiro d'abril;
é na avançada o primeiro,
nas salas o mais gentil.»—
—«Quem sois vós?»—
—«Um aventureiro,
que arranja oiro nos dados,
mulheres nas estocadas,
amigos entre os soldados
nas posições arriscadas,
e o seu renome de gloria
nos lances d'uma victoria.»—
—«Pareceis portuguez...»—
—«Sou algarvio.»—
—«E podeis-nos dizer o vosso nome?»—
—«Sou Alvaro Correa d'Aragão.»—
—«D'Aragão?»—
—«Foi por meu livre alvedrio
que este nome tomei num certo dia;
é um nome de pura phantasia,
porque no tempo em que não fui soldado
chamavam-me Ruy Vaz, o Engeitado.»—
—«Que novas nos daes da Hespanha?»—
—«Oh! que soberbas mulheres!

valem milhões as malditas!
morenas, olhos de lume,
seios de fogo, amor fundo...
Ai! é um gosto ver o geito
com que bailam as *Chiquitas*
o fandango mais perfeito
que Deus deixou neste mundo!
Se virdes vosso sobrinho,
isto vos ha de contar;
dá prazer entrar no fogo
com Germano de Aguilar!
Como elle acaba um recontro!
como um raio, certo e prompto
sem desviar a cabeça...
só por voltar mais depressa
as *Chicas* a requestar.
Os homens são mais bisonhos;
tanto melhor para nós!
comnosco ficam as filhas,
emquanto elles fumam sós.
Tudo é prazer! nem o jogo
lá falta naquelle ceo!
Jogam bem os castelhanos,
mas nunca tão bem como eu.
E quanta riqueza a nossa,
que inexgotavel caudal!
Na campanha, ha... rios d'oiro
do cunho de Portugal;

na Hespanha, é tudo alegria:
riso e vinho, e oiro e festa;
cada casa uma folia!...
Isto é triste, isto não presta.» —

—«Mais respeito aventureiro!»—
Ver-se-hiam ferros brilhar,
se do salão não se abrissem
as portas de par em par.
O ar parou nas gargantas;
ficou tudo confrangido,
como se as portas do inferno
ali tivessem rangido.
Sómente o desconhecido,
firme o passo, erguida a frente,
ao homem da libré d'oiro
diz com riso impertinente:

—«Cometa, se a tua cauda
fulgente é de bom agoiro,
se, como gato por lebre,
por oiro me não dás cobre,
e se és amigo da Hespanha,
ao muito alto, muito nobre
D. Miguel de Vasconcellos,
vae entregar esta senha.
Sou mandado de Castella;

trago despachos d'El-Rei.»—
—«Dae-m'os, eu lh'os levarei.»—
—«Que bem bordada carcella
tens na farda! no bordado
andaram mãos hespanholas;
és um rapaz aceiado,
e has de ter bom coração;
dize ao Ministro que as notas
só lh'as dou em propria mão;
vae: dou-te umas castanholas
de puro ebano... Então!»—

E ficou a ver navios
o encadernado rapaz
ante o inimigo loquaz,
pura raça de algarvios.

—«Agora, meus cavalleiros,»—
diz elle, voltando atraz,
— os vossos brios guerreiros
não morram numa ante-sala;
trocae a tristeza em riso,
trocae o silencio em gala,
e conhecereis um dia
este pobre aventureiro;
hoje não, senhores meus.
Quanto a vós, Pinto Ribeiro...

tenho demandas na côrte,
e vós sois doutor. Adeus!»—
E entrou no salão.

Fechou as portas sobre o grupo attonito,
que se olha absorto, e se interroga em vão;
que alto segredo lhe encaminha os passos?
lhe dicta as vozes, que misterios são?

No interior do paço á mesma hora,
em aposento estreito e bem cerrado,
o Primaz e o Valido conversavam,
co'a meza entre ambos, de questões do Estado.

Na manga o padre os occulos esfrega,
e aviva o lume do fogão visinho;
sombrio e attento o pertinaz Valido,
vai lendo em meia voz um pergaminho.

Papeis amontoados sobre a mesa,
outros rasgados tapetando o chão;
os de maior perigo ou mais segredo,
vão-se ao discreto limbo do fogão.

Terminou a leitura. Ambos calados,
olharam-se um momento.

—«E agora, padre, que dizeis a isto?!»—
disse o Valido emfim.

—«Seja pela cruz de Christo!
Deus nos perdôe! É pois certo
que este Duque de Bragança
quebra esp'rança por esp'rança
quantas havemos sonhado!...
Se de Deus será castigo
por algum grande peccado!...—
Por que nos teima este Duque
em não deixar Portugal?...
Quereis ter a paciencia
de nos reler o final?»—

—«Diz o duque de Olivares:
— Ninguem pode já hoje duvidar
que o senhor de Bragança ahi conspira,
que reina cavillosa intelligencia
entre elle, e a parte ignobil da nobreza;
que a de sangue e valia a nós pertence.
Vejo o nosso bom Rei ardendo em ira
contra esse Portugal
por ver a lentidão, a vagareza,
com que um vassallo audaz tarda em render-se
ao convite real.
Ha de acabar um dia, e prompto, e já,
a audacia portugueza!

Fará a força o que não fez a manha
para o trazer á Hespanha;
notta minha esperai, que em poucos dias
alguem vos levará.»—

—«Altos juizos dos Ceos!—
diz pondo as mãos o Arcebispo.
—Só vós sois os verdadeiros!
Jurariamos *in sacris*
que já não havia lobos
neste povo de cordeiros!...
Esperar no Rei, e em Deus!»—
—«E no Diabo!... Perdão!
meu reverendo Primaz!...
Estes costumes antigos...»—
—«Não façaes caso! entre amigos...
Em horas de mao condão
tambem nós
fallamos em Satanaz,
tendo a Deus no coração,
como vós!»—

—«Eu nada sei, Padre! nada!
e não descanço, bem vedes;
e tenho a mira apontada,
e bem dispostas as redes!
Ver o Duque de tão longe
o que eu não vejo em Lisboa!...

Não ver a meus pés o abismo,
eis a dor que me magôa!

Inda assim, Padre, não creio
em tão fina hypocrisia;
mas se esta relé d'ignobeis
zomba da minha porfia,
essa nobreza bastarda
fuja á luz que a denuncía!
e o tal Duque de Bragança
não durma noite, nem dia!»—

Erguera-o a raiva em pé!
de cabellos erriçados,
de punhos hirtos, serrados,
que temeroso não é!

—«Como é nobre o vosso zêlo!
Deus se amerceie do Duque!
Se é traidor, *morra por ello*
como se fôra um villão!
haja baraço e cutello,
e o infamante pregão!»—

Poz na mesa o *Soli-Deo*,
poz a mão no coração,
e rezou, que mal se ouvia,
as orações da agonia
com fé pura de christão!...

A porta abriu-se; entrou pelo aposento
um vulto obeso, baixo, calvo e feio.
Era Antonio Correa, o confidente,
primeiro secretario do Valido,
duro como seu amo e mais violento.

—«Que ha de novo? que ouvistes d'essa gente?»—
—«Um vosear informe; alguns motejos
aos famintos heroes de *Mazagão*,
louvores á Duqueza virtuosa,
ao D. Primaz de Braga e ao Valido,
de Castella ao poder firme adhesão.
Julguei este dizer não fementido.»—
—«Não!— trovejou Vasconcellos.
—Esse amor que elles fingiram,
da raiva encobre o veneno!
tiveram medo, e mentiram.
Sob o involucro sereno
d'essas hypocritas vozes,
germinam traições ferozes.
A que entraram no palacio?»—
—«A fugir d'um agoaceiro
que os apanhou no terreiro.»—
—«Ide chamar já um pagem
a um d'esses corredores,
e que vá já, e que enchote,
a pontapé, a chicote,
esses cães, esses traidores!»—

Se não fôra o algarvio
de loquaz empertinencia,
como seria o remate
de tão pesada insolencia?!

Pouco depois era entregue a Vasconcellos
a senha que lhe manda o aventureiro.
Quebra com violencia os regios sellos,
lê, e chega ao brazeiro
a notta. Vai-se por encanto a lettra.
Lentamente povôa nova escripta
o papel traiçoeiro;
leu de novo a missiva, e um rir satanico
aos labios lhe assomou

—«Trazei-m'o! — Agora vós, reverendissimo,
deixae-me só»—
Só ficou.

Quando á porta do aposento
o aventureiro chegou,
viu Miguel de Vasconcellos
como estatua adormecida,
sobre a mesa os cotovellos,
nas mãos a fronte escondida;
cerrada a porta, marchou.
Chegou-se á mesa.... calado,
o vulto petrificado

não dava signaes de vida.
—«Saude ao grande Ministro,
tão nobre como Altamira,
tão sagaz como a Sibilla...»—
Entre os dedos do Ministro,
chammejava uma pupilla!...
Ficou immovel, calado.

Na cadeira do Arcebispo,
sem respeito e sem cuidado,
foi sentar-se o mensageiro;
poz a espáda sobre os joelhos,
e poz os pés ao brazeiro;
e recostando a cabeça
descuidosa sobre a mão,
disse, recordando o mote
do nosso velho rifão:
—«*Tal em casa de seu sogro*
costuma estar o villão.»—
—«Sem ceremonia, pois não?»—
Rouqueja o Valido emfim.
—«Sem ceremonia; é verdade;
é tão bom isto ao fogão...
e faz um frio lá fóra
pelas ruas da cidade!...»—

—«Frio ou calor, muito embora!
sabei que não se entra assim

no gabinete privado
d'um Ministro, que é sagrado
como a pessoa d'El-Rei.»—

—«Não vos enfadeis commigo;
quando aquella porta entrei,
achei-vos tambem sentado
sem ceremonia; e deitado...
quasi a dormir sobre a mesa.
Quaes ceremonias?! Um amigo
se é soldado e vem moído,
quer sobre tudo a franqueza.
Sabe tão bem o fogão...
Vós sabeis gosar a vida!
como estaes bem precavido
contra o rigor da estação!...»—

Nunca tamanha audacia entrára em sonhos
do temido Ministro, que ali via
um homem sem temor, sem cortezia,
sentado sem licença ao seu fogão,
e volvendo-lhe uns olhos tão risonhos!
Quem affrontava assim o seu destino?...
Ou era um louco, sem razão, sem tino,
ou era um destemido coração!...

Mirou-o attento; meditou-lhe os traços,
do rosto nobre, da rugosa frente...

Que bellas ruinas de edificio ingente!...
Que fundas rugas de profunda dor!...
Que estrella infausta lhe encaminha os passos?...
Que dor confrange estas feições sublimes?...
Serão remorsos de medonhos crimes?...
Serão as penas d'interdicto amor?...

Que fez calar d'esse Ministro as iras,
ante o mesquinho, que não tem defeza!?
é temor? é piedade?... ou é surpreza
que as mãos lhe tolhe, que lhe embarga a voz?...
É que a desgraça, com seu cunho eterno,
deixa no rosto dos que em vida esmaga,
sêllo tão nobre na profunda chaga,
que faz d'espanto recuar o algoz!

Ergueu-se o desconhecido;
e regeitando a ironia,
caminhou para o Valido:

—«Perdoae minha ousadia;
vêde como eu me esquecia
de vos dar estes papeis,
e as amigas saudações
dos dois irmãos Aragões,
vossos amigos fieis.
Em quanto ledes, senhor,
heis de fazer-me um favor:

é dever de bom christão
— *Dar pousada ao peregrino*;—
deixae-me estender no chão
estes membros fatigados,
uma vez que estão chegados
ao termo do seu destino.
se podesseis calcular,
os annos que eu tenho andado
perdido por esse mundo,
a andar sempre, sem parar,
deixar-me-hieis repousar
nas taboas d'este sobrado.»—

—«Acordaveis magoado;
aqui, nestas almofadas,
podeis dormir descançado...»—

—«Senhor Ministro, obrigado!»—
disse, apertando-lhe a mão.
—«Vou repousar, sem dormir,
por dois minutos sómente.
Se o meu coração dissesse
a dita que agora sente
pelo bem que me fazeis,
de vós serieis contente!
Tomae, guardae-me esta espada;
guardae-me o punhal tambem.
Que Deus vos pague na gloria

o premio de tanto bem.»—
Disse; e sobre as almofadas
caiu com sofreguidão;
e em vozes entrecortadas
do somno pelos bocejos
continuou:
—«É pois certo...
meus tão ardentes desejos
realisou-m'os o ceo.
Eu fui... como o povo hebreu:
depois do longo deserto...
a terra da promissão!...
O sepulcro é tão quieto...
é tão suave... a prisão!...»—
E adormeceu!...
....

Que penna, ou que pincel ha 'hi que possa
pintar o pasmo do Valido agora?!
Que anjo, propicio do poeta aos cantos,
me empresta o genio, me concede encantos,
me ensina as tintas com que ao mundo absorto,
desenhe o esboço d'este vulto immovel,
attento, confundido, boquiaberto,
a dúvida no olhar... o ouvido, incerto!...
represo o respirar... os pés, pregados!...
na atitude, o respeito!...

Hirtas as mãos, os braços levantados,
immoveis, na postura horisontal,
em que, sem o saber, tinham tomado
a espada e o punhal;
com a mesma automatica firmeza,
d'um cabide de bronze, em sala d'armas,
num castello feudal!...
....

Que fundo somno amortece
as faces do aventureiro!...
Que resfolgar compassado
lhe alteia o peito guerreiro!
Nos olhos, que roxos lirios!...
Que fadiga em cada braço!...
Que prostração nos seus membros
moídos pelo cançasso!...

Que vos mostre a phantasia
o que não diz o meu canto:
vede a imagem do repouso
ao pé da estatua do espanto!

Durou minutos d'esse grupo a inercia.
Quando o Ministro comprehendeu emfim
que o somno era real,
pé ante pé, foi pôr numa cadeira
a espada e o punhal.

Foi buscar um pellote longo e quente
d'arminhos guarnecido,
e manso e manso, com desvelo extremo,
cubriu o adormecido.
Com mil cuidados entreabriu a porta
sem o menor rumor;
chamou baixinho, e segredou momentos;
quando entrava de novo a passos lentos,
nada se ouvia já no corredor.
Sentou-se, e leu do aventureiro as nottas;
depois, a senha transformada ao lume;
olhou de novo aquelle vulto immovel,
e murmurou num tom que mal se ouvia:

—«Quem sabe se elle o presume?!...
—Guardae-me a espada e o punhal.—
me disse elle... é covardia!...
Além d'algoz... desleal!...
Veremos.»—
Volveu de novo
para o gigante caído,
e de novo a passos mortos
saíu com ar decidido.

Voltou ao cabo d'um'hora,
cautelloso, a olhar, a ouvir,
e com sorriso nos labios,
pouco affeitos a sorrir.

Trazia um cesto no braço,
e um guardanapo a alvejar;
a travez d'elle, filtravam-se
arômas d'um bom jantar.
Põe pergaminhos e nottas
em papeleiras vazias;
sobre toalha de Flandres
destribue as iguarias,
e assenta-se a esperar;
ora pensando absorto;
ora encarando o vulto
quebrado, semi-morto;
ora mirando a senha
com gesto de espantar;
ora o punhal e a espada
contemplava e sorria!...
e ali a phantasia
prendia-se a scismar!...
....

Passado longo tempo,
mecheu-se o aventureiro;
mostrou nos labios morbidos
um riso prazenteiro.
Reteza os braços languidos;
boceja a haustos lentos;
descerra manço e manço

os olhos somnolentos,
e diz meio desperto:

—«É pois certo!
meus tão ardentes desejos
realisou-m'os o ceo!...
Dormi... como um patriarcha!...
Sonhava... que sonhei eu?»—
—«Algum sonho d'alegria.»—
—«Senhor Ministro, bom dia.—
Disse elle desperto em fim.
—Dae-me outra vez essa mão!
deixae-m'a apertar, assim,
ao pé do meu coração!
Venha agora o cadafalso;
venha o baraço e o pregão;
e vós haveis de contar,
se eu sei a morte affrontar,
se ao verdugo eu sei sorrir.
Prompto estou, podeis mandar.»—
—«Depois de dormir, jantar;
depois de jantar... partir.»—
—«Mas a senha que eu trazia
era um decreto de morte!»—
—«Como! sabieis...»—
—«Sabía.»—
—«E que horrenda phantasia
vos arrastou para nós?»—

—«Vingar-me da minha sorte,
dando a cabeça ao algoz!»—
—«E o algoz dá-vos a vida
quando a campa lhe pedis!»—

....

—«Inda uma esp'rança pedida!
Vêde o que é ser infeliz!»—
—«Pois é tanto o desconforto
que vos tomou, cavalleiro?!»—
—«Oh! chamae-me aventureiro,
que o cavalleiro... jaz morto!»—
—«Amigo, vamos jantar;
vereis que o meu velho vinho
desfaz a nuvem sombria
que ennegrece o vosso dia.»—
—«Jantar... sim; foi essa imagem,
que em meu sonho me sorria.
Quem vol-o disse?»—
—«Ninguem;
mas quem numa vida errante
não repousa um só instante,
póde não comer tambem.
Vós tendes fome!»—
—«É verdade!...
Inda me lembro, num dia,
entrei eu numa cidade,
e comi muito!—comia
com louca voracidade...

via mulheres chorando...
e eu cantava, e eu bebia...
era um delirio... uma orgia...
mas não sei onde, nem quando!...
Sou quasi um louco! O martyrio
não me dá veneno em vão!
Nas contorções do delirio,
e no estuar da amargura,
eu pergunto ao coração,
se de envolta co'a ventura
quer destruir-me a razão!...

Eia! jantemos! a vida
que eu julgava morta em fim,
como sina má cumprida,
renasça de novo em mim!
Nesta horrenda noite escura,
perdi-me do itinerario
que me dera o meu fadario!
Sempre a rua da amargura
sem descançar num calvario!...
....
Deus o quer! e pois cumprida
não é minha sina emfim,
jantemos! renasça a vida!...
Ai d'elles!... ou ai de mim!

CANTO VI.

DUAS VINGANÇAS.

Vingança! monstro informe, que se nutre
com supplicios, com ais que inflige, e vê;
tem cabeça de tigre, azas d'abutre
e garras de panthéra em cada pé.

A cauda, é de serpente; e tal se arrasta
reptil nojoso pela serra e val;
ora vôa e fareja, uiva e devasta,
ora raiva nas rôscas da espiral.

Nos olhos encovados, ferve o sangue;
na boca, se lhe aninha a malvadez;
na garra contraída, a morte exangue
arqueja de faminta, e espia a rez.

Ai do homem que em dia de mau fado,
desejando acalmar esta fadiga
que se chama viver,
quiz afogar a dor que a tanto obriga,
e ao social banquete festejado
foi pedir de beber!...

O jantar social, é uma orgia;
cada logar, um leito de impureza;
cada riso, um baldão!
Onde faz de bacchante, uma Duqueza;
onde faz de comparsa a mediania,
e um Rei faz de estrião!

Preside á mesa o sórdido egoismo,
cortejando as paixões dos seus convivas
na torpe bacchanal,
onde trasborda em gottas corrosivas
o veneno lethal do mundanismo,
das taças de cristal.

O monstro sanguinario da vingança,
disfarçadas as garras e a cabeça,
tem logar d'honra ali.
Qual do inferno de Dante á porta espessa:
—*Ó vós que entrais, deixae cá fóra a esp'rança,*—
ou não entreis; fugi!

Gota a gota nas taças transparentes,
cai a baba pestifera, nojosa,
d'esse monstro fatal!
La, se infiltra o veneno em cada rosa;
lá, se exhaure dos lumes rescendentes;
do vinho; do cristal!

Ai do homem que em dia de mau fado,
desejando acalmar esta fadiga
que se chama viver,
para afogar a dor que a tanto obriga,
no social banquete festejado
entrou, e quiz beber!...

Do relogio da vida, estala a corda;
pára a existencia bonançosa e rica
do infeliz que bebeu!
O caído ponteiro nos indica
que uma vida chegou do abismo á borda;
que um'alma se perdeu!

Outro relogio então, o do delirio,
Saltitante, veloz, descompassado,
na incerta rotação,
marca os baques do homem despenhado;
as tenebrosas phases do martyrio;
os estos da paixão!

A vertigem, alenta-lha a peçonha;
do crime o sorvedoiro abre a garganta,
o possesso caiu
no vortice infernal que o não espanta;
desce, e se abisma na espiral medonha,
e nunca mais surgiu!

De quéda em quéda, ao mundo dos horrores,
pobre estrangeiro que ninguem conhece
poude chegar em fim!...
Vigia as trevas luz que se amortece!...
O chão se alastra de pizadas flores!...
São restos d'um festim!...

Membros dispersos das humanas rezes!
Mulheres nuas!... Homens estirados,
na mão firme o punhal,
dormem somno febril de condemnados,
rouquento o resfolgar!... Eram as fezes
do festim social!

....

....

Ai do homem que em dia malfadado,
desejando acalmar esta fadiga
que se chama viver,

para afogar a dor que tanto obriga
de sobre a mesa um copo invenenado
tomou e ousou beber!...

Ai d'elle! que dos horrores
fechado no mausoleu,
ai! nunca mais sente amores
no coração que morreu!
Ai d'elle! que não tem flores,
neste mundo agora seu!

Nunca mais auras suaves
a fronte lhe hão de beijar!
nem a harmonia das aves,
nem a das ondas do mar,
as suas dores mais graves
hão de poder abrandar!

O veneno da vingança
no coração lhe mordeu!
Perdeu-se! ai! perdida a esp'rança!...
Mal haja quem no perdeu!
Cego nauta sem bonança,
fugindo ao porto do ceo!

Sempre com ventos errados,
e de baldões em baldões!
em vez de cantos sagrados,

a harmonia dos tufões!
os uivos dos condemnados!
o retinir dos grilhões!

Vingativo! ai do maldito
que mais que sangue não vê!
corrido, como o prescito
que acha um patibulo em pé!
sem patria, como um proscripto!
sem folego! sem Deus! sem fé!

Ai d'elle! que dos horrores
fechado no mausoleu,
ai! nunca mais sente amores
no coração que morreu!
Ai d'elle! que não tem flores,
neste mundo agora seu!

Vai findar o jantar dos dois convivas,
no palacio real;
ruga-lhe'as faces, cada vez mais vivas,
um sorriso fatal.
Sentados frente a frente, a raiva acceza
em seus olhos se vê.
Nos gestos convulsivos de fereza,
ora battem os punhos sobre a meza,
ora se erguem de pé.

Vamos ouvir-lhe'as vozes comprimidas,
de momento a momento interrompidas
por um rouco gemido.

....

....

—«E o mundo inteiro julgava
que vós tinheis sucumbido.»—

—«Já vedes que não morri.
Eu fui como a salamandra;
que d'entre as chammas surgi
crivado de punhaladas!...
Para amor, tinha morrido;
para a vingança, vivi.

Desde esse dia maldito,
não tive patria na terra;
quiz perder-me no infinito.
Declarei, sozinho, a guerra
a toda a Hespanha orgulhosa;
e guerra, fiz-lh'a horrorosa!
hontem, bandido na serra;
hoje, semeador na herdade;
ámanhã, frade, mendigo,
nas ruas d'uma cidade.
Mas sempre a luctar commigo
a dor da minha saudade.

Entrei por Castella a dentro;
de porta em porta, escutei
aquelles povos ferozes;
a morte, a seguir-me os passos;
eu, farejando os algozes
da mulher que tanto amei;
e na idéa que eu seguia,
ora furtando-me ao dia,
ora matando, passei.

Era em maio, mez d'amores;
apanhou-me a noite escura
junto a *Cacilhas de flores.*
Mugia prenhe a tormenta
das nuvens acastelladas;
e das trevas na espessura
vinham tepidas lufadas,
prender-me a cada momento
o meu andar vacillante,
pelas dobras emfunadas
do meu habito de frade,
de uma ordem mendicante.

Era granizo a torrentes.
Perdi a estrada no escuro;
um pé, vacila inseguro;
outro, resvala-me e caio!
e assim perdido e sozinho

pedi a Deus, mais um raio
que me mostrasse o caminho!
E o raio desceu... que vi?...
Vi um bandido a meu lado
de bacamarte apontado:

— Nem mais um passo d'ahi!
Bolça, ou vida! —
Ri do engano!...
— Minha bolça, é a sacolla,
que só traz a parca esmolla,
d'um mendigo franciscano! —

Do trovão aos estampidos,
misturou-se a gargalhada,
mais além repercutida;
porque eram dois os bandidos
que pediam bolça ou vida.

— Boa presa, camarada! —
disse uma voz mais distante.
— Boa presa, meu amigo!
julguei um rato, um gigante!
pedi a bolça a um mendigo!...
Hoje o ceo fez de montanha:
depois de furia tamanha...
pare um frade mendicante!! —
— Irmãos! piedade commigo! —

disse eu ameigando a voz;
e de prazer e de esp'rança
me saltava o coração!...

—Anda comnosco, frade, bom achado
foi este para nós;
tens a honra de ver nossa pousada,
onde jámais entrou pé negregado
de cura ou sachristão.
Vais achar minha mãe amortalhada,
que morreu esta tarde amargurada,
sem hostia, nem uncção...
Vim a pésca d'um *Tuno* endinheirado
que pagasse da pobre os funeraes...
Engraçada irrisão!
quando sonhei na rede um bom pescado,
tirei um caranguejo, e nada mais!...
Mas Deus é sempre justo, e acode aos filhos
que respeitam sua mãe!
A coitada chorou muito na vida!
por si... por mim tambem!...
Ai frade! que me diz o coração
que o seu algoz fui eu!...
Se de martyr, ó mãe! te dei a palma,
aqui te levo o ceo!...
Frade! vê bem!... respondes por sua alma!
Vais entoar-lhe um santo = *De profundis.* =
Vou calar-me; prepara um *Canto-chão*,

d'esse de que mais gosta o Deus eterno;
bem entoado! bem cheio! bem capaz
d'arripiar a grenha a Satanaz,
e fazel-o encovar no extremo inferno.
Não te distraias, frade, estuda e vamos. —

....

Mugia longe a tormenta,
e dos matagaes floridos
a lua doirava os ramos;
e antes d'um'hora andada,
transpunha a lobrega entrada
da caverna dos bandidos.

Que morena feiticeira,
d'olhos castanhos, fagueiros,
cantava junto á fogueira
um soláo de cavalleiros!
— Soberbo canto Gazella! —
— Bem vindo sejas Montera!
Gil Braz... e o frade tambem! —
— Ao que importa: minha mãe? —
— Como a tormenta é formosa
por noite de primavera! —
— Minha mãe?! —
— Jaz sepultada. —
— Que dizes?... onde, e por quem? —
— Por mim, que sou cuidadosa;

fui-lhe coveiro, e irmandade;
jaz descançada entre rochas,
junto ao cipreste dá herdade.
Sobre esse algar de seis palmos,
curvavam-se as oliveiras;
os raios, eram as tochas;
as nuvens, as carpideiras;
e o trovão, cantava os psalmos
nos coros da tempestade!
Cabia á mãe de um bandido,
pompa de tal magestade!
— Es animosa! Gazella! —
— Sou tua amante! Montera! —
— Chegámos tarde, bom frade. —
— Inda bem! — disse entre dentes.
Tinha o meu habito aberto,
e mostrava a descoberto
um cinto d'armas luzentes.
— Traição! — bradava Gil Braz
recuando um passo atraz.
— Porque trazias, *Tunante*,
esse *rozario* escondido? —
— Amigos! juizo e paz!
não sou traidor, sou bandido! —
....
....
....

Seis dias mais, e nas praças
d'essa Madrid ruidosa,
uma bella cavalgada
entrava, leda e vistosa.
Dois fidalgos, e uma bella
sobre um negro palafrem;
(Gil Braz, Montera, e Gazella!)
levavam pagem tambem,
vestindo farda azul-ceo,
que é cor de illustres avós. —
— E esse pagem, ereis vós? —
— E esse pagem, era eu!
Eu que trazia a meu soldo
esses tres genios do mal!
Gil Braz, era: = D. Leopoldo
de Espinoza e Cadaval. =
Montera, = D. Rui de Luna
d'Orviedo e de Medina. =
Gazella = D. Angellina
de Valadares e Ossuna. =
Já vedes que tinham nomes
dos melhores de Castella!
Viam chover nobres primos!...
Gil Braz!... Montera!... e Gazella!...
Gil Braz, irmão de Angellina.
D'Orviedo, esposo d'ella.
Tinham cavallos e pagens,
trens de caça os mais custosos,

sedas, oiro e carroagens,
de atormentar invejosos.
Trinta mastins para a serra,
sangue inglez em cada galgo!...
Com taes dons, em toda a terra,
qualquer bandido é fidalgo.
....
....

Meu nobre pae! as joias que me déras
entre prantos d'amor, saudade e esp'rança,
serviram de comprar uma vingança, —
unico lenitivo ás minhas f'ridas!
Comprara-a pelo amor que me tiveras!
por meus irmãos! pela perpetua palma!
pela vista dos olhos! por est'alma!
pelo sangue innocente de mil vidas!...

E viviam ali! esses famintos
de tudo o que foi meu! Seguilhe'os passos
dia por dia. Á porta dos devassos,
divagava, nocturna sentinella.
Pareceu-me inda ver-lhe os dedos tinctos
do sangue d'ella, e meu!... Era delirio.
Mas para haver mais dor no seu martyrio,
eram ambos casados, minha Estella!...

Cezares, lhes chamavam lá na côrte,
de *Cezar d'Aragão* seu pae; honrado

por Filippe terceiro, mas odiado
pela nobreza que cercava El-Rei.
Cezares d'Aragão!... grito de morte
que soava contínuo a meus ouvidos!
que eu via dar o braço aos meus bandidos,
orgulhosos dos *primos* que eu lhe dei!...

Abraçae, meus soberbos, essa escoria,
que é vossa imagem... menos torpe e feia!
Eia, fidalgos de nobreza e meia!
limpae-lhe'as botas, que limpaes a mão!
O vosso pagem guardará memoria
que procurar-me foi da *Cava* aos muros;
venho pagar-vos capital e juros.
Mostrar-vos-hei se sou lembrado ou não.

Temieis assassinos?! É mentira;
que sois primos de Gil e de Montera;
da mesma indole e da mesma esfera;
intimos sempre, cordeaes e unidos
que ninguem apartar-vos conseguíra,
na rua, em casa, no sarau, na praça,
no templo no jardim, no val, na caça...
O medo era mentira! sois bandidos!...
....

As linhas do meu rosto, eram profundas
pelos cem dias d'entre morte e vida;

rugosa a fronte, a vista amortecida,
a barba, intonsa, descurada, esqualida!
Os meus vinte annos de visões jocundas
eram sepultos sob a loisa fria
de cãs precoces, que o prazer não cria;
a face magra, retalhada e pallida.

Quem, neste espectro conhecer podéra
o nobre Jayme d'Aguilar d'outr'ora?!
Quem? nestas faces em que o sol descora!
Quem? nestes olhos sem vigor?! Ninguem!
Mas eu era o Vesuvio sem cratera;
sob as macias formas da bonança
subiam labaredas de vingança
a quererem saltar do seio além.

Quantas vezes nesses dias
queimados a fogo lento,
minhas mortas alegrias
me vinheis ao pensamento!

Era em Madrid, Germano,
ornando a côrte do Rei;
não no vira, havia um anno;
um dia acaso o encontrei.

Que bella farda bordada!
que lindo chapeo listrado!

que meigo riso de Fada
d'entre o seu buço doirado!

Que alva golilha vistosa!
que bordados borzeguins!...
Não tinha flor mais mimosa
A Iberia, nos seus jardins!

Nas ruas fundas, sombrias,
dos bairros menos ruidosos,
atravez das gelozias,
viam-no olhos cubiçosos!

Humilde, sem ser escravo;
brioso, em lides e amor;
adivinhava-se um bravo
nos mimos do trovador.

O irmão de cada soldado!
a inveja de cada bella!
no passeio cortejado!
esp'rado em cada janella!

Pobre rosa desterrada
do teu canteiro natal!
Das bellas tão afagada!
vista dos homens tão mal!

Ai proscripto! a toda a parte
onde tu vás, meu Germano,
ha de sempre acompanhar-te
d'esta Hespanha o odio insano;

porque és portuguez... ai pobre!
nome infesto ao teu senhor!
porque és o filho d'um nobre!...
por que és o irmão d'um traidor!

Viu-me, e passou por junto a mim. Tal era
a espessa nuvem que em meu rosto havia,
que nem meu proprio irmão me conhecêra,
sabendo que eu vivia!...

....

Era chegada a hora. Alegre ceia
faustuosa, rica de cristaes e flores,
de vinhos e iguarias,
no palacio dos *nobres meus senhores*
D. Ruy de Orviedo, Cadaval, e Ossuna,
rematava-se em chistes e alegrias.
Eram convivas, os fidalgos Cezares
D. Diogo e D. João;
e as candidas esposas,
filhas d'Andaluzia; ambas formosas;
Camilla de Toledo e Sandoval,
e Rosa de Leão.

Entre os dois d'Aragão era assentada
Angellina de Ossuna.
Ao pé de Cadaval e de Orviedo,
Rosita de Leão,
Camilla de Toledo.

Que protestos galantes! que mimosos
motes de lindos nadas... e quem sabe?
e quem póde afirmar que *nadas* eram,
palavras que entre risos lá disseram
labios tão fervorosos,
ébrios de vinho, e d'olhos tão formosos?
Quem sabe se eram nadas? Os dois Cezares,
não eram homens de excitar bocejos,
com vãs palavras, triviaes gracejos,
nos labios de Gazella;
que enfeitiçada, attenta, ao que diziam,
ledos, curvados sobre os hombros d'ella,
dos olhos chammejava, e os labios riam!...

Quem sabe se eram nadas? Os meus *nobres*
eram bandidos!...
quem sabe se estariam esquecidos
do seu papel fidalgo junto ás bellas?!
Eram *nadas*, talvez, que segredavam,
ledos, curvados sobre os hombros d'ellas,
mas o riso murchava-lhes nos labios!...
mas baixavam seus olhos, e coravam.

Eu, é que andava silencioso, attento,
como bom servo, rodeando a mesa;
na fronte, a placidez, e a raiva acceza
no intimo do peito.

Crescia o prazer, e o vinho
desparecia das taças;
Os olhos ternos, o risonho aspeito,
a meiguice, o carinho,
fazem cortejo á formosura, ás graças.
Cruzam-se as vozes, mais e mais vibrantes,
trocam-se brindes á amizade e amores,
firmam-se juras de lembrança eterna,
buscam-se agoiros desfolhando flores.

Erguera-se Angellina:
— Eia! os copos empunhados!
senhores, todos de pé!
que agora o ficar sentados,
de cavalleiros não é.
Bebemos por vós, formosas,
de Toledo, e de Leão,
que sois as mais lindas rosas
que ha nos jardins d'Aragão.
Que guardaes beijos amantes
entre os labios de coral,
aos maridos mais galantes
de Castella e Portugal. —

— Por Camilla de Toledo
candida estrella do ceo! —
dizia D. Ruy d'Orviedo
de copo em punho, e bebeu.

— Por vós, Rosa purpurina,
eterna inveja do val! —
— Por vós, D. Ruy de Medina! —
— Por Leopoldo Cadaval! —
— Por Angellina de Ossuna! —
— Pelo seu brioso irmão! —
— Pelo fidalgo de Luna! —
— Pelos nobres d'Aragão!... —

Era um côro de vozes, confundidas
no tumulto; perdidas, enlaçadas,
com risos de prazer e gratidão;
e as bellas já de faces incendidas,
os seios arquejantes de afrontadas,
eram com seus visinhos assentadas,
só D. Leopoldo, não.

— Quero pedir-vos, senhores,
um brinde só para mim:
todos vós achastes flores
a quem dar ternos amores;
só eu, não tenho o jardim!
Perennes fontes de beijos

se vos dão para beber;
só eu ardendo em desejos
hei de á sêde aqui morrer?...
É para a *desconhecida*,
cheia de mimo e frescor,
perenne fonte de vida,
singela rosa d'amor,
que eu peço um brinde. Por ella!
Um brinde cheio de fé!
á minha escondida estrella!...
Eia senhores! de pé!—
—Por ella!—todos bradaram,
beberam e se assentaram.

—Bem é, senhor de Espinoza,
que nos salões de Castella,
vades achar uma esposa
rica, nobre, pura e bella.
Se a vossa estrella se encobre,
ide buscal-a, que é bem;
rico sois, valente e nobre,
não vol-a nega ninguem.—

—Quem sabe senhores? no campo da vida
se ha lirios e rosas, ha serpes tambem.—

—Que medo podeis ter do vosso dia
que se abre com tão próspera manhã?—

— Senhores d'Aragão!
ouvi dizer que tinheis uma irmã,
como a virgem do ceo, pura e formosa;
mostrae-me a Fada e dae-m'a por esposa. —

Aos membros dos dois malditos,
aos labios dos condemnados,
veiu o tremor dos precitos,
a lividez dos finados!

— Oh! que prazer, senhor de Cadaval,
teriamos de a ver a vós unida!
Andorinha estrangeira nesta vida
voou de junto a nós, por nosso mal.
Pediu a patria a Deus, e entrou no ceo.
— Morreu? —
— Morreu! —
— E ha muito que é finada? —
— Ha quasi um anno. —
— E onde é sepultada?...
Quero esfolhar-lhe sobre a campa flores!...
Que edade tinha já? —
— Desanove annos. —
— Quadra do amor!... Deixou decerto amores!... —
— Era louco por ella um tal... D. Jayme
d'Aguilar. —
— Conheci-o!... e tu, d'Orviedo!...

não te lembras? na aldeia de *Parada*,
mesmo á entrada,
num terreiro coberto de arvoredo,
que ali parando á sombra a cavalgada,
nos tirou quasi á força do caminho
um velho, D. Martinho?!
Não te lembras, d'Orviedo?...—
—Lembro já!
era um nobre de raça e de conselho;
typo que se chamou =*Portugal velho*,=
que ja quasi não ha.
Tinha dois filhos... bem me lembro agora
que o mais velho, D. Jayme d'Aguilar,
me quiz desafiar,
por lhe eu tirar das mãos um perdigueiro.
Era um lindo rapaz e rico e nobre,
ousado e sobranceiro.
Não casaram?—
—Por Deus! era impossivel
descer Estella,
da mais alta nobreza de Castella,
'té um leito d'alvura duvidosa...
pobre talvez!...
d'um fidalgo d'aldeia, e portuguez!—
—E sabeis d'elle?—
—Sei, jaz sepultado.—
—Morreu tambem? que luctuosa historia!—

— Insultou-me, matei-o! —
— Vós, D. João?
foi a punhal, ou em duello honrado? —
— Bem sabeis que sou nobre, Cadaval!
sabem cingir espada os d'Aragão,
não matam a punhal. —
— E a vossa pobre irmã morreu de pena?!... —
— Como? se o não amava?!...
Ao saber que morreu, sorriu serena,
e beijou-me inda a mão com que eu sabia
as afrontas vingar.
De mais, era traidor ao Rei, á Hespanha,
D. Jayme d'Aguilar;
não cabia de certo á nobre Estella
um traidor desposar! —
— Não foi pois de pezar que ella morreu!
a linda Estella na manhã da vida!...
Esqueceu-vos dizer-me onde ella jaz. —
— Jaz na *Sé de Vizeu.* —
— Impossivel!... perdoae! mas nova estranha,
é essa que me daes!
Jaz na *Sé de Vizeu*... Inda em Janeiro
ali estivemos, d'Orviedo e eu!
e vosso pae bem lhano e prazenteiro,
nos disse que partireis para a Hespanha
em companhia d'ella!
Como dizer que lá morrêra Estella,

e ha quasi um anno?... Perdoae! mas creio,
que a dor extrema vos produz enleio. —

— Sois cruel, Cadaval! para que é, dores
de tanta magoa, recordar agora!?
não reverdecem mais pizadas flores;
não volta a vida, como volta a aurora.

Finou-se a pomba venturosa e bella,
entre os carinhos do fraterno amor!...
É toda a historia que ficou d'Estella.
Não lembra a campa já; só lembra a dor. —

— Haveis de permittir-me, — lhes disse eu;
e olharam todos para o servo audaz —
que vos diga, (que o sei;) onde ella jaz;
vindo em auxilio da infiel memoria
d'estes nobres senhores,
que fingem penas, escondendo horrores,
d'essa medonha ensanguentada historia. —

Ergueram-se hirtos, espantados, tremulos,
chamejantes, fataes, atterradores!
cabello em pé! as faces, contraídas
de raiva e medo! as dextras escondidas
no seio, onde acordaram seus punhaes,
que dormiam, bem junto ao coração,
doce somno de irmão, ao pé do irmão!

— É de mais!... —
Era um rugir acerbo de vingança,
mandado aos labios pelo peito em braza.
— Um insulto d'um servo!... e em vossa casa!...
Expulsae-o! —

....

Nem um dedo se ergueu, nem voz se ouviu!...
Camilla e Rosa recuaram pavidas,
como se ás plantas lhes caísse um raio!
Aos d'Aragão, a lividez dos mortos
de novo aos labios tremulos subira!
— Expulsae o villão! ou vós, senhores,
sois infieis, covardes e traidores!! —
E os rubros olhos faiscavam ira!...

....

O mesmo silencio!...
Eu nos labios trementes tinha o riso,
que teve Satanaz á porta do Eden
roubando nossos pães ao paraizo.
Caíram fulminados nas cadeiras,
aos olhos antepondo a fria mão,
e rugiram: — Traição! —
Cheguei-me ás damas que o suor cobria:
— Senhoras! ouvi bem a minha historia!
Resignae-vos fidalgos d'Aragão!
Por noite de janeiro escura e fria,
numa quinta emboscada,
por seus proprios irmãos apunhalada,

a meiga Estella de Aragão morria,
só por que a amara um nobre em Portugal!...
Os d'Aragão sabem cingir a espada,
mas matam a punhal
uma pobre mulher!...
Quando caiu nas taboas do sobrado
para não mais se erguer,
Ouviu-se á porta do aposento, um brado
de raiva e dor! tremendo! horripilante!
do orphão, triste, malfadado amante,
D. Jayme d'Aguilar!!
Vinha tarde, senhoras!... Vós chorais?!...
que farieis, se ouvisseis tantos ais
que dava o desgraçado,
abraçando num extasis d'amor
esse cadaver frio!... ensanguentado!...
Não ha dor que simelhe aquella dor!...
Para c'roar a obra, esses algozes
que são vossos maridos,
cairam sobre o inerme que chorava,
esfaimados! ferozes!
e trinta vezes seus punhaes buidos
foram em suas carnes embebidos!
Banquetiar de tigres!... A pousada,
era um rio de sangue perennal!
Os d'Aragão sabem cingir a espada,
mas matam a punhal
um homem desarmado,

que escorregou no sangue, e que abraçado
tem, o cadaver da mulher que amou;
que nem olhál-os póde, e que não sente,
mais do que um corpo frio e sangue quente,
ao pé do coração que lhe parou!...

....

Pouco depois o incendio allumiava
a purpurina esteira, em que jaziam
dois martyres d'amor, que Deus velava,
em quanto os bons irmãos d'ali fugiam,
pensando que nas ruinas do edificio
que o fogo devorava,
nem vestigios sequer de tal supplicio
a vista mais certeira encontraria,
entre a sinza volatil que ficava
como tropheo de tanta galhardia!

— Jesus! — gritam as perdidas
em doce abraço enlaçadas;
— porque foram fratricidas
batter ás nossas pousadas,
co'as mãos de sangue tingidas,
com fallas tão namoradas?!

Cegas de nós! desditosas!
em mãos d'algozes mortaes!
trocámos galas vistosas,
por crepe, tristeza e ais!...

Nós!... queridas e mimosas,
nos seios de nossos paes!...—

Eil-os erguidos como espectros lividos!
punhal em punho que tremendo avança!
sêcos os labios, e nos olhos vividos
faiscando o lume de feroz vingança.

—Tu mentiste villão! por Deus o juro!
pela tua alma que o demonio espera!...—
—Amigos! vós agora! desarmae-os!—
E nisto, mais velozes que dois raios,
os colheram ás mãos, Gil e Montéra.
—Que é isto?! Vós! amigos e parentes!...
Eis a verdade em fim! somos traídos!..—

Luctaram no estertor rangendo os dentes;
os peitos comprimidos,
os membros a estalar!
—Assassinos quem sois?—
—Somos bandidos!...—
—E tu quem és?—
—D. Jayme de Aguilar!—

Camilla e Rosa, caíram
desmaiadas sobre o chão;
e os algozes manietados
rugiam raivas em vão.

— Ides morrer lentamente,
fidalgos senhores meus!
sem ouvir um — ai — clemente
nem do inferno, nem dos ceos!
Medi bem na vossa mente,
a extenção d'esta vingança,
que me referve e que avança
em lava ardente no peito!
Oh! vós amaes loucamente
vossas esposas queridas!?
pois heis de as ver polluidas
dos meus bandidos no leito!
Heis de as ver no sacrificio
attenuadas, perdidas,
para mim erguendo, em vão,
gritos d'alma e braços nús!
nada as salva do supplicio!
nem Satanaz! nem Jesus!...
Que digam vossos punhaes
se ao entrar num coração,
respeitam prantos ou ais!
se eu posso ter compaixão!...—

— Perdão para as innocentes! —
bradavam os dois algozes;
pranto e soluços vehementes
truncavam-lhe'as roucas vozes.
— Em nome de vosso pae!

em nome de vosso irmão!
perdão D. Jayme! perdão!. .
Em nome de quanto amaes
com sentimento profundo!...
Em nome de vossa filha
que vive ainda no mundo!...—
....

Ouvistes bem a derradeira notta
da harmonia da angustia? que ressumbra
do estalar das cordas d'harpa ignota,
que se desfaz no intimo do seio?!...
Ouvistes bem aquella voz fagueira?...
aquelle nome, pronunciado a custo,
por entre as convulsões do intimo susto,
como exforço final d'extremo anceio,
lampejo de esperança derradeira?!...
....

Que havia de eu fazer!... se o som tão meigo
me achára um coração que eu cria morto!?
e, vara de Moysés, na rocha do ermo,
de prantos inundou meu seio enfermo
que me estancára a dor e o desconforto!?...

Que ha de fazer um pae, quando lhe juram
restituir-lhe a filha idolatrada!?...

ave implume! sem mãe! desamparada!
sem ninho, que a resguarde ao vento frio!
sem aza onde se acoite ao sol do estio?!

Que ha de fazer um pae, sem uma estrella,
que lhe guie nas trevas da incerteza
o passo vacilante ao berço d'ella,
a quem jura entregar-lh'a viva e bella!...
Ai!...
Que ha de fazer um pae!?...

....

Perdoa, como eu perdoei,
dando a vingança por ella;
e a filha da minha Estella
desde esse instante a busquei.

Corri doze annos em vão
sob o frio e sob a calma,
trazendo o delirio na alma,
e a febre no coração.

Não ha provações mais duras
nem mais crucis agonias!...
Por crimes, contei meus dias,
e as horas, por amarguras!

cantando coplas d'amores;
trocando nome e vestidos;

já, bandido entre os bandidos;
já, pastor entre os pastores.

Vaguei doze annos procurando o mytho
que me alentava a esp'rança,
sem ver um astro nuncio de bonança,
na cerração do temporal desfeito
que me allagava o peito.
Sempre a traição a vigiar-me os passos;
enredando ciladas,
em que eu via escondida a arteira mão
dos perfidos fidalgos d'Aragão;
mas nunca mais os vi,
nesses doze annos que a morrer vivi!...

De longe em longe,
quando esperança e fé tinha perdidas,
por mãos misteriosas me chegavam
informações mentidas,
que por mais longes terras me levavam.

Tinha meu pae, pobre e louco!
Em cada mez de Janeiro,
do meu escasso dinheiro
lhe ía levar um quinhão.
Era o fructo que eu colhia,
quando nas praças pedia
esmolla, por compaixão!
Era o oiro das migalhas,

que ao sacudir das toalhas
os ricos deitam ao chão.
Era um alivio mingoado,
mas era o unico honrado
que eu lhe podia offertar;
que o oiro do crime... não!
Oiro roubado!... esse pobre,
fôra e era muito nobre;
nem m'o podia acceitar
nem lh'o levava esta mão!

Termino em fim Vasconcellos:
os meus dois anjos do mal,
deram-me o golpe mortal
perdendo meu pobre irmão!...
....
Perdido!... Todos perdidos!...
Julgae da minha anciedade,
correndo de monte em monte
e de cidade em cidade!
Farejando, como a féra
que a prêza brava pre-sente!
de rôjo, como a serpente!
saltando, como a panthéra!...
Quanto eu daria por vel-os!
por lhe'arrancar as entranhas!
trazêl-os pelas Hespanhas
de rastos pelos cabellos!...

Em vasta gruta cavada
num monte junto a *Sevilha*,
onde, por senha ajustada,
me deixava ignota mão,
mensagens de meu irmão,
noticias de minha filha,
esta notta encontro em fim;
escutae bem; diz assim:

— D. Jayme d'Aguilar! quando isto lerdes,
seremos já bem longe de Castella.
Se vos queixaes de nós por desgraçado,
não tendes que invejar á nossa estrella.
o que fomos, sabeis; agora vêde
o que resta de sortes tão ditosas:
Fidalgos sem ter patria!
Maridos sem esposas!
E foi vosso rancor quem nos perdeu!...
Sede contente, e vol-o pague o ceo.
Antes de terminar, sabei, D. Jayme,
que vossa filha vive em Portugal,
onde um homem só ha, que tudo sabe,
que vos póde mostrar algum fanal.
Ide a Lisboa, aos Paços da Duqueza;
perguntae por Miguel de Vasconcellos;
mostrae-lhe a senha que achareis inclusa,
que tem sêllo real.
Dizei-vos mensageiro de Castella,

com despachos que levam a chancella
da rubrica ducal.
Entrae afoito sem temer por vós;
achareis recepção franca e leal,
que o jurâmos nós. —

....

....

Cessou a febre um momento;
olhei-me... vi-me tão só!...
Ai! se nesse desalento
soubessem o meu tormento
as féras, teriam dó!...

Pela cabeça esvaída,
segura nas frias mãos,
vi passar da minha vida
os tristes fantasmas vãos,
como em noite mal dormida!...

Que larga esteira de flores
de tanta esp'rança caida!...
E que cortejo de dores,
em torno a campa esquecida
dos meus tão tristes amores!...

E que deserto infinito!
sem agoa, sem flor, sem fructo,

sem brizas e sem verdores!...
Destina-o Deos ao precito,
que nunca vê outras côres
mais, que as do sangue e do lucto!...

....

....

Vi a traição. Vim procurar a morte,
unico asilo de infortunio tanto!
e vêde bem se desafio a sorte
com labios sem tremor, e olhos sem pranto!

Segunda vez vos imploro
que não tenhaes compaixão!
vereis como de meus crimes
faço inteira confissão.
Só dois favores desejo:
o primeiro, entrar contricto
nos penetraes do infinito.
Mandae-me um padre christão.
Depois, senhor, só invejo
um cadafalso gigante,
d'onde no ultimo instante
eu vejo as náus do meu Tejo!
que vejam a minha morte,
que saibam a minha historia,
que ao mundo fique a memoria
d'esta tremenda lição.
Que por justiça tamanha,

salvem á honra d'Hespanha
no rebramar do canhão!
Que digam ao mundo inteiro,
que sobre o cepo infamante,
se mata naquelle instante
um reino!... que um homem, não!!
porque o pobre aventureiro,
symbolisa uma nação!»—

Escutára Miguel de Vasconcellos,
attento sempre, a narração inteira
de tão penada vida.
Quem sabe o que essa fronte anuveada,
ocultava d'imagens tenebrosas,
ao remirar as pustulas cancrosas
que laceram sua alma fratricida?!...

Via-se ali, algoz de braço armado,
em nome d'essa Hespanha tão soberba,
a degolar um povo desgraçado,
que nas ancias finaes d'angustia acerba,
pousa no cepo o collo descarnado,
ajunta as frias mãos, e em triste acento
que parece surdir da campa fria,
lhe diz ainda: — Irmão degenerado!
não posso mais soffrer o meu tormento!
acaba-me depressa esta agonia!...—

Ergueu-se em pé:

—«Tinheis razão D. Jayme!
foi a traição que vos mandou á morte!
Lisboa é cadafalso! o algoz, sou eu!
eu! filho d'esta terra nobre e forte!
renegado da patria onde nascêra!
maldito desta mãe que á luz me deu!...

Lêde os mandados que essa Hespanha envia;
por essas mezas os vereis dispersos!...
Heis de tremer d'horror!
Vereis que nada a fome lhe sacia;
confiscos, proscripções, prisão, patibulos,
espionagem, traições, tramas perversos,
as familias tornadas em prostibulos,
a festa em saturnal, o rizo em dor!...

E da immensa hecatomba d'este imperio,
que ha sessenta annos agonisa e morre,
des que na Africa adusta um pae perdeu,
o Tejo é-lhe mortalha!
o mar, é cimiterio!
Lisboa é cadafalso! o algoz sou eu!...
....
....

Em manhã de aziago dia,
surgi do leito de infante,

ao clamor horripilante
d'um festim de canibaes;
vi meu pae, morto! arrastado!
nas ruas d'esta cidade!...
Ninguem viu minha orphandade!
ninguem respeitou meus ais!...

Corri para dar um beijo
no meu venerando espelho;
nesse cadaver d'um velho
coberto de sangue e pó!
Repelliu-me a turba ebria!
porque os meus ais e os meus prantos,
desafinavam dos cantos
d'aquelles peitos sem dó!

Meus braços eram tão debeis...
ir luctar fôra loucura!
era cair sem ventura,
era morrer sem matar.
Pedi a Deus, já sem prantos,
a vida! embora mofina!
Tinha prescripta uma sina!
Tinha meu pae que vingar!

Vendi corpo e alma á Hespanha!
cumpriram-se os meus anhelos;
de Miguel de Vasconcellos

treme inteira uma nação!
Na cegueira do meu odio
denegri a nossa historia!
Os hymnos da minha gloria
são pragas de maldição!

Não decorei rosto ou nomes
d'esses crueis assassinos!...
No livro dos maus destinos
meu nome escripto já é!
Nas vizões do meu delirio,
da minha dor enganado,
vi todo um povo culpado;
toda a nação julguei ré.

Fugir agora?!... Impossivel!
Arbusto amaldiçoado
de tanto sangue regado,
prende no inferno a raiz!
Vós que ledes na minha alma
o meu remorso profundo...
maldiga-me embora o mundo!
vós, não! que sois infeliz!

Agora, essa mão, D. Jayme!
Crê-se a est'hora na Hespanha
que, não por força, por manha,
ruge na jaula um leão!

Já vos preparam golilhas,
e cavalletes e cunhas,
duas nobres testemunhas!...
Dizei quem?!»—
—«Os d'Aragão!»—

—«Adivinhastes! Agora,
d'Almeida, correi aos muros;
lá se acreditam seguros
contra um odio tão feroz!
Esperam mensagem minha
para saudar-vos na côrte.
Vós sois grato! e d'esta sorte,
honra por honra! ireis vós!»—

CANTO VII.

A GUARDA.

Leitor: se queres commigo
ver neste nefasto dia,
talvêz a extrema agonia
de D. Jayme de Aguilar,
deixa o teu lar, se és amigo;
foge dos braços da espôsa;
illude a mãe temerosa
que hemos de á noite marchar.

Emquanto desde o sol-posto,
em magros leitos escassos,
dando vida aos membros lassos
resona a turba aldeã,

o vicio descobre o rosto,
e em lupanar infamante
se estorce luxuriante,
até rasgada manhã!

Na aldeia mais preguiçosa,
as scenas mais desregradas,
de crimes não são manchadas;
doidas, são; mas não são más!
Lá, não! por mais virtuosa,
as noites d'uma cidade,
encobrem muita maldade!
muitos misterios! Verás!

Junto do baile vistoso,
onde estremadas lindezas
arrastam as almas prêsas
no seu aereo dançar,
contrasta o riso amoroso,
(á dor inhumano insulto!)—
um cadaver insepulto,
e os orphãos a suspirar!

Aqui se esconde uma sombra;
ali se furtam amores;
áquem se pranteiam dores;
um grupo segreda alem.

Por sobre o arminho da alfombra,
da virgem se entra na estancia!...
É tarde e longa a distancia;
se queres, amigo, vem.

No cimo de monte inhospito,
junto da nevada *Estrella*,
jaz uma cidade. É nella
que vamos, leitor, entrar.
É *fria*, ventosa e humida,
feia, denegrida e *forte*,
que o reino, contra a má sorte,
era obrigada a *guardar*.

Por isso, é Guarda o seu nome;
pois sempre voltada á Hespanha,
de-pé, na sua montanha,
a espia no seu lidar.
Hoje é, rotos os seus muros,
veterano sem guarita,
já sem farda e sem marmita,
mas firme, sempre a *guardar!*

Nos annos da nossa historia,
era mais triste e mais pobre;

mas sempre léal e nobre,
não quiz a face voltar.
O mais valente guerreiro,
póde morrer na pelêja;
mas veja a morte, ou não veja,
ha de o seu posto *guardar*.

Durante a quadra invernosa,
gêlos dos tectos pendentes,
simelham lustres luzentes,
que o sol desfaz a brincar;
tal se vê cristalisado
crespo bigode guerreiro,
apoz noite de janeiro,
toda velada a *guardar*.

Leitor: eu entro sosinho;
serve-me aqui de atalaia;
espera-me á *Cruz da faia*,
que tudo te hei de contar.
Eu, que não temo as *cuchilas*
dos *chicos* de Andaluzia,
sou comtigo em vindo o dia,
e a *Guarda* me ha de *guardar*.

Toda a Hespanha em romaria
visitava Portugal.

Nessa noite, a Andaluzia
na Guarda fez arraial;
Granada ía no Algarve,
e Biscaia em Traz-os-montes,
vendo as selvas encantadas,
pela astucia conquistadas,
e os vergeis, e o sol, e as fontes!
Pois quem não vai visitar
seus jardins á beira-mar?!

Corria a noite, acordada
de ruidosa confusão;
o velho, a moça, o pimpão,
a redondinha creada,
tudo fazia arraial,
naquella noite de festa,
naquella noite fatal!
Ía e vinha, linda e lesta,
a voadora andaluza,
repicando a castanhola,
ora amorosa, ora esquiva,
ao som da meiga viola,
e do lascivo pandeiro.

Em pontas de pés, ligeiro,
dançava a leve *gavota*
leve sevilhano arteiro,
que toda a terra alvorota,

com seus borzeguins, bordados
de floreado matiz.
Com cinturão d'anta e seda
coberto d'aureos franjados,
que adorava a filha leda,
mas que o pae e a mãe maldiz!
Com jaqueta sevilhana
ramalhada de veludo,
lenço de seda indiana;
por desleixo, ou por estudo
caído atraz o chapeo,
typo altivo, sobranceiro,
ideal das morenitas...
tal o amavam as chiquitas,
tal o achei dançando, eu.

Em torno d'elle, giravam
portuguezas fascinadas,
querendo ser encontradas
por seus olhos negrejantes!
E elle via-as, que o amavam!
e um rir de conquistador,
espargia em derredor!
e a seus seios palpitantes,
mandava beijos d'amor!
e a dança mais se accendia,
crescendo mais o arraial
naquella noite fatal!

Os paes, já mandam que as filhas
entrem nas suas moradas;
e os filhos de Portugal,
davam convulsas risadas,
vendo aquelle ar zombeteiro,
com que um ladrão estrangeiro
roubava as suas amadas!
Sobre esses seios tão bellos,
chegando a pôr mão profana!...
E aos ciumes do *serrano*,
respondia o castelhano
co'a longa *cuchila* aberta
migando o amigo cigarro!
traçando-a depois nos dentes,
e atirando aos insolentes
co'o mais insolente olhar!
ferindo lume ao pé d'ellas,
e com chibante descaro
assoprando fumo ás bellas!...
volvendo logo a dançar,
como quem pode, e não quer!...
E o rancho dos portuguezes,
ficou pallido a tremer!...
Não que de medo estremeça!
mas arrepella a cabeça,
e tristemente a sacode...
como quem quer, e não pode!

Alguns vi, menos ciozos,
dançar ali, requebrados,
entretidos, amorosos,
delirantes, enleiados,
por longa trança hespanhola;
e a rosa d'Andaluzia
repicando a castanhola,
dar-lhe em troca os seus cuidados,
seu amor, sua poesia,
naquella noite fatal
de tão vistoso arraial,
de tão bizarra harmonia!
Vi os outros, murmurando
da imprudente sympatia!...
Não sei se tinham razão.
Conhece bem à magia
da lindeza, o coração!...
Quem fica frio ao condão
d'um longo olhar andaluz,
como o sol que o allumia
cheio de fogo e de luz!?...

Se eu ali não fôra espia...
nem eu sei o que faria!

E fui pensando commigo,
que entre Hespanha e Portugal

não havia um peito amigo
em todo aquelle arraial!
por que o fel d'um odio antigo,
amarga e queima! é fatal!

Quando o amigo traiçoeiro,
com ademan carinhoso,
passeia o nosso quintal,
se aquece ao nosso brazeiro,
e alta noite, farto e quente,
se transforma de repente
em nocturno salteador,
o seu inerme hospedeiro,
dá-lhe a rir o seu dinheiro,
suas baixellas de prata...
mas logo que pode, mata!

....

....

Entre Hespanha e Portugal
fica este marco fatal!

Junto ao velho pelourinho,
cruzavam-se os embuçados,
attentos, preoccupados...
e eu, seguia o meu caminho

protegido pelo escuro;
roçando num pardo muro
meu capote lusitano;
ouvi um leve susurro...
fiquei suspenso! parei!...
Era um concerto inhumano,
de dois Syllas sanguinarios,
um Catilina e dois Marios;
que cinco vultos contei.

Quem era o desventurado,
que lhes dava tal cuidado,
que assim diziam:
—«Se o vi,
hoje as *Limpas de S. Paio*,
atravessar como um raio,
bem vestido e bem montado,
caminho de *Celorico!*»—
—«D. João, que te enganaste!
hontem inda, o criminoso
passava em tortas muletas
pelas ruas de *Trancoso*,
tolhido e roto, a pedir!»—
—«Não ha tres dias, na Hespanha
se encontrou o aventureiro!
—exclamava em voz roufenha
o decano dos Gollias.
—Não póde ser em tres dias,

heroe de tanta façanha.» —
— «Como sois prudente e arteiro,
Senhor D. Luiz! pois bem;
vou contar-vos uma historia
em que todos podeis crer,
mas que eu não posso entender!
Esta tarde... ao lusco-fusco...
(Inda tem pejo a memoria
de a acceitar como verdade!...)
fui sentar-me de atalaia
nas guardas do *Miradouro*.
Cortejou-me um viajante
a pé. Tornei a encontrál-o
quando vinha á *Cruz da faia*,
mas, bem vestido, e a cavallo!...
Comprimentou-me e partiu
a toda a brida!... Pasmei!
Inda o vi, mas não me viu,
já perto do *chafariz*,
abraçando as aguadeiras
co'as mais torcidas maneiras,
do mais esquerdo aldeão!...
vinha diante de mim,
perdeu-se na escuridão!
Eu vinha, pois, aturdido,
e na mais louca anciedade,
quando ás portas da cidade,
a mesma voz e outros trajos

se me apresentam diante!
Todo coberto d'andrajos,
mostra a vazia sacolla,
estende a mão, pede esmolla!
Tremi, benzi-me e rezei!
pois vi-o em menos d'um'hora:
cavalleiro,—caminhante,—
namorador,—mendicante!!
E duvidei muita vez,
e a mim mesmo perguntei:
Seriam quatro?!.. talvez!..
Seria o mesmo?... não sei!»—
—«Os seus signaes?»—
—«Porte, airoso;
barba, longa; testa, larga;
tisnado o rosto rugoso;
grisalhos cabello e barba;
figura de meia edade.»—
—É elle!—gritaram todos;—
e dorme nesta cidade!?»—
—«Talvez por fatalidade
nos oiça agora fallar!»—

Eu, que ouvíra todos, tudo,
fui traje e rosto apalpar;
fiquei de pé, quedo e mudo,
mas fallava o coração
em convulsivo arquejar!

De mais, entrava commigo
de volta, a superstição!...
Ao poeta o ceo amigo,
nada lhe quiz occultar
nas horas em que medita!...
Por um singular condão,
transforma-se, e tudo imita!...
é ente cosmopolita,
que não tem patria, nem lar!...
Não tem epocas na vida;
todo o tempo é seu presente;
que em seu eterno scismar,
não sei porque alta magia,
casa a historia á prophecia!
que tudo vê, tudo sente!!
Sejam prova d'este encanto,
estes versos, este canto.
Quem troca o presente seculo
pelo de mil e seiscentos,
e numa noite d'outomno
troca o domestico somno
por um presago arraial,
só por ver odios ciumentos
entre Hespanha e Portugal,
e diz que viu, como eu vi,
e que ama, como eu amei,
num tempo em que não vivi,
uns labios que não beijei,

não póde levar a mal,
que o mesmo condão fatal,
o faça no mesmo dia:
cavalleiro, — caminhante, —
galanteador, — mendicante!—
E fosse ou não valentia,
os embuçados deixei,
fui-me escoando, e marchei.

Que negros os muros da Sé, carcomidos!
Que torres tão juntas do adito ao pé!
Imagem do afflicto, co'os braços erguidos,
tentando amparar-se... num raio de fé!

A porta do templo, que dizem mesquinha,
é boca de virgem, que ás festas do altar,
convida a virtude, dizendo-lhe: — És minha!
Deus quer-te.—E á soberba:—Não podes entrar!...—

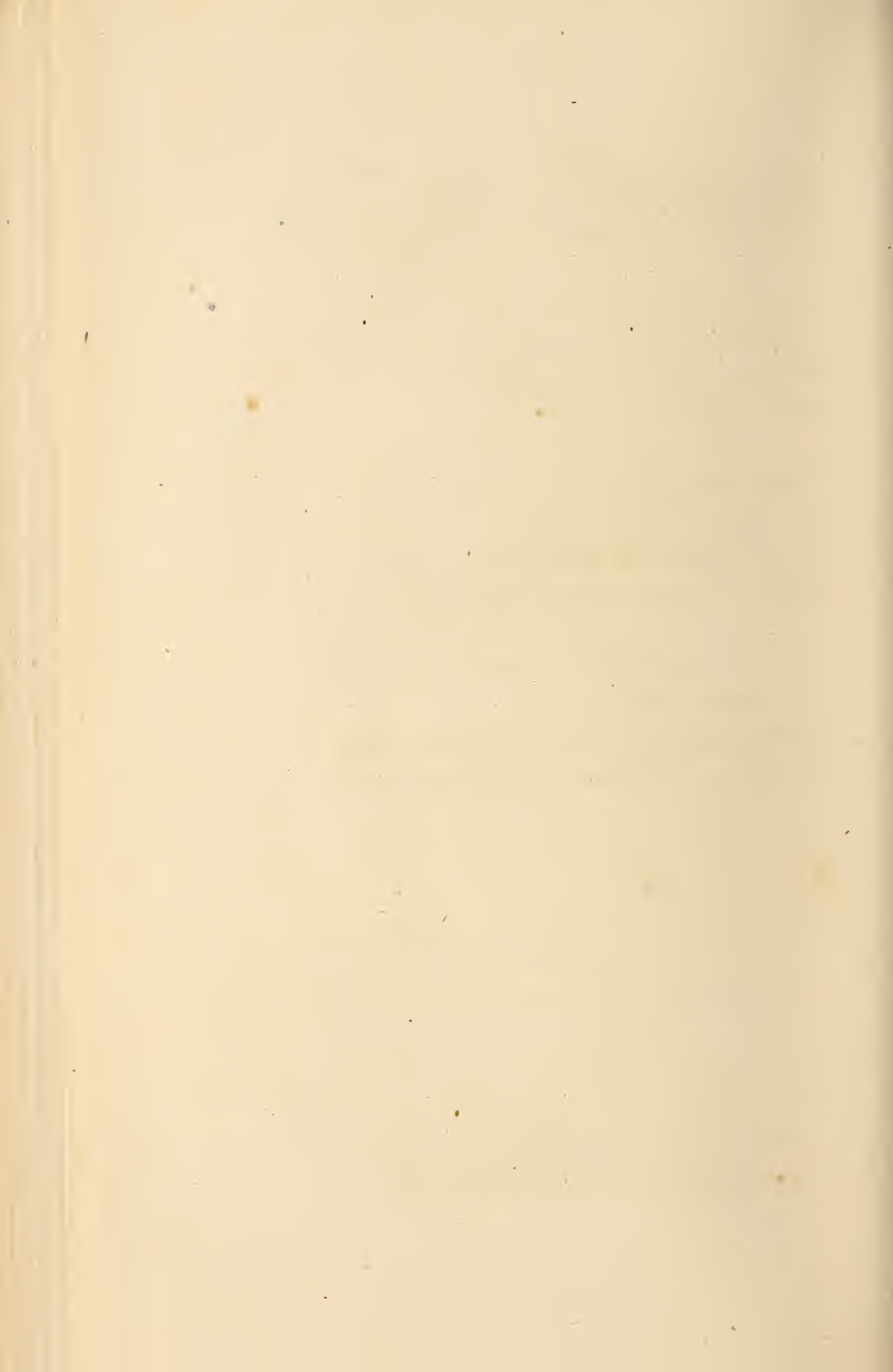
Ó Sé! Deus te salve na tua montanha!
perfeito retrato do meu Portugal!
Teus muros, de negro! de galas a Hespanha!
lá dentro, silencio! cá fóra, arraial!
....

Por detraz do templo procurei saída,
que alfim me levasse, ao campo, á soidão;

achei-a tremenda! de horrores vestida!...
Sumi-me nas trevas, medi-lhe a extenção.

É rua medonha! tão negra! tão fria!
correndo ao direito co'as naves da Sé,
que assim a deshoras, por noite sombria,
jámais ouviu eccos de timido pé!

No fim, negra torre lhe guarda a passagem,
com duas entradas, com quatro cunhaes.
Outr'hora, atalaia guardando a menagem!
Agora... só musgo, morcegos, pardaes!

Aqui se projecta mortiça luzerna!...
Que estrepito é esse! que a casa tremeu?!...
Fiquei-me suspenso!... Cheguei-me á taberna!
Lá dentro!... Lá dentro!... Jesus!... que vi eu?!...

CANTO VIII.

O EBRIO.

Dentro no antro escuro, na habitação do vicio,
a noite, inda mais negra que as nuvens da tormenta,
cobre as mortiças vascas da luz amarelenta,
que ondeia crepitando, suspensa ao velador!
Vejo empunhando as taças, em torno á mesa esqualida
tres vultos, que se movem da luz aos movimentos;
cantam nefandas trovas, e os lubricos acentos,
as trevas e o silencio, lhe escutam de redor!

Era a suprema orgia em sua imagem sordida!
a furna arremedando o templo das bacchantes!
falsos galões por oiro e vidros por brilhantes!
palco sem prespectiva, e bastidores nus!

Eram as fezes vís da saturnal explendida!
de tapetes de arminho e leitos de brocados!
de candelabros, d'oiro e prata floreados
em prismas de cristal repercutindo a luz!

Que sonhos, que a mente sonhára tão placidos,
que risos, tão cheios d'amor e ternura,
que fundos anhellos, de extensa ventura,
que seiva, tão rica, de nobres paixões,
se tisnam, se crestam, no fumo da crápula!
se arrastam, se immundam, do vicio no lodo!
se prendem, se algemam, da orgia no engodo,
ao poste infamante dos torpes balcões!...

E que amores encontra no prostibulo
o peito juvenil, d'amor sedento!
que a passo incerto, duvidoso e lento
lhe entrar a vez primeira o limiar!...
Nos mares do equador, sedento naufrago,
um gôlo de agua doce ás ondas péde;
e longos tragos sorve, e morre... á sêde!
á força de beber agoa do mar!...

E que rosas postiças! E que ancias,
de carinhos, que escondem bocejos!
Que preguiça d'abraços!... que beijos,
que arrefecem da face o calor!...

E no rosto, que manchas tão lividas!
e que oppressos que os peitos não gemem!
e que roxos que os labios não tremem
a dizer torpes phrases d'amor!

A vida é o mar: luzes phosphoricas
á tôna d'agoa; mil bandeiras
ao norte e ao sul; d'auras ligeiras,
do mar á flor, bando subtil.
Debaixo occultos, monstros horridos;
odios mortaes, sangrentas guerras;
abaixo mais, rochas e serras;
e em todo o fundo, o lodo vil!...

Ai! que profundos misterios
se envolvem na negra vida,
da triste mulher perdida,
que ali se gasta a morrer!
A' historia dos suicidios,
quantas lendas singulares,
se furtam nos lupanares
onde é punhal... o prazer!...

Quem sabe que martyrios
o rosto mais sereno
no lubrico veneno
vai afogar ali!...

Quem sabe que miseria,
que extremo d'agonia,
no fumo d'uma orgia
se esconde... até de si!...

Quem julga os indomitos
motejos da sorte,
sem ver mais que o norte
dos sonhos que tem,
é perfido arbitro
nas penas que escreve;
não pode, não deve,
sorrir de ninguem!

Ao nauta placido,
pode, um momento
de mar e vento
trazer a dor;
fazêl-o naufrago!
e num desmaio,
a luz do raio
mudar-lhe a cor.

Almas impias!
Risos tredos!
dos segredos
d'ancias taes,

fugi! ide-vos!
estas scenas,
querem penas,
pranto e ais!

Os reprobos
do inferno,
no eterno
'stertor,
nas furias
diuturnas,
das furnas
da dor,

martyres
taes,
são.
Miseros
mais,
não.

—«Mais vinho! que é sangue virgem!
Mais vinho! que o pago eu!
se o vinho nos abre o inferno,
primeiro nos mostra o ceo!

É temporal na bonança!
calmaria no escarceo!

volcão a escaldar o gêlo!
gelo a refrescar o ardor!
é vida que desce á campa!
é prazer que esmaga a dor!
dá sol, á noite da vida,
e febre, aos beijos d'amor!

Eu quero a eterna vertigem!
não quero ter outro céo!
Nem ha fogo mais brilhante,
nem ha melhor Prometheu!...
Mais vinho! que é sangue virgem!
Mais vinho! que o pago eu!...

Canta Isabel! ve se acalmas
a minha angustia!... Leonor!
tens o teu peito gelado?!
requeima-o! dá-lhe calor!
Beijae-me, bustos de Aspasias!
Bebei, adellas do amor!...

Que amor!... De sofregos beijos,
oh! que faminta avidez!...
Se Deus no ceo me dissera

que a não veria outra vez,
trocára o ceo de bom grado
pela perpetua embriaguez!!...

Ai!... O amor que me arrancaram
levou sangue na raiz!...
Leonor!... porque descoras?!...
Isabel!... por que não ris?!
Alevantae-vos, cadaveres!
Bebei alento, almas vís!

Eu não vos peço delirios;
bem sei que os não podeis dar!
A mulher, esmaga-a o vicio,
mas deixa a artista reinar!
Artistas! fingi d'amantes!
É vosso officio... enganar!

Quem os labios pudibundos
beijou, de casta mulher,
sem se vingar dos algozes
que lh'a fizeram morrer,
só na orgia, só no crime,
póde beijar... e viver!...

Nós já não somos do mundo;
nosso peito, é frio e vão!
e não tem preço na terra,

um peito sem coração!...
Que vale a extincta cratera,
berço e tumba d'um volcão?!...

Nós somos tres epitaphios
que ninguem sabe intender.
Somos tres fórmas de gêlo
que se não póde aquecer!
que o fogo tudo aviventa!...
menos o gêlo! mulher!

Eia! o fogo que bebemos
não repassa o gelo em vão!
e neste momento extremo
nos manda a gasta razão,
que o fogo de nossos beijos,
complete a dissolução!»—

E os cantares libertinos
d'esses monstros femininos,
e esses timbres argentinos
temp'rados na bacchanal,
e as risadas que se ouviam,
e os copos que se partiam,
e os beijos que retiniam...
era um concerto infernal!
....

Era um tripudio vil! Não tinham brios,
nem instinctos, nem sangue, nem razão.
Do vicio os libertinos desvarios,
mataram-lhes no peito o coração!

Vede o retrato do ebrio: Era formoso!
Esbelta inda a estatura e mui viril!
Seu rosto requeimado era rugoso,
mas altivo, mas nobre, o seu perfil!

A testa longa, larga, e descaida!
d'alto pensar, altivo mausoleu!
Crespo, o cabello! a vista amortecida!...
Vede se o conheceis tão bem como eu!...

— Foge á sanha feroz dos embuçados!
todas suas pesquizas são por ti!
És nest'hora fatal os seus cuidados!
Tens a cabeça a preço, e estás aqui?!

Mal sabes que ao sair d'este prostibulo,
talvez te arraste o algoz, pcáda rez!
pelos degraus sangrentos do patibulo,
que espera mais um nobre portuguez!

Lava da face esses vendidos beijos!
oh! corre! foge! sem atraz volver!
Vai a vida na fuga!... Ai! vãos desejos!
eil-o assentado á mesa! Eil-o a beber!!

—«Mais vinho! que a noite é bella!
E agora minha Guiomar,
quero-te ver ao pé de mim sentar.
Vejo-te o pranto a borbulhar nos olhos!...
Porque choras mulher?! Não vês a vida...
toda emprestada, sim! mas, sem abrolhos,
que passamos! ó flor emmurchecida?!

Choras talvez, porque os sonhos
sonhados na mininice,
que te agoiravam, risonhos,
tudo amor, tudo meiguice,
por fim, Guiomar, eram sonhos,
que a tua estrella desdisse?!...

Ai linda Guiomar!

Não és só tu a illudida
na seducção do sonhar;
ha tanta rosa envolvida
na immunda vasa do mar!...
Ha tanta virgem traída!...
Ha tanta vida a penar!...

Não chores, Guiomar!

Tu presenceias a orgia
sem lhe provar a doçura?!...
D'esta fonte d'alegria

sai o elixir da ventura!
Ama e bebe, estatua fria;
vende ao mundo a formosura...

Tu coras, Guiomar?

Assomos de santidade
nas trevas d'um lupanar!...
Ninguem crê na castidade
que tanto queres guardar!...
Oh! como ríra a cidade
se visse o teu soluçar!!

Escuta Guiomar!

Has de ter ricos vestidos
e topazios e diamantes;
verás teus mimos vendidos,
por preços exorbitantes!...
Que vale o rei dos maridos
ao pé d'um reino de amantes?!...

Louquinha Guiomar!

Amor é isto!... Esses pejos,
fazem-te as faces murchar!...
Proclama um leilão de beijos!
que eu vou... vai tudo lançar!...
Quem compra a matar desejos,
primeiro deve provar...

Não fujas Guiomar!...

Olha que tenho captiva
a trança dos teus cabellos!
Se luctas á força viva,
serão baldados anhellos!...»—
E ella amedrontada, esquiva,
volveu-lhe uns olhos tão bellos!...

A linda Guiomar!

Como a rez que ao carniceiro
diz: — Porque me vais matar?! —
que o seu olhar feiticeiro
falla mais que outro fallar!
E ella, olhando o aventureiro,
não poude mais que chorar!...

a pomba Guiomar!...

....
....

Quem era a donzella candida
que andava a meza a servir?
que ficou presa do ebrio,
tentando ao crime fugir?
que, volvendo olhos tão tristes,
disse tanto em seu olhar?

que em vez de pudicas iras
se defendia... a chorar?!
Era um retrato da virgem
pendente num lupanar.
Quem, junto a tanta negrura,
não tem visto a virgem pura?!

Lá preside, triste e muda,
do crime ao torpe leilão,
como estrella que scintilla
do vicio na serração!
Anjo bom da peccadora,
pedindo-lhe o coração;
sempre volvendo-lhe os olhos,
sempre estendendo-lhe a mão!

Ao ver o quadro da Virgem
no antro da corrupção,
não exclameis: — impiedade! —
curvae-vos á devoção!

Direis, bem sei; que o devasso,
ebrio de lascivia e vinho,
ao vel-A no seu caminho,
d'Ella escarnece! e eu já vi!
que ao dizer-lhe: — Virgem pura! —
com ironia d'alcunha,
A chama por testemunha
dos seus folguedos, e ri!

Mas não sabeis entender
um coração de mulher!
Ante esse quadro a perdida,
mata a fome e ganha a vida...
e reza de arrependida,
porque é peccado o viver!
Tal era a linda Guiomar
a virgem do lupanar.

Ao sentir-se presa, a triste,
e ao dar um grito de dor,
ouviu risadas e palmas
de Isabel e de Leonor;
mas quando viram seus prantos
sobre as rosas do pudor,
volveu-lhes o viço ás almas,
bradaram cheias d'amor:

—«Deixae a triste, deixae!
bem basta á pobre menina
não conhecer mãe nem pae!»—

Foi livre a trança! Nas feições o ebrio
as linhas todas carregou! franziu!...
—«Não tinha paes, aquella pomba candida!...»—
E a fronte livida entre as mãos sumiu!...

....

....

— Viver na terra, engeitada,
tendo por patria um deserto!...
Folha erguida na rajada
de vento abrazado! incerto!...
Não conhecer mãe nem pae!...
Ai!...
Ser o seu berço d'infancia,
d'affectos campa mortuaria!...
Ver morrer viço e fragrância
como a rosa solitaria!...
Não conhecer mãe nem pae!...
Ai!...
Quanta vez a horas mortas,
rez votada ao sacrificio,
vai batter do alcoice ás portas
a filha do amor... do vicio!
como á casa de seu pae!...
Ai!...
Branca roseira plantada
num tão exposto canteiro,
onde te cresta a geada
d'um frio escuro janeiro
sem calor de mãe nem pae!...
Ai!...
O rio, é filho da serra!...
do musgo, é pae o granito!...
as plantas, nascem da terra!...
as estrellas do infinito!...

Só tu, não tens mãe nem pae!...
Ai!...
Que tristeza! que supplicio
é, perguntar num deserto:
— O meu tecto natalicio
onde estará?... longe ou perto?!... —
sem responder mãe nem pae!...

Ai! que é nefanda villeza
ir á choça da orphandade
negociar com a pobreza
a compra da castidade!...
Basta não ter mãe nem pae!...

Ai! ao ricasso orgulhoso,
que ao ver a pobre, caída,
não levantar caridoso
a virgem desprotegida...
ai!...
Deus lhe não dê mãe nem pae!...

Emquanto o ebrio na affogueada mente,
= ais = concebia que resumem vidas,
vendo acordado o coração dormente,
lagrimas longas derramou sentidas.

É que ao precito a quem o ceo é mudo,
bastardo filho de madrasta sorte,
sómente a inercia pode ser-lhe escudo!
o gêlo, é vida! o coração, é morte!

Por isso o ebrio chorava
pranto que lhe embarga a voz,
pois redivivo encontrava
o seu mais tremendo algoz!

Volviam com elle á vida
saudades que ali guardava;
e cada uma lhe lembrava
por quanto lhe foi vendida!

Eram seus crimes em calma
e tudo um'hora acordou!
Restava-lhe o somno d'alma
e nem a inercia ficou!

nem ella! a mortalha fria
de seus remorsos ferozes,
que de novo como algozes
giram ante elle á porfia!...

Filhos! ao homem perdido
todo o crime perdoae!
de nobre, fez-se bandido;
mas antes d'isso foi pae!...

D'onde lhe veiu esse medo,
da trança lisa e doirada
de Guiomar, a engeitada?!...
Que elle o diga se é segredo.

Quando os olhos ergueu... Pasmae do quadro
que nos seus olhos vi!
A lucta que em seu peito se empenhava,
reflectia-se ali!

Um mar de pranto trãsbordando em lagrimas,
a vista lhe toldou!
e um fogo estranho que lhe cresta as palpebras,
no pranto se inflammou!...

....
....

O fogo d'este incendio
não pode eterno ser!
o crime e a penitencia,
como hão de assim viver?!...

Quando um celeste espirito
acorda um coração,
ha de o infernal imperio
amortalhal-o?... Não!

Purgue-se uma existencia!
quebre-se a mão fatal!
chora, bondoso espirito!
abraza, anjo do mal!

Deus de suprema gloria!
por tua santa cruz!
na extrema lucta anima-o!
Qual vencerá?... Jesus!...
....

E agora que é febre o corpo,
que é delirio essa razão,
deixae que estue e trãsborde
esse eivado coração!
e no seu fallar discorde,
no seu chorar, no seu rir,
vereis o fogo, no pranto,
crescer, luctar, sucumbir!

—«Guiomar! nas vinhas do inferno
dá-se este vinho de fogo
que tu me deste a beber!...
Dissolve-se em chammas! Destila-se em pranto!...
E tremo... e pranteio!... Maldito quebranto!...
O fogo a queimar-me!... O pranto a correr!...
Pois nunca chorei, mulher!
e esta fraqueza fatal

que eu te não posso esconder,
vem d'algum philtro infernal
que tu me deste a beber!
Por quanto comprou Castella,
teus escrupulos, Guiomar?!
Por quanto aceitaste d'ella,
o encargo de envenenar
um portuguez, teu irmão!...
teu pae talvez! engeitada!
que entrou na tua pousada
a comprar vinho...»—

—«Oh! mais, não!—
Bradava em prantos Guiomar.
—Falla por mim, coração!
que eu não sei senão chorar!
Triste de mim!... Eu!... matar!...
Mal de vós que padeceis
alguma pena cruel!
Ai! se a engeitada podera
trocar vosso pranto em riso,
o vosso abyssinthio em mel,
aos anjos do paraizo
quantas graças não rendêra!..»—

E calou-se, e chorou.
Breve foi o silencio, que em soluços
somente se quebrou;

e pausado e solemne, apoz instantes,
o ebrio assim fallou:

—«Padeço muito! É tremendo
o pêzo da minha cruz;
e bem quizera morrendo
ver noutra vida, outra luz,
se a mente me não dissesse,
que apoz afrontosa morte
me cabe o inferno por sorte;
pois que o mundo me não deu
para luz da minha vida
nem uma esp'rança querida,
nem a descrença do atheu!...

Nesta vida pois, que accendo
com fogo que não dá luz,
o peso da minha cruz,
sem um calvario, é tremendo!
Onde ha mais infausta sorte,
aspiração mais mentida,
que o ter que fugir da vida
sem querer topar co'a morte?!...
....
Que te disse eu?... Insultei-te
pobresinha?!..
A culpa dos meus insultos
foi da desgraça e não minha!

Foi de quem teve por timbre
o nome de=portuguez!=
e vê calcar honra e nome,
dos seus tiranos aos pés!

Foi de quem deu seus amores
a uma virgem de Castella;
e viu sumir-se entre horrores
o brilho da sua estrella.

Foi de quem tinha esperança
nos brios de seu irmão,
e o viu fugir deshonrado!...
elle! o trovador soldado!
victima! a nobre creança,
d'uma covarde traição!...

Foi de quem ama um pae nobre,
nobre de sangue e nação,
e o vê morrer louco e pobre,
corrido, como um villão!
Sem que possa ir afagál-o
no seu derradeiro ai!...
sem lhe poder ser bom filho
como elle fôra bom pae!...
....
Correi meus prantos de fogo!
Estala meu coração!

Já agora nesta existencia
não ha treguas nem perdão!...»—
....

Chorava a suffocar! As barbas longas
embebiam-lhe o pranto em borbotões;
e de luzentes per'las semeadas,
mais alvejavam já; mais cãs se viam!
Dissereis que dez annos de existencia,
em não mais que um minuto lhe fugiram.
Cavaram-se-lhe as faces; longas rugas,
mais se alongaram já; os olhos fundos
mais fugiram, cercando-se de negro,
lucto que o muro veste, apoz o incendio.
....

Ergueu bem alto a cabeça
e tudo em roda mirou;
e um sorriso de despreso
dos secos lábios soltou.

As tres mulheres olharam-no
pasmadas de tal sorrir!...
Tomou pela mão Guiomar,
fez-lhe signal de sair.
Depois carrancudo e pallido,
volveu torvo olhar d'horror,

para os rostos macerados
de Izabel e de Leonor!

Apoz breves instantes, disse o ebrio:
—«Olhae bem para mim!»—
Ellas olharam espantadas... timidas...
e fallaram assim:

—«Que me dizeis, conheceis-me?»—
—«Nós?... certamente, senhor!»—
—«Porque abres tanto os teus olhos?
sei que são bellos, Leonor!
Tu, donairosa Isabel,
por que os abaixas? cruel!
fita-os sem vergonha em mim!...
Vamos! estaes assustadas
de me ouvir; não é assim?»—
—«Certo, senhor; bem mudado
vos encontramos, ao cabo
d'um só anno mais na edade!»—
—«Mudado em tudo! é verdade.
Por vós mesmas vai ser verificado,
esse, que ides chamar meu novo estado.

Lembrais-vos do meu nome?»—
—«Se lembramos!
sois Alvaro Correa d'Aragão.»—
—«Enganais-vos; sou Pedro, o tecelão.»—

—«Porém ereis...»—

—«Que importa hoje o que eu era?
Hoje que vale, o que ámanhã serei?
Não fulge eterna a luz da primavera,
por que eu nem sempre flores encontrei.
Foi esse nome, sim, meu adoptivo;
muito por illustrál-o trabalhei;
mas elle, o desleal! atraiçoou-me!...
por notavel de mais o desprezei.

D'onde venho? sabeis?»—

—«Vindes da Hespanha...»—
—«Inda um erro fatal! Venho do Minho.»—
—«Quando entrastes aqui...»—

—«Vinha da Hespanha,
mas já mudei de plano e de caminho.

Que faço eu nestas terras?»—

—«Viajais.»—
—«Sim; Alvaro Correa d'Aragão
viajava, e com rendas collossaes,
é verdade; mas Pedro, o tecelão,
anda a vender tecidos; nada mais.

Vejo que vos confunde a minha historia;
achareis nesta bolça a explicação.
É um presente d'oiro, raparigas,
que, venerando relações antigas,

vos envia Correa d'Aragão,
por seu creado Pedro, o tecelão.

Ouvi-me agora bem! Eu sou... Alcaide;
e como tal vos dou voz de prisão:
—Senhoritas dizei-me: a noite finda
com quem passastes vós todo o serão?—
—«'Nhor Alcaide, com Pedro, o tecelão.»—
—«De que parte traz elle o seu caminho?»—
—«D'alem do rio Doiro... ah! sim: do Minho.»—
—«Onde vai?... (Visitar Castello Branco.)»—
—«Diz elle que vai ver Castello Branco.»—
—«Sim?!... Logo anda em viagem... de recreio?..»—
—«Vejo que, como nós, vos enganais;
elle anda a procurar o melhor meio
de vender seus tecidos; nada mais.»—

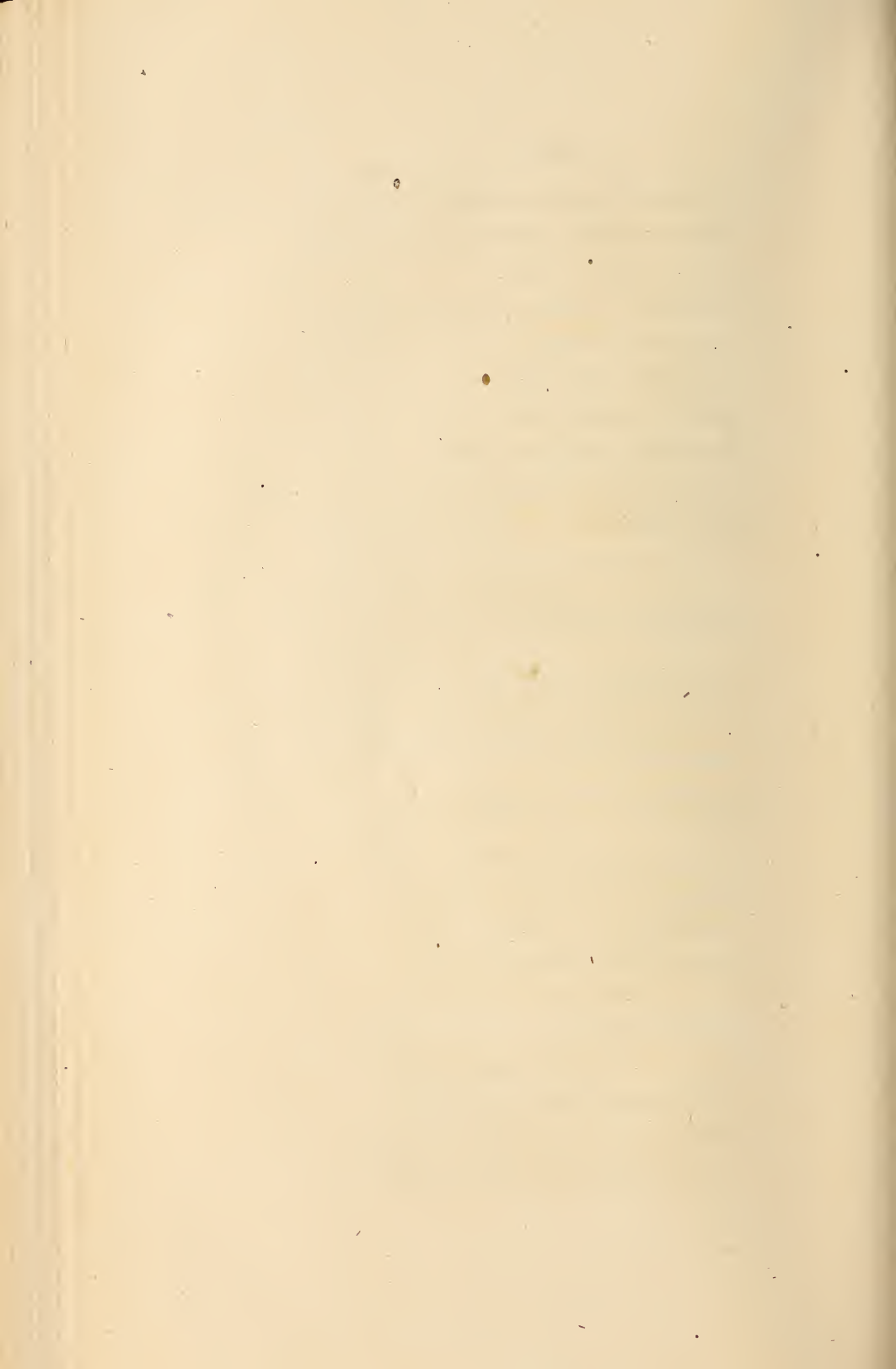
—«Bem! muito bem! minhas flores!
sabeis a vossa lição;
ide-vos pois, e lembrae-vos
de como eu pago um segredo!
sem deslembrar em má hora,
como eu vingo uma traição!
Seja eu frade, ou foragido,
ou mendicante, ou ladrão,
sei arrancar qualquer lingua!
sei decepar qualquer mão!
Tem bacamarte o bandido;

o frade uns pós de condão;
traz um punhal o mendigo;
traz um cajado o aldeão.
Tem Pedro uns olhos de lince;
redes tece o tecelão;
tem ouvidos amestrados..
valente... prodiga mão,
que espalha ricos thesouros
do grão senhor d'Aragão!
Ide-vos pois!...»—

E sairam
tenteando a escuridão.

Eu que estava attento ali,
quando a porta se fechou,
estas palavras ouvi
que uma á outra segredou:

—«Tu entendeste os misterios
com que elle vem d'esta vez?»—
—«Eu nunca o vi possuido
de tão formal embriaguez!»—

—«Nem eu.»—
—«Que bizarra vida!...»—
—«Mas tem horrendo segredo!»—
—«Que bem que elle paga as noites!»—
—«Ai!... que pena! ir-se tão cedo!»—

CANTO IX.

EMFIM!

Junto a mesa carunchosa,
assentados par a par,
conversavam d'esta sorte
D. Jayme e a linda Guiomar:

—«Senhor! que pode importar-vos
a minha mofina historia?
truncada folha d'um livro...
trecho d'avulsa memoria!?»—

—«Não temas anjo! Sou homem!
não vás o ebrio evocar!
Prendeu-me a tua magia!
só tu me viste chorar!...

Estrella de mago influxo,
que vens fulgir ao perdido!
que vens avivar lembranças,
que nunca me quiz o olvido!

Se és anjo por Deus mandado
para meus passos guiar,
abre esses labios avaros!...
Oh! falla!... por Deus! Guiomar!»—

—«Senhor! na terra mesquinha,
entre muita vida amena,
ha sortes... que fazem pena!..
pois uma d'estas, foi minha!

Nunca maldisse meus paes
por vida me haverem dado!...
Achei tanto desgraçado!...
tanta mulher dando ais!...

Quem sabe se nesse bando
os achei desconhecidos?...
Quem sabe se arrependidos,
estavam por mim penando?!

Por nascer, não mereci
a meus paes, tão feia sorte!...

Creio até que a avara morte
m'os roubou quando eu nasci!

....
....
....
....

Já visitaste algum dia
em *Vizeu* a antiga *Çava?*
e um casebre que alvejava,
que ao pé do fosso jazia?...

Um padre que ali morou,
ao romper d'alva em janeiro,
junto ao tronco d'um olmeiro,
gelada e roxa me achou!

Folhagem que o vento espalha
meu terreo berço cobria;
e a camiza que eu vestia,
era enxoval... e mortalha!

Roseira solta no pó!
desarreigada na leiva!
sem ter de meu outra seiva
mais, do que a do orvalho só,

volvi á vida. O bom velho,
espelho de desenganos,
deu-me por mais de dez annos,
amor, amparo e conselho.

Cresci, creei-me... vivi!
Fui ledora, e custureira,
e lavradora, e ceifeira;
bem nova tudo aprendi!

As minhas visões formosas,
meu resar, minha leitura,
minha alvissima costura
fadiga, cantos e rosas,

dia aziago me perdeu!
Meu pae doente, ao sol-posto
rugando o livido rosto,
por mim chorando, morreu!

E a andorinha peregrina
no mundo, só! desgarrada!...
tinha de ser engeitada!...
Paciencia! Era uma sína!

Tão longe esta crença vai,
firmada no meu destino,

que se algum dia o mofino
me deparasse meu pae,

bradára a elle abraçada:
—Por Deus pae! segue outro norte!
Foge de mim, que dou morte!
Tenho de ser engeitada! —

O que depois se passou,
enchia mais d'uma vida!
fui pobre... andei foragida
e aqui cheguei e aqui estou.

Pois vossa bondade alcança
a ter dó do meu tormento,
vou ler-vos um testamento,
mostrar-vos a minha herança.

Tinha um legado de horror
sobreposto ao meu vestido!
e na camiza escondido,
outro legado de amor.

Do testamento cruel,
ouvi a lettra fiel:

—Filha de incesto amor! prole do crime!
terás por tecto, os braços d'este olmeiro!

amor que o ser te deu, já não te exime
d'este tremendo trance derradeiro!
sob este ceo de gelo que te opprime,
não vencerás a noite de janeiro;
não tens que agradecer a caridade
que sem baptismo vais á eternidade!

Morres! filha de nobres! sem nobreza;
por não seres pasquino vergonhoso!
morres! filha de ricos! na pobreza;
tendo por só amparo, um tronco annoso!
por berço, as rôxas ervas da devêza,
por cantos, o silvar do vento irôso
e em vez do salutar leite materno,
gelido orvalho, lagrimas de inverno!»—

Não duvidava mais
D. Jayme d'Aguilar!
desfeito em pranto e ais
colhe a filha nos braços,
e diz-lhe a soluçar
entre beijos e abraços:

—«Filha! filha!... emfim és minha!
só minha! de mais ninguem!
deixa-me ver os teus olhos
as roxas orlas que tem!...

a tua boca!... o teu riso!!...
Adeus caminhos d'abrolhos!
achei-te, meu paraizo!...
Deus!... Meu Deus! eu creio em ti!!...
Olha-me bem, filha minha;
repara que sou teu pae!
Deus ha-de-me perdoar,
por que os teus prantos não vi
quando entrei nesta pousada!
Perdoa-me tu Guiomar!...
Tens sido tão malfadada!...
Ai!...........
E eu vim agravar teus males!...
Se tinha a mente abrasada
e a dormir o coração!
Perdoa filha! perdoa
a teu pae! que a toda a parte,
noite e dia, a procurar-te
correu doze annos em vão!

Esse escripto de demonios,
é de teus tios, Guiomar!
infames! que te insultavam!
covardes! sem te matar!...
dando-te lenta agonia
por uma noite tão fria!...
hei de matal-os Guiomar!
Amanhã serei com elles

dentro das priscas muralhas
da nobre praça d'*Almeida!*
Matavam-te sem baptismo?...
hei de enterral-os no fosso,
sem responsos nem mortalhas!!

Nunca tu sonhes as penas
que eu tenho soffrido! Oh! não!...
Da espada de D. Martinho,
ficou-me um punhal na mão!
de nobre, fiz-me bandido,
paguei traição por traição!
Fiz o meu nome temido!
rasguei muito coração!
manchei muito craneo em lodo,
espesinhando-o no chão!
Era peleja sem treguas!
era guerra de leão!
Nunca vi magoas nem prantos,
que me arrancassem perdão!...

Cancei por vingar-te, filha,
e á morte da minha Estella;
a ti... cheguei a encontrar-te,
mas nunca mais essa estrella!...
....

Eu era rico! os sedentos,
roubaram-me o tecto e o pão!

Eu, que fora algoz d'algozes,
d'esses ladrões fui ladrão!

....

Esse escripto de demonios,
é de teus tios, Guiomar!...
Hei de arrancar-lhes as vidas...
Hei de os primeiro insultar!...»—

—«Pae! vosso punhal sangrento
repulsae!
Por alma de minha mãe!
perdoae!...

A victima infeliz d'improba sorte,
vede o que ella escrevia á triste filha,
momentos antes de chegar a morte:

—Filha! não posso agazalhar-te em vida;
rosa pendida que te vais finar!
quem te arrancára d'essas mãos ferozes
dos meus algozes, que te vão matar!

Á campa vamos! Ai! depois da morte,
quem sabe a sorte a que estas almas vão!...
Que anceio! filha! que toldado abismo!...
tu... sem baptismo!... e eu... sem confissão!...

Não! Deus é pae! sómente os máos condemna!
Foi por quem pena, que penou Jesus!
Sejam meus prantos do baptismo as agoas!...
Deus! pelas magoas que te deu a cruz!

Vae filha! os anjos te recebam lédos!
guarda os segredos que me ouviste aqui.
Quando avistares do Senhor a séde,
por mim lhe pede, que tambem morri!

Vae! Dize aos anjos que te dem seus cantos,
por estes prantos que meus olhos tem!
e se em mim perdes maternal ternura,
a Virgem pura, que te seja mãe!...

Ai! flor de neve com doirada coma!
que alvor! que aroma! se não perde aqui!
Ai! rosa minha de matiz vestida;
que amor! que vida! que eu sonhei por ti!

Teu pae rojado por ingloria senda,
que vida horrenda viverá tambem!...
rico inda hontem, poderoso e nobre!
hoje, tão pobre, que nem nome tem!

E eu fui a sombra que toldou de escuro
todo o futuro que o verá viver!...

Eu fui a estrella que em logar de um norte,
lhe aponta a morte que o fará morrer!

Aos meus, perdôo, que me deram tratos;
raça de ingratos! com quem eu vivi!
Não chóro os dias que sonhei serenos...
que em paga ao menos, morrerei por ti.

A ti, a elle, deixarei sómente,
num beijo ardente o derradeiro—adeus!!..
Correi algozes! já me não confranjo!
martyr e anjo, tem direito aos ceos!»—

....

....

Que duas fontes de pranto
que burbulhavam nos olhos
de D. Jayme d'Aguilar!...

....

Como em seu pae se enroscava,
toda carinho e suspiros!
pranto e soluços! Guiomar!

....

—«Pae! não medites vinganças!
Em nome da tua Estella!!»—

....

—«Pois bem, filha! Aos seus algozes,

perdôo!...por ti!... por ella!...»—

....

A porta caiu dos gonzos!...
guardam cem vultos o umbral!..

....

Sollemne um'hora soava,
na torre da cathedral.

Seis dias passaram. No septimo dia,
depois d'esse drama que eu vi no prostibulo,
nas ruas o povo discorre á porfia;
de negro na praça campeia o patibulo.

Marchava sereno, cercado, o valente!
de padres e crúzes, soldados e cirios.
A escoria diffunde-se, e ondeia contente!...
que as festas da escoria, são—dores! martyrios!

E no topo ajoelhou
do cadafalso infamante;
mirou de roda um instante,
mas nem sorriu, nem chorou.
Tinha ali perto Guiomar
toda de lucto vestida,

como virgem dolorida
que o vinha do ceo guardar.

E a filha disse, a chorar:
(e o pae ouviu-a a rezar.)

—«Chorei a todas as portas,
nenhuma porta se abriu!...
Pedi!... bradava!... insultei-os!...
ninguem parou nem me ouviu!

Que sorte, meu Deus! que sorte
que tu me tinhas guardada!...
Já vedes pae, que dou morte!...
Tenho de ser engeitada!»—

—«Padre! um favor derradeiro;
ide entregar-me Guiomar
ao tugurio hospitaleiro
de Germano d'Aguilar.

Juraes-m'o?»—
—«Juro!»—
—«Obrigado!
Filha! tens um pae; bem vês;
em vez d'um tão desgraçado,
outro... não menos talvez!...

Leva este abraço ao mesquinho;
a Anninhas, dois beijos meus;
estes ais a D. Martinho!...
agora, Guiomar... adeus!...
....
....

Horas depois, raiava a liberdade
e passavam dos dobres funerarios
a repiques de festa, os campanarios,
sobre todos os templos da cidade.

Era o mez de dezembro. Emfim disperto
depois de sessenta annos de lethargo,
olhava Portugal ao ceo e ao largo!
chovia-lhe o maná no seu deserto!

Como espolio das bodas sanguinarias
um cadaver ficava exposto ao vento;
tinha os postes da forca, por moimento,
e por brandões de enterro... as luminarias!

Que mais querem de nós? apoz tamanha
galhardia d'algoz, ébrios de gloria,
apagaram acaso a luz da historia?
não leem seus feitos?... Que nos quer a Hespanha?...

Quer insultar a lapide funerea
que peza sobre vós, heroes de *Ourique!...*
Estremecei de horror! filhos de Henrique!...
Repercuti meu canto, eccos da Iberia!

FIM

NOTAS

AO

POEMA

NOTAS.

Pag. 7 ver. 12 e 13.

Como festiva Fogaça,
num dia de romaria

Este poema nasceu na pequena aldeia de Parada de Gonta, freguezia de S. Miguel do Oiteiro, concelho de Tondella, districto de Vizeu. Vem isto para dizer que elle é provinciano chapado, beirão dos quatro costados e aldeão sem mistura.

Apresentando-se agora no grande mundo litterario, faz diligencia por apparecer com todo o aceio que as suas posses lhe permittem e a sua educação lhe aconselha.

O que elle porém não pretende, é esconder a sua origem.

Honra-se d'ella e por ella, e faz até certa gala em não deixar um momento sequer a minima duvida sobre a sua procedencia.

O seu maior desejo é contar sinceramente as coisas da sua terra, e á moda da sua terra.

Nasceu muito longe dos portos de mar; como havia de conhecer e amar outro mundo que não fosse o seu Portugal primeiro que tudo e quasi com exclusão de tudo!

Se o meu poema tivesse visto a luz em tempos de D. João 1.°, tinha uma esposa talhada naquella famosa pá que a formidavel Brites d'Almeida brandia com mão segura.

Esgotou-se e perdeu-se a edição d'aquelle poema de lei, impresso rudemente em pergaminhos castelhanos!...

É verdade que á primeira vista parece que nada d'isto vem para o caso dos dois versos que servem de texto a esta nota:

como festiva Fogaça,
num dia de romaria;

pois vem.

Os que não conhecem a provincia da Beira e não teem assistido ás suas romarias, não sabem o que seja a minha *Fogaça.*

No dia da romaria, os frequentadores do arraial hão de ver entrar no templo a chusma de romeiros que vai depor no altar as offrendas e promessas que por curas e milagres o santo mereceu aos piedosos e felicitados.

Pois no meio d'essa turba lá vão algumas das mais bellas raparigas d'aldeia, vestidas de branco com um cinto de matizes, um lenço de seda ao pescoço, flores no peito e no cabello, meias de abertos e chinellas novas.

Heis de vel-as como entram no templo cercadas do respeito de todos os velhos, dos amores de todos os mancebos, da inveja das suas iguaes e da ufania de suas mães que as acompanham!

E o garbo com que levam á cabeça o seu açafatinho cheio de trigo, ornado com arcos de flores e laços fluctuantes de fitas!

Nada mais gracioso do que o provido cestinho, alteando para o ceo a sua garganta de rosas, e requebrando as suas azas de matizes com as ondulações das auras! Verdadeira ave do paraizo, que se vos figurará presurosa de levar ao presepe de Jesus, ou á gruta do santo eremita, a offrenda immaculada do pão d'aquelle dia.

Aqui tendes a minha *Fogaça;* com mais propriedade lhe chamariamos *Fogaceira,* porque fogaça é rigorosamente a offerta; como porém ao conjuncto da offrente e da offrenda se chama tambem *Fogaça,* não hesitei no emprego d'esta palavra.

Pag. 8 ver. 10 e 11.

No centro, grave e campeiro,
se ergue o palacio da aldeia,

Venho aqui pedir perdão da palavra —*campeiro.*

Não é (que eu saiba) usada, nem mesmo autorisada pelo alto sacerdocio da lingua portugueza; é adjectivo provinciano, e applica-se a tudo o que occupa um grande espaço de campo, relativamente a outros objectos da mesma especie. Assim se diz: *casa campeira, arvore campeira, estrada campeira* etc.

Sendo o meu poema tão provinciano, não me pareceu que devesse engeitar uma expressão, que, se não é muito da côrte, é comtudo muito de Portugal.

Pag. 11 ver. 12 e 13.

Contra a inerme sentinella
d'um monarcha aventureiro

Sabem todos o que eram as *hostes do prior do Crato:* um troço de bons e leaes portuguezes, armados, quasi exclusivamente da sua fé, *guardando* a vida e a fortuna de um homem que andava correndo *á ventura* de terra em terra e proclamando os que chamava seus direitos á coroa portugueza.

Creio pois que não haverá erro historico em fazer dizer a D. Martinho, um dos seus mais fieis partidarios, aquelles dois versos.

E foi contra este grupo de valentes, quasi inermes, que um dia á voz do duque d'Alba se *despovoou Castella* para vir sobre a ponte de Alcantara trucidar um punhado de valentes, que se deixou esmagar sob aquella mó immensa sem lhe arredar pé!

Grande politica! grande victoria! e sobre tudo, grande general!

Pag. 15 ver. 6 e 7.

De roxo rosmano,
de giestas em flor.

Na Beira, e especialmente no ponto da Beira onde a acção se passa, diz-se indistinctamente *rosmano* ou *rosmaninho.*

Pag. 25 ver. 15 a 18.

E novos e velhos ao ver D. Martinho,
como se topassem um Rei ou um Deus,
paravam de prompto, abriam caminho,
curvavam as frontes tirando os chapeos.

Bons costumes são os das nossas aldeias que sabem ainda saudar o homem que é o seu anjo tutelar, o amigo, o compadre, o padrinho, a providencia de todos os seus visinhos, o *Portugal velho* emfim, que tentei desenhar em D. Martinho. Vão-se perdendo entre nós os originaes d'estes quadros; bom é que d'elles fique ao menos a memoria, que é sacrario das saudades.

Quanto seria justo para os seculos que foram, e util para as edades por vir, que poetas e pintores copiassem do natural, e recompozessem das lendas e tradicções os costumes e caracteres que vão naufragando nas ondas d'este estrangeiramento que nos ameaça; que nos invade, que nos engole, que nos mata!

Nas *Flores d'aldeia* foi este o meu intuito; poucochinhos são certamente os quadros que desenhei, mas préso-me de que todos são verdadeiros e conscienciosos. Creio até que sacrifiquei um pouco o poeta aos intuitos de historiador; não me arrependo. Não conheço nada mais poetico do que a natureza, nem mais attractivo, do que a verdade; no canto, como nas côres; na lira, como no pincel.

Pag. 53 ver. 8.

Na Cava de Viriato

Se eu me propozesse escrever sobre este monumento, de que Vizeu tanto e com tanta razão se ufana, não seria nas estreitas margens d'uma nota, mas numa larguissima memoria que o faria.

As recordações d'aquella extensa fortaleza circundada de grossissimas muralhas de terra, grande parte das quaes é já hoje hortas e searas; os largos fossos que a circunvalaram, razos d'agoa como um cinto de aço luzente, e de que hoje só uma pequena parte se encontra com o nome de—*Lago da Cava*—, marasmatico, turvo e quedo, como a derradeira lagrima d'um gigante morto; e emfim, longos queixumes ao municipio por presencear inerte e de braços cruzados aquella devastação ominosa, que dia por dia se está fazendo na mais formosa perola da nossa Beira, que brilhou engastada na coróa rustica do *Pastor do herminio*: tudo isto era para volumes.

Quem desejar ter uma larga noticia da *Cava* e d'outras antiguidades de Vizeu leia as memorias do meu patricio o sr. José de Oliveira Berardo, um dos mais eruditos antiquarios do nosso tempo, e achará leitura de valia.

O meu fim por agora é fazer notar aos meus leitores, que todos os logares em que se passam as scenas do meu poema, têem verdade historica e topographica:

A *Cava;* a *Quinta do bosque,* com a sua casa velha e a sua ermidinha situada atraz do *Giestal;* a *Balsa,* pequena povoação na margem esquerda do Pavia, ficando entre a Cava e a Quinta do Bosque; a capellinha do *Senhor da boa passagem,* no alto da *Via Sacra* a léste da cidade; o alto do *Vizo* no seguimento da estrada mais curta de Vizeu para Hespanha; depois a aldeia de *Parada; a casa de D. Martinho,* com o seu largo povoado de altissimos freixos, a sua *capella vistosa,* a sua cantaria de granito e as suas *janellas rasteiras;* a *Fonte da figueira,* hoje chamada *Fonte figueira;* a choça da nossa Anninhas, visinha do *Carvalho da avoenga,* a cuja sombra tantas vezes brinquei na minha meninice... (tiveram o estulto valor de o cortar! aquelle regalo dos rapazes! aquelle abrigo dos velhos! aquelle patriarcha do arvoredo! aquelle bisavô da aldeia!... Creiam-me; tenho saudades d'elle como as teria d'um amigo); emfim, a *cidade da Guarda;* a *Cruz da Faia;* as *Limpas de S. Paio,* o *Miradouro,* a

Sé; e a *Torre de Menagem,* hoje conhecida creio eu, pelo nome de *Torre dos Ferreiros.*

Lisboa, não a tinha visto ainda quando concluí o poema, e foi por isso que nem ao menos pude fallar naquella famosa *casa de D. Antão d'Almada* onde se fez a conspiração de 1640 de que foi chefe o Doutor *João Pinto Ribeiro.*

Pag. 63 ver. 4 e 5.

Não nos matou a força de Castella,
foi a nossa fatal desunião;

Assim o pensava tambem o *Abbade Vertot* quando escreveu a *Historia das revoluções em Portugal*; ibi — *Les portuguais peu unis entre eux* etc.

Pag. 78 ver. 1.

A porta rodára nos gonzos velleiros

Velleiros, é outro adjectivo não autorisado pelos mestres da lingua, mas muito usado na provincia para designar os gonzos ou engonços sobre que roda a porta sem difficuldade, e sem ranger; parece-me ser necessario, e o ter origem provinciana não é motivo para se desprezar.

Pag. 88 ver. 17 a 21.

Na patria de D. Duarte,
que circundou de muro o heroe do Herminio,
para deixar padrão ao seu valor,
Diogo de Macedo e de Albuquerque
era Corregedor.

Nem todos sabem que a Vizeu coube a honra de dar o berço a el-rei D. Duarte, e que ainda hoje na rua da Cadeia se mostra aos viajantes a casa em que elle viu a luz. Julguei a proposito dizel-o para clareza do texto, e por que é meu empenho não deixar de mencionar quanto possa dar lustre a uma terra que é quasi a minha patria.

Durante os sessenta annos da dominação castelhana entre os corregedores de

Vizeu, conta-se esse mau portuguez Diogo de Macedo e de Albuquerque, como se pode ver em inconcussos documentos que existem nos archivos municipaes.

Os muros de Vizeu chamaram-se sempre—*Muros de Viriato*

Pag. 142 ver. 25, e pag. 143 ver. 1.

A Madrid ha quatro dias
chegava da Catalunha...

É quasi ocioso lembrar aqui que um dos planos concebidos pelo conde Duque d'Olivares para enfraquecer Portugal era empregar nas guerras de Castella, especialmente na Catalunha, a flor dos nossos mancebos. Tirava-se o melhor sangue a este pobre paiz! a atrophia era de esperar!... Bons desejos enterram-se.

Pag. 154 ver. 6 a 8.

Era em abril, meus senhores,
que nossos paes no Seinal
Junto de Alcacer Seguer,

Facilmente se vê neste episodio que se passa numa manhã de Outubro, que estamos no anno de 1640 e que se prepara a revolução do 1.° de Dezembro. João Pinto Ribeiro sonda os animos e alimenta esperanças, tendo de tornar ambigua a sua linguagem para illudir a policia castelhana.

O que mais cumpre notar, é que tudo o que referi relativamente aos *bravos de Mazagão* e de Luiz de Loureiro, capitão general de *Mazagão* e de *Çafim* é rigorosamente historico, e que o são igualmente todos os nomes que no epizodio figuram. Parecia-me bem que se fizessem conhecer, quanto possivel, estas nobilissimas miudezas da nossa historia, que tanto conta e tão pouco se sabe!

Encontrei esta narração circunstanciada num livro que se guarda na *casa de Loureiro*, solar da familia d'este appellido. O livro é a narração miuda da vida de Luiz de Loureiro, commendador de S. Thomé de Penella, da ordem de Christo, do conselho do senhor rei D. João III, governador e capitão general das praças de Santa Cruz, de Cabo de Aguer, Çafim, Mazagão, Arzilla e Tangere; Adail Mor d'este reino.

Foi escripto por Lourenço Anastacio Mexia Galvão, e impresso em Lisboa no anno de 1782. Quem o ler poderá notar a exacção com que versifiquei a historia.

Pag. 167 ver. 15 e 16.

Ninguem póde já hoje duvidar
que o senhor de Bragança ahi conspira

Lede os annaes d'aquelles tempos e principalmente o que escreveu J. P. Ribeiro, e vereis quanto cuidado punha o gabinete de Castella em attrair a Madrid o Duque de Bragança, e com que bom conselho elle foi procrastinando a sua ida. Bem sabia o Conde Duque que direitos pertenciam a D. João de Bragança: possuir o reino, era muito; assenhorear-se do rei, cuidava elle que era tudo. Poucos mezes depois, Portugal era um reino e D. João IV não se lembrou de pagar a Filippe IV a visita que lhe ficára a dever o Duque de Bragança. Foi uma descortezia que D. Filippe nunca perdoou e no excesso da sua ira mandou que um fidalgo da sua corte reptasse o *rebelde* D. João de Bragança para um duello singular!!!...

Que boas cabeças nos governaram por 60 annos!

Ai, Cervantes! que gargalhadas que tu deste no outro mundo quando viste realisado o teu Quixote!...

Pag. 180 ver. 20 e 21.

Depois de dormir, jantar;
depois de jantar... partir.

Aqui, sim; aqui preciso de me justificar por ter apresentado tão bom um caracter que todos sem contradicção mencionam como tão máo.

Miguel de Vasconcellos sorrindo com bondade a um criminoso que tem de disfarçar-se cada dia e cada hora para não cair nas mãos da justiça!

Miguel de Vasconcellos o assassino, o algoz, o Caim de seus irmãos, o ministro inflexivel, o inimigo implacavel animando, protegendo um dos maiores inimigos de Castella!... E comtudo eu concebi assim o temido Miguel de Vasconcellos que foi um verdadeiro algoz d'esta nação.

Não creio que haja inverosimilhança.

Na historia dos perversos haveis de encontrar rasgos generosos que vos hão de espantar; o homem, embora seja presa do demonio, nunca deixa de ser filho de Deus. Podia citar mil exemplos do passado e do presente para provar-vos que até na mais tenebrosa alma penetra por momentos um raio de luz.

De mais, o modo por que D. Jayme se apresenta, podia por inesperado produzir uma surpreza salutar na alma sombria do Vallido.

Depois, quem vos diz que Vasconcellos era implacavel por indole? Não podiam circunstancias accidentaes ter-lhe entregado o cutello d'algoz ao pé do cadafalso da sua patria?

Quando elle era menino, não no arrancou o povo de Lisboa dos braços de seu pae? não lh'o trucidaram a seus pés? não lhe arrastaram á sua vista esse venerando cadaver ensanguentado pelo immundo lixo das praças e ruas?

Uma creança! uma creança é o terreno virgem, onde germina com espantosa rapidez, rebenta, cresce, e se desdobra em flores e fructos a semente do mal como a do bem.

A vingança semeada na infancia a enraizar-se e a vestir-se de gomos na adolescencia, a robustecer-se e a fructificar na virilidade, é, como todas as ruins paixões, um cancro d'alma que chega quasi sempre a ser reputado incuravel pela medicina moral.

Aquella semente foi regada com o sangue d'um pae!...

Que homem, d'entre os que se presam dê melhores, pode calcular como ficaria se visse matarem-lhe seu pae?!

Mas quando estas razões se não julguem sufficientes para os que veem uma natureza perversa em Miguel de Vasconcellos, ha uma razão politica que me parece justificar plenamente o seu procedimento para com D. Jayme; os *Cesares* estavam já desacreditados na côrte, e numa carta de Diogo Soares a Miguel de Vasconcellos, que foi achada no cartorio do Deão de Braga e publicada por Pinto Ribeiro, lá se recomenda ao Valido que não se fie nos Cesares que estavam desconceituados, e eram «*filhos d'aquelle pae que nós conhecemos.*» São palavras formaes.

Em vista d'isto ninguem deve estranhar que o *cruel* ministro protegesse D. Jayme contra os Cesares d'Aragão.

Pag. 222 ver. 10 a 13.

Confiscos, proscripções, prisão, patibulos,
as familias tornadas em prostibulos,
a festa em saturnal, o rizo em dôr.

Eram estas as instrucções da côrte de Hespanha; e se o pejo me não paralisasse a mão, transcreveria uma carta do mesmo Diogo Soares, instrumento cego e vil do Conde Duque, em que aconselhava a Vasconcellos a torpeza das torpezas e com a qual justificaria plenamente estes tres versos, especialmente o segundo:

as familias tornadas em prostibulos.

Isto era desde 1580 até 1640. Que seria hoje?

Lêde o que escreve todos os dias a imprensa d'aquelle paiz, e conhecer-lheheis o animo.

Álerta todos os portuguezes! Não é nobre despertar odios, mas é justo recordar a historia.

Sabeis para que escrevi este poema? para responder ás aspirações annexionistas da Hespanha, acordando o ecco d'aquelle formidavel — NÃO! — que fez estremecer o proprio Napoleão 1.° quando perguntou a um fidalgo portuguez se queriamos unir-nos á Hespanha.

FIM DAS NOTAS

ERRATAS.

Um catalogo de erratas é muitas vezes o epitaphio d'um livro, principalmente se forem correctivo ás estrophes d'um poema.

Sem pois apresentar o indice fatal de todas as erratas, notarei somente aquellas incorrecções que, se os meus escrupulos me não enganam, podem ser causa de obscuridades, que mais que tudo quero evitar.

Um só dos meus leitores que tenha a paciencia de ler esta advertencia, e queira transportar para o texto as indicações que nella deixo, paga o meu trabalho.

Pag. 3, ver. 5.

Por tantos loiros que te deram? magoas?

Deve ler-se:

Por tantos loiros, que te deram? magoas?

(Quanto val uma virgula!)

A pag. 18 ver. 13, a typographia compondo e imprimindo *vet'rano,* mutilou com a apostrophe uma palavra, e um verso.

Boa queijadada foi, mas eu como padrinho da lucta venho pedir que se cure a ferida, lendo-se:

na cinta do veterano

Pag. 42 ver. 3.

das mirradas flores d'alma.

Acabam aqui as *Flores d'alma,* e ninguem á primeira vista o dirá por falta d'um signal que o indique. No fim do verso faltam duas aspas, e haver maior espaço entre elle e os versos subsequentes. Leia-se assim:

O tiro que elle dispara
com fria gelada calma,
tem por bucha as folhas seccas
das mirradas flores d'alma.»—

A pag. 45, ver. 16, onde se lê:

já eu dormia a fartar!

leia-se:

já eu dormia... a fartar!

Na pag. 52, ver. 20, á palavra=*furto,*=furtou a imprensa a primeira lettra. Apesar do dictado:

Ladrão que furta a ladrão
tem cem annos de perdão,

eu não perdôo á imprensa nem cem minutos, se os meus leitores não restituirem todo o *furto,* lendo assim o verso:

Cheguei-me a furto, e baixinho

A pag. 64, ver. 5, imprimiu-se:

julga que é nobre aos nobres

e deve ler-se:

julgo que é nobre aos nobres

A pag. 133, ver. 7, onde se lê:

Como por entre um povo um trigre passa,

leia-se:

Como por entre um povo um tigre passa,

Tigre com um só *r*, não é mau; porem com dois é ferocissimo.

Pag. 148, ver. 10.

Na florescida mão da mocidade;

Deve ler-se:

Na floricida mão da mocidade,